

A faint, stylized illustration of a sunburst or starburst with multiple pointed rays, rendered in a light grey color, serving as a background for the title.

anne bishop
TEIAS DE
SONHOS

Tradução de Cristina Correia



JÓIAS

Branca
Amarela
Olho-de-Tigre
Rosa
Azul-celeste
Violácea
Opala
Verde
Azul-Safira
Vermelha
Cinzenta
Ébano-Acinzentada
Negra

Ao realizar a Dádiva às Trevas, uma pessoa pode descer até ao máximo de três categorias relativamente à sua Jóia de Direito por Progenitura.

Exemplo: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até à Rosa.

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS

MACHOS

Plebeu — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue.

Macho dos Sangue — um termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também todos os machos dos Sangue que não usam Jóias.

Senhor da Guerra — macho que usa Jóias cujo estatuto é equivalente ao de feiticeira.

Príncipe — macho que usa Jóias cujo estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa ou ao de Curandeira.

Príncipe dos Senhores da Guerra — macho que usa Jóias perigoso e extremamente agressivo; o respectivo estatuto encontra-se ligeiramente abaixo da Rainha.

FÊMEAS

Plebeia — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue.

Fêmea dos Sangue — um termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; habitualmente designa todas as fêmeas dos Sangue que não usam Jóias.

Feiticeira — fêmea dos Sangue que usa Jóias mas que não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Jóias.

Curandeira — feiticeira que cura ferimentos e doenças do foro físico; o seu estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa e ao de Príncipe.

Sacerdotisa — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testifica juras e casamentos; realiza dádivas; de estatuto equivalente ao de Curandeira e ao de Príncipe.

Viúva Negra — feiticeira que cura as mentes; tece as teias entrelaçadas de sonhos e de visões; é versada em ilusões e venenos.

Rainha — feiticeira que domina os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; como tal, é o ponto central da sociedade.

para
Debra Dixon
e
Annemarie Jason

LOCAIS MENCIONADOS NOS REINOS

TERREILLE

Askavi

Vale Negro – vale que é o território da Fortaleza

Pista dos Sangue

Ebon Askavi (também conhecida como Montanha Negra, a Fortaleza)

Pista de Khaldharon

Dhemlan

Paço dos SaDiablo

Hayll

Draega – capital

Ilhas Zuulaman

KAELEER

Arachna

Arcaria

Askavi

Agio – povoação dos Sangue em Ebon Rih

Pista dos Sangue

Doun - povoação dos Sangue em Ebon Rih

Ebon Askavi (também conhecida como Montanha Negra, a Fortaleza)

Ebon Rih - vale que é o território da Fortaleza

Pista de Khaldharon

Riada - povoação dos Sangue em Ebon Rih

Dea al Mon

Dharo

Dhemlan

Amdarh – capital

Halaway – povoação junto ao Paço dos SaDiablo

Paço dos SaDiablo (o Paço)

Ilhas Fyreborn

Glacia

Nharkhava

Scelt (shelt)

Maghre (ma-gra) – povoação

Sceval (she-VAL)

INFERNO (O REINO DAS TREVAS, O REINO DOS MORTOS)

Ebon Askavi (também conhecida como Montanha Negra, a Fortaleza)
Paço dos SaDiablo

NOTA DA AUTORA

O “Sc” nos nomes Scler e Sceval pronuncia-se “Sh”.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos a Blair Boone por continuar a ser o meu primeiro leitor, a Debra Dixon por ser a segunda leitora, a Laura Anne Gilman por me dar luz verde para traçar estas histórias e a Anne Sowards por acompanhar o livro do início ao fim, a Kandra pela sua infundável paciência em manter o sítio da Web e a Pat e Bill Feidner pelos jantares e gargalhadas e tudo o resto que os torna especiais.

TECEDEIRA DE SONHOS

Há muito, muito tempo...

1

A teia estremeceu face à violenta tempestade. O MundoAcima ribombava e lampejava, transformando a escuridão em claridade. Mas havia algo mais, algo *diferente* que tremulava através dos filamentos de seda. Algo que jamais sentira.

O MundoAcima voltou a ribombar e a lampejar. Nesse momento, ouviu-se um grito – um abalo terrível na teia – e um fragmento do MundoAcima tombou no Mundo, dilacerando, precipitando-se, bramindo, guinchando.

O Líquido Escuro salpicou-a, salpicou a teia, no exacto momento em que algo embateu junto ao centro da teia. Presa?

A fome venceu a hesitação. Apressou-se pelos fios, com a intenção de garantir a refeição antes de regressar à orla da teia, uma área mais segura e mais abrigada.

Mas *aquilo* era rijo e desprovido de carne. Na tentativa de penetrá-lo, ingeriu um pouco de Líquido Escuro e... invadiu-a, fluindo pelo corpo, cantando-lhe no interior.

Transformou-a.

Depois de remover os vestígios de Líquido Escuro, abandonou *aquilo* e apressou-se a regressar à orla abrigada da teia para aguardar que a tempestade amainasse.

2

Luz. E fome. Por carne, sem dúvida. Mas também por algo mais.

Deixando a teia, caminhou pelo Rugoso que se alongava pelo Mundo até alcançar o local onde o fragmento do MundoAcima tinha caído no Mundo. O Líquido Escuro ainda cantava dentro de si, tão baixinho que praticamente não se sentia, mas era suficiente para a guiar até mais Líquido Escuro.

Fixando um fio de apoio ao Rugoso, teceu seda. O Mundo estremecia enraivecido. O ar palpitava a mágoa e desalento... e a desejo ardente.

As patas tocaram no fragmento do MundoAcima. Rijo, como *aquilo* que tinha atingido a sua teia. Movendo-se com cautela, encontrou uma área onde o Rijo tinha sido esfacelado, revelando carne – e o Líquido Escuro.

Após ingerir tanto quanto conseguiu de Líquido Escuro, fincou as presas na carne e bombeou veneno nesse local. Só iria dissolver um pedaço ínfimo de carne, mas esse pedacinho iria sustentá-la.

Teceu uma teia apertada à volta da carne – e do Líquido Escuro que penetrava pela carne.

3

Em sonhos, desfraldou as asas e velejou pelas Trevas – uma imensidão exterior ao corpo, ainda que o corpo se tornasse a embarcação que a carregava; um poder alcançado pelo coração, pela mente e pelo espírito. Atravessavam-na os murmúrios da criação... e o silêncio da destruição. A sua raça descera em espiral pelos precipícios e desfiladeiros e por estranhos abismos ao longo de tantos anos que se perdiam na memória – e tinham compreendido que nunca chegariam a compreender este lugar que era, e não era, um lugar.

Em sonhos, a visão de teias reluzentes nas Trevas não a tinha ofuscado nem lhe tinha dominado a mente, não a tinha cegado face ao perigo da tempestade e alcançara as grutas desta ilha que escolhera como última morada. Contudo, as feridas provocadas pela tempestade eram fatais e as grutas encontravam-se a uma grande distância.

Não. Não era bem assim. Podia ter usado o seu poder para mover o corpo quebrado para as grutas, mas sentiu um pequeno toque, uma diminuta promessa de que o seu excepcional dom não se perderia se permanecesse naquele local.

E num sonho que era mais do que um sonho, enviou a última visão à sua mãe, Draca, mostrando à Rainha de que forma os novos protectores do mundo iriam conseguir percorrer as Trevas em segurança: teias de poder, cintilantes e coloridas, estendiam-se pela vastidão – caminhos que poderiam ser alcançados a partir dos Reinos.

Não conseguia explicar a razão pela qual a bela simetria da teia ressoava no seu âmago com tanta intensidade, porém, a imagem não se desvaneceu da mente, apesar da dor atroz que lhe arrebatava a carne. Do mesmo modo, também não conseguia explicar, enquanto errava entre visões e sonhos, a certeza que sentia de que algo próximo, algo ínfimo e dourado, iria reter o seu dom único.

Teria tempo. Tempo suficiente. Se esta Tecedeira latente desejasse o que tinha a oferecer-lhe.

4

Clareza... dia. Escuridão... noite. MundoAcima... céu. Rugoso...
árvore. Rijo... escama. Líquido Escuro... sangue. Carne...
Mágoa. Dor. Anseio. Necessidade. Esperança.
... dragão.
Ela... aranha. Ínfima. Dourada.

Momentaneamente distraída pelos estranhos pensamentos, a aranha retomou as suas tarefas: enrolou os restos esfarrapados da teia velha, bem como a presa abandonada, e teceu uma nova teia. Não o fez com o intuito de apanhar presas. Teceu para manter outras coisas afastadas da carne que não só a sustentava como lhe cantava sobre o que não sabia existir. O Mundo continuava a mudar à medida que absorvia a Tecedeira, mostrando-lhe o que era recente.

Mostrando-lhe o que era antigo.

Mostrando-lhe a Necessidade de Tecedeiras que tecessem sonhos dando-lhes formas que pudessem caminhar no Mundo, de Tecedeiras que soubessem tecer sonhos tornando-os carne.

Não compreendia esta Necessidade, mas era o que condimentava a carne que o veneno dissolvera de modo a ingeri-la. Por conseguinte, à noite, estando segura e aconchegada sob as escamas na concavidade criada pela sua alimentação, era arrastada pelos fios entrelaçados e sedosos dos desejos e sonhos do dragão – pelo que começou a aprender a forma de tecer uma espécie diferente de teia.

5

Quiçá as outras Videntes tivessem razão. Quiçá o seu dom em particular fosse demasiado perigoso para conceder aos novos protectores dos Reinos. Quiçá não existisse uma outra raça que pudesse, ou devesse, receber os mais profundos sonhos do coração e providenciar uma ponte para que esses sonhos se tornassem reais.

Porém, esses sonhos seriam necessários no mundo. Sabia disso com uma certeza inabalável. Seriam necessários – e era improvável que até o mais singelo desses sonhos viesse a existir pois não conseguira alcançar as grutas, tal como pretendia. Não faria a transição como os restantes membros da sua raça, transformando as escamas em Jóias que serviriam como reservatório

para o poder que os novos protectores não podiam conter nos seus pequenos e frágeis corpos. As Jóias que proviessem de si deveriam ser os recipientes que continham o seu dom e que transformariam o portador num Vidente com a capacidade de corporizar os sonhos. Agora...

Saberia a sua mãe que se encontrava encurralada nesta ilha, vulnerável e moribunda? Sentira o seu procriador, o grande Príncipe dos Dragões, a sua presença a extinguir-se? Sentir-se-iam desapontados por estar a tentar transmitir o seu dom a uma ínfima aranha dourada, em momentos de desalento e angústia?

Devia ter permanecido na montanha negra que era o covil do Príncipe e da Rainha. Devia ter-se enroscado numa das fundas cavidades na montanha, seguindo os membros da sua raça no sono eterno. Ao invés, seguiu uma visão de uma gruta repleta de sonhos – uma visão que nunca se concretizaria.

Em breve. Em breve. O corpo fraquejava. O poder esmorecia. Em breve, libertar-se-ia do mundo. Em breve.

Fechando os olhos dourados, deixou-se levar pelos sonhos.

6

Tanta mágoa deu à carne um sabor amargo, não obstante, a aranha permaneceu, escavando cada vez mais profundamente sob as escamas em busca de carne que ainda estava ensopada em sangue, que ainda estava fresca. E não estava completamente amarga. Quando o temerário macho se aproximou, indicando a disponibilidade para acasalar, a carne do Dragão tivera um sabor mais adocicado nesse dia, como se o acasalamento tivesse trazido memórias agradáveis à superfície.

Desejava que a sua prole se alimentasse desta carne que a estava a transformar em algo mais do que uma aranha, por isso tentou descobrir uma forma de alcançar as memórias, de ver os sonhos.

O Dragão já lhe tinha mostrado anteriormente. Por que motivo o Dragão não lhe mostrava agora?

Frustrada, trepou para a mandíbula do Dragão, fixou um filamento de seda e começou a criar uma teia. Mas ao fazê-lo, experimentou... sensações. Por isso, teceu-as na teia, ignorando o instinto e colocando os fios no lugar a que pertenciam. Mágoa. Sofrimento. Anseio. Necessidade. Esperança.

Ao viajar cautelosamente pelos filamentos da teia entrelaçada terminada, sentiu-se invadida por um fervor. Deteve-se, absorveu a sensação e acrescentou mais um pequeno fio. Júbilo.

Subitamente, vislumbrou as grutas, o lugar que o Dragão tenciona-

ra alcançar para os sonhos mais sublimes. E nessas grutas viu aranhas douradas, de dimensões muito superiores à sua, que teciam teias entrelaçadas.

Foi invadida por um som, débil e a extinguir-se.

Foste uma boa aprendiz disse o Dragão-fêmea. *Mas atenta nas minhas palavras, pequenina. Tens de defender as teias que teceres e que tornarão os sonhos em realidade. Essas teias serão estimadas por uma imensidade de seres uma vez que são tecidas com a magia que habita no coração. Mas outros virão com a intenção de destruir essa magia do coração, antes de ter oportunidade de tocar o mundo. Protege as teias... Tecedeira de Sonhos.*

O Dragão suspirou demoradamente... e fez-se silêncio.

7

A aranha dourada teceu o último fio da teia que preenchia o espaço entre a mandíbula e o ombro do Dragão. A maior parte da sua descendência já partira, aranhas normais que teceriam teias normais e que apanhariam presas normais. Mas as poucas que eram diferentes, iguais a ela, ficaram nas proximidades, aprendendo a tecer as teias entrelaçadas.

Apesar do tamanho da teia, apanhara um único e pequeno sonho, mas que mantinha um manancial profundo de anelo... e um travo a mágoa que estava, de alguma forma, ligado ao Dragão. Por isso, deu um puxão ao fio de anelo, enviando-o de volta ao coração de onde proviera.

Enquanto o dia dava lugar à noite, instalou-se na orla mais abrigada da teia – e magicou no sonhador.

8

O dia mal tinha tocado o céu quando sentiu uma Presença que ressoou na teia entrelaçada. Aguardou, sentindo o ligeiro estremecimento de passadas na terra, sentindo a alteração no ar.

Afim de contass, a minha filha consseguiu transsmistir o sseu dom.

A voz que fluiu pelo corpo da aranha carregava a sensação de Dragão, mas não era exactamente Dragão.

A Presença acercou-se da teia. A sua progénie puxou os filamentos das teias, tentando iludir a mente da Presença. Porém, a Presença não reagiu, não demonstrou qualquer sinal de ter sentidos os puxões e os murmúrios naquelas teias.

O ssangue canta ao ssangue disse a Presença, inclinando-se sobre a teia entrelaçada da aranha. *Recorda-te de mim.*

Num elo de fios entrelaçados caiu uma gota de sangue, uma conta resplandecente de poder.

A aranha aguardou até a Presença sair antes de correr até à oferenda para a devorar.

Foi invadida pelo poder, um poder ainda mais poderoso e magnífico do que o do Dragão.

Draca.

A Mãe do Dragão. A Rainha dos Dragões.

Recorda-te de mim.

Naquele dia, a aranha passou largas horas a afagar os filamentos da teia entrelaçada, a recordar-se do Dragão, a recordar-se da sensação de Draca. Não tinha forma de Dragão e ainda assim, era Dragão.

Esta teia de sonhos cumprira o seu objectivo. Draca deixaria de chorar pelo Dragão pois testemunhara que, da forma mais relevante, o Dragão permanecia no mundo. Pequena, agora, e dourada, mas permanecia no mundo.

A aranha cortou cuidadosamente os fios de suporte e, com igual desvelo, enrolou a teia num casulo. Desceu pelo pescoço e pelo ombro do Dragão até alcançar o orifício no peito.

Talvez fosse o que sucedia à espécie dos Dragões, ou talvez fosse uma réstia de magia que alterara a carne do Dragão transformando-a em rocha porosa coberta com escamas rijas em pedra. Dentro do Dragão existiam agora várias câmaras onde a aranha poderia tecer a primeira fase de uma teia, para depois escutar, em sossego e protegida, ao mesmo tempo que os mais poderosos sonhos do coração vagueavam ao seu encontro, guiando-a na criação da teia.

Chegaria o momento em que a aranha e a sua prole empreenderiam a longa viagem até às grutas onde as aranhas douradas protegeriam as teias de sonhos que ganhariam corpo. Mas ainda não tinha chegado esse momento.

Passou, com esforço, a abertura que conduzia a uma pequena câmara e puxou o casulo para dentro.

O corpo do Dragão tinha-se transformado em rocha oca, mas o coração não se decompôs como os restantes órgãos. Tinha-se transformado em rocha lisa. Sempre que a aranha vinha a esta câmara e passava uma perna nessa rocha, a câmara enchia-se de afecto e conseguia sentir o júbilo do Dragão, pois o dom da Tecedeira não se perdera.

Haveria de chegar o dia em que deixaria de sentir esse afecto e que a pedra não passaria de uma pedra. Quando esse dia chegasse, partiria. Contudo, mesmo nessa altura, o mínimo pedaço de memória do coração que pudesse restar não iria ficar só.

Antes de sair da câmara, teceu um pouco de seda e uniu o casulo do sonho de Draca ao coração de pedra do Dragão.

O PRÍNCIPE DE EBN RIH

Esta história decorre após os acontecimentos de Herdeira das Sombras

PRIMEIRO

Lucivar Yaslana encontrava-se na extremidade mais distante do pátio em laje da sua nova casa, desfrutando os primeiros raios de sol que começavam a aquecer as pedras sob os seus pés. Sentia o ar fresco da montanha na pele desnudada e o café acabado de fazer, que bebericava de uma simples caneca branca, tinha um sabor áspero, fazendo com que se crispasse. Não importava. O café poderia não possuir a potência suave conseguida pela D. Beale para a mesa do seu pai, mas não era pior do que o que fazia quando saía para caçar, passando a noite no campo. Não podia ser pior uma vez que fora feito da mesma forma.

Olhou por cima do ombro para a porta aberta que conduzia à toca de divisões que constituíam a casa alcantilada. Alguns dos quartos tinham sido esculpidos na rocha viva; outros foram construídos a partir da rocha extraída. O resultado seria um pesadelo para qualquer raça que necessitasse de linhas previsíveis e de ângulos numa estrutura, mas para os nascidos na raça eyriena, era perfeito.

E esta casa alcantilada era agora a sua casa.

Com um sorriso nos lábios, fechou os olhos dourados e inclinou a cabeça para trás de modo a sentir o sol no rosto. Abrindo lentamente as asas negras e com membranas, saboreou a sensação dos raios de sol e da brisa fresca que brincava com as asas e com a pele de tom moreno-claro.

Em mil e setecentos anos de vida, nunca tivera uma casa até há três anos, altura em que se reuniu ao seu pai – o homem que, através das intrigas de Dorothea, a Sacerdotisa Suprema de Hayll, viu os seus dois pequenos filhos serem-lhe levados. O homem que nunca esquecerá ou perdoará as traições que deixaram cicatrizes em todos.

Pese embora se sentisse feliz a viver nos aposentos do Paço dos SaDiablo, não deixava de ser a casa do pai. Este lugar era seu. Exclusiva e totalmente seu.

Yas?

Bem, talvez não fosse exclusivamente seu.

Enquanto bebia o café, Lucivar observou o lobo adolescente a trotar na sua direcção. O jovem estava preparado para deixar a alcateia que vivia nos bosques a norte da propriedade do seu pai, mas não quisera regressar ao Território a que a maioria dos lobos parentes chamava de casa. Berloque crescera junto aos humanos e queria aprender mais sobre eles, mas ainda não existiam muitos lugares onde os parentes selvagens pudessem viver em segurança nos Territórios humanos – e ainda não existiam muitos humanos para além da corte de Jaenelle Angelline, que se sentissem confortáveis com a ideia de viver junto a animais com os mesmos poderes dos Sangue humanos. Visto que possuía agora muito terreno para um lobo deambular, era fácil partilhar o espaço.

Berloque, pensou Lucivar, erguendo a caneca para ocultar o sorriso. *Que raio de nome é Berloque para um lobo Senhor da Guerra?* — Bom-dia. Farejaste algo interessante?

Sim. Yas, não estás a usar a pele de vaca.

— Chama-se cabedal. — Berloque sabia-o perfeitamente. Os humanos tinham preconceitos e os parentes não lhes ficavam atrás. Se conseguissem descrever algo fazendo referência ao animal de onde provinha, ignoravam a palavra humana para o produto final. Viam o mundo da sua própria perspectiva peluda, o que era justo, julgava Lucivar, uma vez que não existiam duas pessoas, quanto mais duas espécies, que vissem o mundo à sua volta da mesma forma. — Neste momento não preciso de vestes. Está uma bela manhã, estamos sozinhos aqui no alto e não creio que os habitantes do vale me possam ver.

Mas, Yas...

Foi então que sentiu. Alguém tinha subido as escadas em pedra desde a área de desembarque mais abaixo e atravessara o escudo do perímetro que colocara ao redor da casa alcantilada. O escudo não tinha como objetivo manter as pessoas à distância, servia simplesmente como alerta caso alguém se aproximasse.

Ao voltar-se na direcção do intruso, Helene, a governanta do seu pai, subiu a correr os últimos degraus, detendo-se repentinamente ao chegar ao pavimento em lajes, dando de caras com Lucivar.

— Bom-dia, Príncipe Yaslana — disse, educadamente.

— Helene — respondeu com igual educação, ainda que forçada – especialmente ao ver a dúzia de criadas que trabalhava no Paço e que surgiram no cimo das escadas, lançando-lhe um olhar rápido mas de aprovação, antes de se dirigirem à casa alcantilada.

Bem, pensou Lucivar com azedume, *encheram os olhos e passarão uma*

manhã animada. — O que te traz aqui, Helene?

— Agora que os homens terminaram os restauros que o Senhor Supremo julgou necessários para tornar a antiga casa alcantilada do Príncipe Andulvar novamente habitável, viemos dar-lhe uma boa limpeza.

— Já limpei a casa.

Helene emitiu um som que transmitia o que achava das suas capacidades para limpar *o que quer que fosse*. Mas assim eram as feitiçeras domésticas. Se não reluzisse, cintilasse ou brilhasse, não estava limpo. Não importava se as paredes em pedra não tivessem obrigação de reluzir, cintilar ou brilhar.

— Tudo bem — disse Lucivar, consciente de estar encurralado e que argumentar seria uma perda de tempo. — Vou vestir-me para te mostrar...

Helene acenou a mão com indiferença. — Como é bom de ver, estáveis a desfrutar a linda manhã. Não vejo motivos para deixardes de o fazer. Estou certa de que conseguiremos dar com tudo. O que houver — acrescentou em voz baixa.

Cerrou os dentes, esperando que Helene julgasse que sorria. — Não quero ser uma distração.

Helene deu-lhe uma olhadela de alto a baixo. — Não sereis.

Lucivar limitou-se a fitá-la, demasiado atordoado para conseguir pensar numa resposta.

Helene fungou delicadamente. — Não vou dizer que já vi melhor, mas já vi igual.

Quem? Só se conseguia lembrar de um homem a quem Helene pudes-se apanhar de surpresa.

Enquanto Helene se dirigia para a porta, ouviu-se outra voz feminina que vinha das escadas: — Venham, senhoras. Não queremos atrapalhar muito o dia do Príncipe.

Helene virou-se para as escadas, com um brilho de contenda nos olhos, ao mesmo tempo que Merry saltava os últimos degraus, deparando-se com Lucivar. Juntamente com o marido, Briggs, Merry geria uma taberna e uma estalagem em Riada, a povoação dos Sangue mais próxima, localizada no vale.

— Oh, céus — exclamou Merry, em sinal de aprovação. Foi então que reparou em Helene e o brilho nos seus olhos não pressagiava uma manhã pacífica.

— Senhora — disse Lucivar, perguntando-se se iria começar o dia a pôr termo a uma rixa à porta da sua casa.

— Viemos limpar a casa alcantilada do Príncipe — disse Merry com rigidez, indicando as mulheres que ocupavam as escadas atrás de si.

— Para lhe dar as boas-vindas a Ebon Rih uma vez que passará a viver aqui.

— Estou certa que o Príncipe Yaslana ficará grato pelo gesto, mas eu trouxe algum do meu pessoal do Paço para dar conta do recado — respondeu Helene.

— Senhoras.

— Não há necessidade de deixares os teus outros afazeres. Nós tomamos conta dele. Ele agora é o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih — disse Merry.

— Não é por isso que deixa de ser filho do seu pai — ripostou Helene, subindo o tom de voz.

Fogo do Inferno! Estavam a abespinhar-se como duas cadelas dispostas a lutar por um osso carnudo – e *não* iria ser o prémio de quem quer que saísse vencedora.

— ... e eu não admito que se diga por aí que um dos filhos do Senhor Supremo está a viver na imundície — continuou Helene.

Lucivar rangeu os dentes. Imundície? *Imundície*? Instalara-se na casa alcantilada há dois dias. Não fora tempo suficiente para que se acumulasse *imundície*. — *Senhoras*.

Viraram-se para Lucivar e, após escrutiná-las tal como o faria com qualquer adversário, engoliu sensatamente a sua fúria crescente. Helene trabalhava para o seu pai e uma vez que continuaria, sem dúvida, a visitar o Paço, dizer-lhe para se ir embora seria um insulto com o qual não pretendia viver. E Merry confeccionava as melhores empadas de carne que alguma vez provara. Se *lhe* dissesse para se ir embora, passariam anos, quiçá, até voltar a ter uma fatia de empada de carne nas mãos.

Por fim, Helene virou-se para Merry e disse: — Ainda que a tua pretensão seja a mais recente, não deixa de ter a mesma validade. Há trabalho que chegue para todas.

Merry anuiu e bateu palmas. — Venham daí, senhoras. O trabalho aguarda-nos.

Quatro das mulheres que acompanhavam Merry eram casadas ou, pelo menos, tinham amantes reconhecidos. As outras sete eram mais jovens e descomprometidas – e teriam caminhado ainda com maior lentidão se Merry e Helene não as tivessem conduzido para o interior da casa.

Aquando da sua condição de escravo em cortes terreilleanas, era frequentemente despido e exibido para gáudio da Rainha que controlava o Anel de Obediência. Nunca sentira necessidade de sorrir de modo educado enquanto estava a ser devorado com os olhos. Contudo, aqui estava, sorrindo – a mostrar os dentes, pelo menos – enquanto Helene empurrava a última feiticeira para dentro, fechando a porta atrás de si.

Sentia a raiva a dançar no estômago, retorcendo-o e dando-lhe nós. Fechou os olhos e segurou com força a trela da fúria. Tinha um temperamento explosivo que lhe fora de grande utilidade quando servira em Terreille, mas aqui era diferente. Não fora forçado a despir-se. Estava na rua por vontade própria e se as mulheres que chegaram repentinamente apre- ciaram a vista que proporcionara, não as podia culpar por esse facto.

Graças às Trevas que nenhuma tentara tocar-lhe. Não estava certo como reagiria se alguma tentasse.

Não. Não era verdade. *Sabia* como reagiria. Simplesmente não saberia explicar o facto de ter partido o braço de uma mulher por um toque que todas julgariam inofensivo, ou, na pior das hipóteses, representativo de um convite.

Yas? O chamamento de Berloque através de um fio psíquico soava hesitante, ligeiramente receoso.

Virando-se, Lucivar olhou para o jovem lobo. — As mulheres dão-me dores de cabeça.

O medo foi substituído pela confusão. *Dor? Mas não te morderam. Porque sentes dor?* Após uma pausa, Berloque acrescentou: *Posso lam- ber-te para ficares melhor.*

Talvez não tivesse sido unicamente pelo Berloque que se oferecera para partilhar a casa com um lobo, Lucivar chegou à conclusão enquanto os nós no estômago se desatavam. Não havia maneira de saber o que os parentes iriam assimilar do comportamento humano, decidindo adoptá-lo. Obviamente, Berloque decidiu que a versão dos lobos de “dar um beijinho para ficar melhor” era a resposta adequada a esta situação.

— Não, obrigada — disse Lucivar, afastando-se da casa alcantilada para caminhar pela erva salpicada de pedras, que outrora poderia ter sido um relvado ou um jardim. Bebeu um generoso trago de café e praguejou. Além de áspero ao ponto de arranhar, estava agora frio.

Reparando na forma como Berloque farejava o ar, Lucivar fez um ges- to que indicava “avança” com uma das mãos. — Vai lá. Toca a explorar. Se ficares por aqui, vão acabar por te lavar e dar lustro.

Também vens?

Ainda não tinha tido oportunidade de percorrer o terreno que circun- dava a casa alcantilada e absorver as sensações, mas ausentar-se agora iria parecer uma fuga – o que contrariava a sua natureza de Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra, que nunca fugia de uma batalha. — Vai lá. Eu ten- nho de vigiar o que aqui se vai passando.

Enquanto observava Berloque a saltitar, afastando-se para marcar o território que era a sua casa, sentiu o peso da casa atrás de si, perguntan- do-se se poderia considerar-se *mesmo* uma fuga ao desaparecer de vista,

enquanto aquelas mulheres lhe atravancavam a casa. Além do mais, se a sua presença não representava uma distração do fascínio dos baldes e das esfregonas, a sua ausência também não seria notada. O que deveria ser do seu agrado. O facto de tal não suceder era uma contrariedade na qual ponderaria posteriormente.

— Poderia desejar-te um bom dia — proferiu uma voz grave e divertida, — mas não creio que seja apropriado.

Virando-se, observou o homem esguio, de pele morena, a atravessar o campo de ervas salpicado por pedras com uma graça felina. O movimento erguia as bainhas da capa preta pelos joelhos, revelando o forro escarlate e proporcionando rasgos de cor que acentuavam o casaco e as calças negras.

O seu irmão Daemon movia-se com a mesma graça felina.

Tentava não pensar muito em Daemon, tentava não conjecturar com muita frequência se o seu irmão teria encontrado a saída da loucura a que os Sangue davam o nome de Reino Distorcido. Nada podia fazer por Daemon, onde quer que se encontrasse.

Afastou esses pensamentos e concentrou-se no homem que se instalava numa pedra que o tempo e os elementos tinham desgastado, transformando-a num assento natural. Era um homem belo, no fim do seu apogeu, cujo cabelo negro estava grisalho nas têmporas e cujos olhos dourados eram circundados por finas rugas – um macho aristocrata haylliano que estaria como peixe na água numa festa mas que num campo de batalha não saberia como agir.

As aparências enganam. Este era Saetan Daemon SaDiablo, Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra, que era o Príncipe das Trevas, o Senhor Supremo do Inferno, o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, o Administrador da Corte das Trevas em Ebon Askavi... e o seu pai.

Era o último título que preocupava Lucivar. Não existiam regras claras no que respeitava a filhos lidarem com os pais. Não é que ligasse muito a regras, mas seria agradável saber quando estava prestes a fazer algo que pisasse os dedos de Saetan e que levaria a embrenharem-se numa discussão acesa. Na verdade, sabia-o. Sempre que Jaenelle dizia: “Lucivar, tenho uma boa ideia” e sempre que alinhava, podia ter a certeza de que acabaria no gabinete de Saetan para ouvir um virulento sermão. Tanto pior se gostava de enfrentar o pai tanto quanto apreciava meter-se em sarilhos com a feiticeira de cabelo louro e olhos azul-safira que era a filha adoptiva de Saetan – e, por conseguinte, a sua irmã. O facto de Jaenelle ser a Rainha de Ebon Askavi e de ambos servirem no Primeiro Círculo da sua corte acrescentava picante aos seus confrontos ruidosos.

— Não tenho nada a ver com isso, mas estou curioso — disse Saetan. — Por que motivo estás aqui fora a exhibir os teus atributos?

— Estou aqui fora porque a minha casa foi invadida por duas dúzias de mulheres munidas de vassouras e baldes...

— Duas dúzias? Não me tinha apercebido de que Helene se tinha feito acompanhar de tantas mulheres do Paço.

— Não se fez acompanhar de tantas mulheres. Algumas mulheres de Riada apareceram logo a seguir a Helene. E era assim que estava vestido...

—... ou despido — murmurou Saetan.

—... quando apareceram. — Lucivar engoliu outro gole de café e estremeceu. — E vestir-me depois de me terem garantido de que não representaria uma distração pareceu-me que seria... uma gabarolice.

— Compreendo. Quem te disse isso?

— A Helene. Disse que já tinha visto outros de qualidade idêntica. — Lucivar mirou o pai.

Saetan abanou a cabeça. — Não, senhor. Não me irei submeter a uma competição de cuspidelas só para te satisfazer a curiosidade. Além do mais, já me viste desnudado.

Era verdade, mas reparara unicamente que Saetan parecia estar em excelente forma para um homem que já vira passar mais de cinquenta mil anos. Não prestara atenção aos pormenores.

— Com que então a Helene disse que não serias uma distração? — perguntou Saetan, com um ar ainda mais divertido. — E o que te levou a acreditar?

— Bem, fogo do Inferno, é a tua *governanta*.

— E é também uma mulher no seu auge que, na verdade, só é uns séculos mais velha do que tu.

Lucivar fitou Saetan, pasmado. — *Mentiu-me?*

Os olhos dourados de Saetan brilharam de riso abafado. — Deixa-me explicar-te desta forma: o chão não será varrido mas as tuas janelas serão as mais limpas de Ebon Rih – pelo menos deste lado da casa.

Lucivar girou sobre si próprio. Rostos femininos estavam espalmados contra cada janela, observando-o. Oh, também se viam panos de limpeza pousados nos vidros, mas estavam inertes... até as mulheres se aperceberem que tinham sido detectadas. *Nessa altura*, começou uma limpeza desenfreada. Praguejando baixinho, fez desaparecer a caneca e invocou um par de calças de cabedal por meio da Arte. Enquanto as vestia, resmungava: — Era mais fácil quando podia usar os punhos. Se fosse em Terreille, teria mandado todas pela montanha abaixo.

— Podes fazê-lo.

Ficou surpreso quando as palavras o magoaram.

— És o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih — explicou Saetan calmamente. — Aqui és lei e não respondes perante ninguém a não

ser a Rainha. Se quiseses usar os punhos, ninguém te impedirá. Ninguém te *conseguirá* impedir, uma vez que usas as Jóias Ébano-Acinzentadas.

— Então e o código de honra pelo qual te reges e que insistes que seja seguido na corte? — ripostou Lucivar, deixando que a fúria cavalgasse a crista dos sentimentos magoados. — O que aconteceu às linhas que separaram o que um macho dos Sangue pode e não pode fazer? Se as magoar sem uma razão plausível, que mensagem passarei aos outros homens? Que podem atacar face à mais pequena coisa? *Servimos*. Somos defensores e protectores. Já feri mulheres e já matei mulheres. Eram o inimigo e a corte o campo de batalha. Mas *não* serei o tipo de homem temido pelas mulheres com receio de serem maltratadas.

— Bem sei — retorquiu Saetan. — Cabe-te a ti decidir o que é aceitável ou não em Ebon Rih e serás protector e defensor. Ainda que tenhas um temperamento volátil, ainda que as tuas reacções sejam maioritariamente físicas, nunca me preocupeis que pudesses magoar a assembleia. Se te empurram, tu também empurras. Não é necessariamente mau. Estou certo de que, nos últimos três anos, alturas houve em que sentiste a pressão e recordaste com demasiada clareza como era a vida em Terreille, mas não atacaste automaticamente. Não será agora que o farás.

A fúria amainou, mas continuava com os nervos à flor da pele. — Assim sendo, o que te levou a dizer tal coisa?

Saetan sorriu. — Porque tens de te ouvir a ti próprio a impor os limites. És o macho vivo mais forte deste vale. O membro mais forte dos Sangue, independentemente do género, quando Jaenelle não se encontra na Fortaleza ou na sua casa de campo. Todo esse poder não é fácil de gerir.

Saetan sabia-o, pensou Lucivar. Usava as Jóias Negras. Até Daemon ter realizado a Dádiva às Trevas e ter obtido a Negra, Saetan fora o *único* macho a usar essa Jóia, em toda a história dos Sangue. Se havia alguém que sabia o preço que advinha com tanto poder, esse alguém era o Senhor Supremo.

Lucivar olhou de relance para a casa alcantilada. — O que devo fazer em relação àquelas mulheres?

— Contrata uma governanta.

Crispou-se. — Fogo do Inferno. Dessa forma, terei uma fêmea no meu caminho a toda a hora.

— Do meu ponto de vista, podes optar entre uma feiticeira doméstica ao teu serviço ou lidar com este grupo duas ou três vezes por semana.

Lucivar ficou sem forças nos joelhos. — Duas ou três... *Porquê?* Quantas vezes conseguirão polir os mesmos móveis?

Saetan limitou-se a olhá-lo condoído. — Se contratares uma governanta, a tua casa será o seu domínio e, se valer o que lhe pagares, demons-

trará um sentimento territorial que a levará a lidar com a ajuda indesejada, sem que tenhas de mexer uma palha.

Não parecia assim tão mau. Contudo, suspirou. — Não sei como contratar uma governanta.

Saetan levantou-se e ajeitou as pregas da capa. — E se fôssemos até à Fortaleza e discutíssemos o assunto ao pequeno-almoço? — Olhou para trás, para a casa alcantilada. — Ou estavas a pensar em ficar e envolveres-te na contenda sobre quem o iria preparar para ti?

— Eu sei preparar o raio do meu pequeno-almoço.

— Podes tentar, rapazolas, mas estás em desvantagem.

Oh, claro. Se voltasse agora para casa, *alguém* iria ficar irritado antes de conseguir sequer aproximar-se de uma torrada, quanto mais de algo mais substancial. — Vamos até à Fortaleza.

— Uma decisão sensata.

Enquanto caminhavam na direcção da casa alcantilada para informarem Helene, Lucivar disse: — Se sou tão sensato e tão poderoso, diz-me lá outra vez por que raio tenho de contratar uma governanta que não desejo?

— Porque não és tolo — respondeu Saetan. — E tendo em conta as opções, só um tolo aguentaria esta situação mais do que seria obrigado.

— Isto é mais do que esperava quando Jaenelle me nomeou Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih.

— Tudo tem um preço. Este é o preço que tens de pagar. Enfrenta-o.

Lucivar suspirou e rendeu-se. Teria de tolerar a presença de uma feiteirazita doméstica no seu caminho. Quão desagradável poderia ser?

SEGUNDO

Saetan desceu da carruagem e afastou-se do Paço, apreciando alguns minutos do ar fresco da noite. Fora muito agradável acompanhar Sylvia à estreia do seu filho mais velho no teatro. Testemunhar o seu desempenho como “Rainha a apreciar uma produção amadora encenada pelo grupo de teatro da sua povoação” fora mais divertido do que a própria peça. Ninguém teria adivinhado que era uma mãe nervosa – a não ser que estivesse a agarrar a mão dessa pessoa e a apertar-lhe os dedos até ao estado de dormência sempre que Beron surgia no palco.

Apreciava o tempo que passava com Sylvia. Por vezes, entravam em conflito, mas ela oferecera-lhe apoio e compreensão – e, ocasionalmente, uma língua afiada – ao longo da adolescência de Jaenelle e tinham-se tornado amigos durante esse processo. Por isso, era um prazer acompanhá-la quando precisava da companhia de um amigo que não esperava que agisse como Rainha de Halaway.

Porém, também se produzira uma dor abafada no seu âmago enquanto observava o rosto de Sylvia que admirava o filho, ao ver-lhe os olhos brilhar de orgulho e ao lembrar-se das ocasiões em que a sua mulher, Hekatah, se sentara a seu lado numa representação amadora, com o rosto marcado por uma indulgência entediada ou em que a cadeira a seu lado permanecia vazia por não querer comparecer em algo tão corriqueiro – nem por um dos seus filhos.

Quando se tinham conhecido, Hekatah representara um papel que igualaria qualquer atriz num palco. Levou-o a acreditar que o amava. Contudo, jamais amou o homem mas tão-somente o poder obscuro que detinha. Nunca amou os filhos. Nunca amou nada nem ninguém para além dela própria e da sua ambição.

Afastou esses pensamentos, tal como afastava tantos outros. Não queria pensar em Hekatah e num passado remoto – mas que ainda magoava.

Era preferível que entre si e Sylvia não pudesse existir mais do que uma amizade. Como Guardião, era um dos escassos membros dos Sangue que vivia na linha entre os vivos e os mortos de modo a prolongar a vida até um número incalculável de anos. Porém, tudo tem um preço e o mero peso dos anos que vivera tinham sufocado a libido.

Tanto melhor. Podia proteger o coração enquanto fosse amigo de Sylvia. Se tivesse sido possível tornarem-se amantes...

Demasiados anos os separavam. E Saetan era quem era e o que era.

Era melhor assim. Repetiria esta frase para si mesmo. Quem sabe se um dia viria a acreditar.

Mal entrou no Paço, Sylvia fugiu-lhe do pensamento ao deparar-se com Beale, o seu mordomo, a aguardá-lo. Não era invulgar, tirando o facto... de que algo não estava bem. Faltava alguma coisa.

Abriu os sentidos psíquicos, pesquisando, sondando. Demorou um pouco pois o seu odor psíquico estava infiltrado nas paredes do Paço dos SaDiablo, mas ficou a saber o que faltava. *Quem* faltava.

Contudo, a expectativa nos olhos dourados de Beale não tinha ares de ansiedade, por isso Saetan despiu a capa e, mediante a Arte, fê-la desaparecer antes de proferir a declaração inicial neste jogo de xadrez verbal. — Boa-noite, Beale.

— Senhor Supremo — respondeu Beale. — A noite foi agradável?

— Sim, foi. A peça era encantadora.

— E o jantar?

Ah. — Foi muito bom. Mas longe do nível da D. Beale, é claro.

— É claro.

Agora que tinha respondido a Beale da forma esperada – e a única aceitável –, o mordomo estava preparado para prosseguir para o que achava um nadinha mais importante – como o paradeiro da sua filha e Rainha.

— A Senhora foi para Fortaleza há cerca de uma hora — informou Beale. — Deixou-vos uma mensagem na secretária do vosso gabinete.

— Obrigado.

— Se nada mais desejardes, Senhor Supremo, vou trancar as portas e recolher-me.

Saetan abanou a cabeça. — Nada desejo. Boa-noite, Beale.

Caminhou até ao fundo do salão principal e deteve-se à porta do gabinete para observar Beale a trancar as portas da frente. Na verdade, não era uma precaução necessária visto existirem outras formas de salvaguardar as pessoas e os objectos que estimava. Mesmo com esses feitiços de protecção era relativamente simples entrar no Paço. Sair já era outro assunto.

Entrou no gabinete e lançou um pensamento dirigido ao candeeiro da secretária. A luz brilhou suavemente. Pegou na metade de folha de per-

gaminho que fora dobrada em três partes e selada com gotas de cera preta, invocou os óculos em meia-lua, abriu a mensagem e leu.

Saetan:

Encontra-te comigo na Fortaleza ao amanhecer. Os conhecimentos do Senhor Supremo serão imprescindíveis.

Jaenelle

Fazendo desaparecer o papel e os óculos, ficou a olhar para o vazio durante um momento antes de extinguir a luz do candeeiro e sair do gabinete. Enquanto atravessava o salão principal até à sala de recepções informal para subir as escadas que levavam à ala da família, sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo. Sabia o tipo de conhecimentos de que Jaenelle necessitava do Senhor Supremo do Inferno. Só não sabia a razão.

Ao chegar aos aposentos de Jaenelle, bateu à porta da sala de estar. Não esperava uma resposta uma vez que estava ausente, mas aquele acto era um hábito – e uma precaução visto que alguns dos Príncipes dos Senhores da Guerra parentes que a serviam eram ferozmente protectores.

Ao abrir a porta, a raiva gélida presente no quarto deteve-o antes de dar o primeiro passo. Cerrou os dentes e avançou, cada passo um teste à sua força de vontade, até ficar de frente para a mesa, olhando para a razão pela qual Jaenelle recusara o convite de Sylvia para a peça.

As cortinas não tinham sido corridas e o luar era suficiente para dar uma tonalidade prateada à seda de aranha no quarto escuro.

Uma teia entrelaçada. O género de teia que as Viúvas Negras usavam para ver sonhos e visões. Para além de Rainha, Jaenelle era também Viúva Negra natural e Curandeira. Esta rara combinação de dons tinha-a tornado numa feiticeira extraordinária. As Jóias Ébano que agora usava – Jóias indicadoras de um poder que Saetan nem sequer conseguia calcular – faziam dela a feiticeira mais poderosa – e a mais letal – na história dos Sangue.

Não tinha cortado os fios. Não tinha destruído a teia. Deixara-a intacta, ciente de que vivia outra Viúva Negra no Paço que poderia olhar para a teia e ver a mesma visão. Saetan.

Como não era exactamente um convite para a observar, mas uma oferta tácita para o deixar ver o que Jaenelle vira, virou-se e saiu da sala. Bastava saber que o que quer que tivesse visto produzira a raiva gélida que perdurava na sala.

Enquanto fazia o mesmo caminho de volta através dos corredores e pelas escadas, invocou a capa preta e colocou-a sobre os ombros, prendeu a corrente prateada que a segurava à frente e sacudiu o tecido para que as bainhas da frente se dobrassem de modo a revelar o forro escarlate. Não se

deu ao trabalho de destrancar as portas da frente. Limitou-se a usar a Arte para atravessar a madeira.

Uns momentos mais tarde, alcançou a teia de desembarque em pedra defronte do Paço, apanhou o Vento Negro e viajou pelos caminhos psíquicos através das Trevas até Ebon Askavi.

Apesar da distância que separava o Paço em Dhemlan e a Fortaleza em Askavi, não demorou a chegar à Fortaleza. Saltou dos Ventos, surgindo na teia de desembarque mais próxima da secção habitacional da montanha. Não era a zona que albergava os eruditos quando vinham à Fortaleza estudar os livros existentes na biblioteca, mas a parte da Fortaleza reservada para a Rainha e respectiva corte.

Não ficou surpreendido por ver Draca a aguardá-lo ao chegar à primeira sala comum. Era a Senescal da Fortaleza. Sempre fora Senescal da Fortaleza. E há muito, muito tempo, fora a Rainha dos dragões que, quando o tempo da sua raça no mundo atingira o término, despojara-se do seu poder largando as escamas. As fêmeas tocadas por essas escamas tornaram-se os primeiros membros dos Sangue, herdando um poder vetusto para se tornarem as novas guardiãs dos Reinos. Presentemente, o seu aspecto era humano e antiquíssimo, contudo, a qualidade reptilínea das suas feições amedrontava a maioria das pessoas.

Mesmo enquanto caminhava na sua direcção, a sua mente já estava a propalar-se, a demandar, a sondar. Sentiu a fúria a aguçar-se por não encontrar o que procurava. Mas estava na Fortaleza e na presença de Draca por isso controlou a raiva crescente... e o temor.

— Draca — disse, fazendo uma ligeira vénia quando parou à frente da Senescal.

— Ssaetan — respondeu Draca, inclinando a cabeça em sinal de respeito com que raramente agradava alguém.

— Jaenelle pediu-me para me encontrar com ela aqui. Onde está?

— Esspera-voss ao amanhecer, Ssenhor Ssupremo.

— Estou aqui e agora. A minha filha não está.

— A Rainha desslocou-se à Fortaleza em Terreille.

A raiva inflamou-se para logo se tornar gélida. Compreendeu a distinção de Draca, ouviu o aviso presente, todavia, não deixou de se virar, com a intenção de se dirigir ao Altar das Trevas no interior da montanha – um dos treze Portões que ligavam os Reinos de Terreille, Kaeleer e Inferno.

— Ssenhor Ssupremo.

Deteve-se e olhou por cima do ombro. — Não. Terreille é território inimigo. Não devia estar nesse local e certamente não devia lá estar sozinha.

— A Fortaleza está protegida.

Sabia-o, pese embora a necessidade de proteger – uma necessidade que fazia parte daquilo que tornava um Príncipe dos Senhores da Guerra tão mortífero – estivesse a crescer no seu interior até já não conseguir pensar em mais nada, até não conseguir sentir mais nada para além do impulso de defender a sua Rainha.

— Ssaetan.

Séculos de adestramento fizeram-no hesitar.

— Ssó voss espera ao amanhecer.

Deu-se uma feroz batalha interior, os instintos a debaterem-se com o adestramento.

— Vinde — disse Draca, com uma voz afável e compreensiva. A porta da sala comum abriu-se sem um som, sem o toque de qualquer mão. — Ssolicitarei que voss tragam yarbarah. Quando a vossa presença for necessária, esstareiss nass proximidadess.

Fechou os olhos. Fôlego a fôlego, saiu da orla assassina, o estado de espírito que despojava os Príncipes dos Senhores da Guerra do revestimento de comportamento civilizado – e que era uma parte intrínseca da sua natureza. Quando se assegurou de que não reagiria atacando com intenção letal, abriu os olhos e disse: — Agradecido. Aceitarei um copo de yarbarah de bom grado.

Passou por Draca e entrou na sala de estar, com a sensação de estar a entrar numa jaula. De certo modo, assim era. Porém, escolhera obedecer e era isso que tornava a permanência nesta sala tolerável.

Retirou a capa, deixou-a cair numa cadeira e caminhou para as janelas que davam para um dos muitos jardins. Ouviu um criado entrar e pousar o vinho de sangue e um copo numa mesa, mas manteve o olhar focado no jardim... e no céu nocturno. E aguardou a passagem das longas horas até ao amanhecer.

TERCEIRO

Ouvindo as vozes para lá da cozinha, Marian olhava para a massa que pingava da colher de pau para a malga, sentindo-se nervosa não fosse o barulho surdo de uma colher contra a malga chamar a atenção para si própria. Não era provável que alguém ouvisse barulhos na cozinha se continuasse a preparar o pequeno-almoço. Ninguém na família dava pela sua presença a não ser se precisassem de algum tipo de Arte doméstica. Contudo, havia algo na ira e desespero presente na voz adúladora do pai e na contrariedade tensa na da mãe que a levou a juntar as asas ao corpo numa atitude defensiva, desejando passar despercebida.

— Fogo do Inferno, mulher — disse o pai, o tom de voz a subir. — Não é pedir muito. Este recado tem de ser feito e já.

— E não pode esperar pelo pequeno-almoço? Uma das raparigas...

— Não. — Pausa. — Uma Sacerdotisa em estágio e uma Curandeira em estágio não podem dispensar tempo valioso dos seus estudos em frivolidades. Além disso, Marian não está ocupada com nada importante. Não darão pela sua falta.

Marian premiu os lábios ao olhar para os biscoitos prontos para o forno. Não iria permitir que as palavras do pai a magoassem esta manhã. Não iria. De resto, toda a sua vida ouvira aquele sentimento, fosse de que forma fosse – ainda mais nos últimos anos, desde que as irmãs mais novas foram aceites para formação. Uma feiticeira doméstica era conveniente, mas as suas capacidades não contribuíam para valorizar a posição de uma família que não pertencia à aristocracia, não favoreciam as ambições do pai que desejava tornar-se mais do que um guarda do Quinto Círculo de uma Rainha de Jóia clara.

Ouviu a mãe dizer, agravada: — Muito bem — e retomou a tarefa de bater a massa quando Dorian entrou na cozinha. A sua mãe hesitou para logo se mover com brusquidão na direcção da mesa onde Marian estava a trabalhar.

— Ouviste — disse Dorian.

— Era difícil não ouvir — respondeu Marian, mantendo a atenção centrada na malga.

Bufando, Dorian arrancou a malga e a colher das mãos de Marian. — Bem, vai lá, então. Faz lá este recado que o perturbou tanto e regressa o mais rapidamente possível.

— Para me dedicar a outras tarefas sem importância? — questionou Marian, surpreendida por ouvir as palavras pintadas pelo ressentimento que vinha crescendo no seu âmago há muito tempo.

O rosto de Dorian ficou vermelho de raiva, mas manteve a voz baixa. — Não uses esse tom comigo, rapariga. Não tolero arrogâncias e que não saibas o teu lugar.

Marian reprimiu o nó na garganta. Sim, tinha vindo a crescer há algum tempo. Mais valia dizê-lo. — Se me tratam como uma empregada doméstica contratada ao invés de um membro da família, pelo menos devia receber um salário pelo trabalho.

Dorian deixou cair a colher na mesa. A sua mão recuou, mas recuperou o controlo de modo a pousar a mão na mesa, com força. — Tens um telhado que te abriga e comida na barriga. Não deverias auferir salário por me ajudar a proporcionar esses bens.

— As minhas irmãs obtêm esses mesmos bens – para além de gastarem dinheiro – sem terem de trabalhar.

— Marian...

— Porque estão a demorar tanto tempo? — A voz do pai ressoou pela porta da cozinha.

— Acabamos este assunto mais tarde — disse Dorian.

Não apreciava confrontos, não conseguia manter a raiva. Acabava por trabalhar ainda mais como compensação pela mostra de provocação – e nada mudaria.

Ao sair da cozinha, o seu pai ergueu a mão como se a fosse esbofetear, mas Marian passou ligeira e manteve-se à frente do pai até se encontrarem fora da casa alcantilada. Nessa altura, o pai alcançou-a e agarrou-lhe o braço com tanta força que a magoou.

Marian percebeu a fúria no rosto do pai, contudo fê-la pensar num rufia amedrontado e não num perigoso Senhor da Guerra eyrieno. Ainda assim, um rufia amedrontado poderia tornar-se perigoso caso precisasse de se convencer a si próprio de que era forte.

Começou a falar, mas deteve-se, optando claramente por ignorar uma questiúncula doméstica uma vez que não interferiria com as *suas* pretensões.

Mediante a Arte, invocou um envelope espesso e entregou-o a Marian.

— O Mensageiro aguarda este envelope. Precisa dele antes do início do dia na corte, por isso não te ponhas a engonhar.

— Se é tão importante, porque não vai o pai entregá-lo? — questionou Marian.

Fincou-lhe os dedos no braço. — Não sejas insolente, rapariga. Faz como te digo. — Com a outra mão, indicou um pequeno bosque no vale abaixo. — Estará ali a aguardar-te. Voa até lá abaixo e depois toma o caminho pelo bosque.

— E se não o encontrar?

— Ele encontrar-te-á. — Libertou-lhe o braço com tanta força que Marian cambaleou alguns passos para se equilibrar. — Vai lá embora.

Fazendo desaparecer o envelope, afastou-se do pai antes de abrir as asas, lançando-se para o céu. Esqueceu-se dele ao bater as asas, dando impulso para subir em direcção ao céu suave do despontar do dia, pôs de parte os problemas que a aguardavam em casa ao concentrar-se na alegria de planar sobre a terra. Adorava voar – adorava a sensação, a liberdade que lhe proporcionava. No ar, quase conseguia acreditar que poderia concretizar os seus sonhos. Uma casa, com um jardim que permitisse plantar hortaliças, flores e as ervas aromáticas e outras plantas que poderia vender às Curandeiras para as suas infusões especiais. Um lugar só seu, onde as suas capacidades domésticas não fossem desdenhadas e onde não tivesse de andar em bicos dos pés entre a fúria e estado de espírito de machos.

Não passava de um sonho. As suas Jóias Violáceas não lhe concediam o poder ou a posição suficiente para a manter a salvo de machos mais fortes se estivesse por conta própria. Não possuía o temperamento para lidar com a crueldade e os jogos perversos que se jogavam nas cortes e em casas da aristocracia, por isso não valia a pena pensar que poderia trabalhar numa delas. Se a mãe a pusesse na rua, acabaria a trabalhar algures para pagar um quarto e alimentação e pouco mais. Ou, pior ainda, poderia acabar a suplicar um lugar numa das grandes casas alcantiladas que alojavam os guerreiros que serviam nas cortes das Rainhas eyrienas. Conhecera algumas mulheres que cozinhavam e tratavam da roupa nesses locais – e de quem se esperava que tratassem também de outras necessidades. Não sobreviveria por muito tempo numa dessas casas. Por isso, acabava sempre por aceitar que ajudaria a mãe sem receber nada em troca.

Não obstante, continuava a desejar algo melhor.

Pestanejando para reprimir as lágrimas – dizendo para si própria que eram causadas pelo vento – olhou para cima... e viu a Montanha Negra à distância.

Ebon Askavi. A Fortaleza. De há pouco tempo para cá, corriam rumores de que agora residia aí uma Rainha – uma Rainha de Jóia Negra, po-

derosa e terrível. Contudo, ninguém a vira efectivamente. Ninguém podia asseverar.

Deteve-se momentaneamente, movendo as asas de modo a pairar, incapaz de desviar o olhar da montanha. Incapaz de afastar a sensação de que algo estava ciente da sua presença, observando-a. A partir dessa montanha.

Com o coração aos saltos, abanou a cabeça para desviar o olhar da Fortaleza, dobrou as asas e mergulhou a pique dirigindo-se aos bosques no vale. Era uma feiticeira doméstica insignificante. Não havia razão para que alguém olhasse na sua direcção.

A menos que se relacionasse com o envelope que o seu pai queria que fosse entregue a um mensageiro sem o conhecimento da corte que servia.

Detendo o mergulho, deslizou até à orla do bosque e voou de costas até aterrar suavemente no caminho. Entregaria a mensagem e regressaria a casa. Logo que estivesse na cozinha da mãe, em segurança, convencer-se-ia de que a inquietação crescente era de sua própria autoria, de que nada existia nos bosques que a fazia desejar virar costas e fugir, de que não estava a pressentir ondas de poder obscuro muito, muito, muito abaixo da força da sua Jóia Violácea – ondas de poder que estavam a elevar-se do abismo e que vinham ao seu encontro.

Manteve um passo rápido, receosa de correr pois isso incitaria os instintos de caça de um predador. E existiam predadores por aquelas bandas, algures. Estava certa.

Estava quase a chegar ao outro lado do pequeno bosque quando um Senhor da Guerra eyrieno saiu das árvores e abriu as asas para bloquear o caminho. Das árvores atrás de Marian surgiram outros quatro Senhores da Guerra.

— Tens uma mensagem que me é dirigida? — perguntou o primeiro Senhor da Guerra.

Estavam todos vestidos com roupas de boa qualidade, embora gastas. A qualidade somente acessível às famílias aristocratas. Tal não contribuiu para aliviar a inquietação que sentia.

— E então? — intimou.

Invocando o envelope, Marian caminhou na direcção do Senhor da Guerra até se encontrar a uma distância que lhe permitia entregar o envelope estendendo o braço.

Arrancou o envelope das mãos de Marian, abriu-o com um rasgão, leu a primeira página rapidamente e atirou os papéis para o lado. Ao olhar para Marian, sorriu de modo divertido e cruel.

— A mensagem não vos era dirigida? — questionou Marian, afastando-se.

— Oh, era para mim, sim senhor. E tu és o pagamento, feiticeirinha.

— Não... não compreendo.

— Não é para compreenderes.

Sentiu os outros homens a aproximarem-se, a cercarem-na. — Se me magoarem, o meu pai...

O Senhor da Guerra soltou uma gargalhada, um som perverso. — Foi ele que te enviou, não foi? Sabia bem o que ia acontecer. Mas deixa lá que ninguém vai sentir a falta de alguém da tua laia.

Marian lançou-se em direcção ao céu. O espaço de manobra sob as árvores era limitado, mas estava apenas a algumas batidas de asa do campo aberto – e do céu aberto. Se conseguisse passar pelos Senhores da Guerra, talvez conseguisse manter-se adiante deles até conseguir alcançar um dos Ventos e... para onde iria?

A Montanha Negra. Conseguindo alcançar a Fortaleza, poderia suplicar refúgio e os Senhores da Guerra não a poderiam magoar.

Estava prestes a alcançar o campo aberto quando ouviu o estalido de um chicote, sentiu o couro a cortar-lhe a pele ao enrolar-se à volta do tornozelo. Com um puxão, arrastaram-na de volta para baixo das árvores – e, de imediato, atacaram, voando ao seu redor, deixando que se agitasse e lutasse, tentando voar, ao mesmo tempo que a golpeavam com facas e espadas de guerra. O sangue jorrava de dúzias de cortes superficiais. Golpearam-lhe as asas e Marian aterrou violentamente, mas não podia correr para lado nenhum, não havia forma de escapar.

Ondas de poder negro a acercarem-se. Cada vez mais.

— Socorro! — gritou. — Ajudem-me, por favor!

Às gargalhadas, os Senhores da Guerra prenderam-lhe os braços e as pernas e deitaram-na de costas no chão. O quinto homem pôs-se de joelhos entre as pernas de Marian, arrancando-lhe as roupas rasgadas e ensanguentadas, deixando-a exposta.

— Despacha-te — disse outro Senhor da Guerra, — ou a cabra ainda se esvai em sangue antes de todos podermos usá-la.

— Vai aguentar — respondeu o Senhor da Guerra ajoelhado entre as pernas de Marian, enquanto desabotoava as calças.

Não, pensou Marian. *Não*.

— Querem brincar com uma feiticeira? — enunciou serenamente uma voz da meia-noite. — Pois então brinquem comigo.

A última coisa que Marian viu antes de ficar com a visão desfocada foi o medo no rosto do Senhor da Guerra à sua frente. Nesse momento, sentiu que uma onda de raiva obscura e glacial a puxava. Julgou ouvir gritos de profundo sofrimento e de terror, que se desvaneceram. Tudo se desvaneceu...

... até sentir uma mão a pegar na sua, sentiu um poder que não era o seu a fluir para dentro de si. Esforçou-se para abrir os olhos e fitou a mulher de cabelo louro e olhos azul-safira ajoelhada a seu lado. Fitou a Jóia Negra que pendia de uma corrente à volta do pescoço da mulher.

— Sois a Rainha — disse Marian, mal conseguindo reunir fôlego para formar as palavras.

— Sim, sou a Rainha — respondeu a mulher.

— Não quero morrer.

— Pois então não morras. — A mulher pousou a outra mão na testa de Marian.

O poder obscuro voltou a envolvê-la, mas agora era cálido, dócil, um casulo de mantas macias. Um poder que não era seu manteve-lhe o coração a bater, os pulmões em movimento.

O último pensamento antes de se deixar levar foi: *Vi a Rainha de Ebon Askavi.*

Assim que Saetan passou pelo Portão, percebeu que Jaenelle não se encontrava na Fortaleza em Terreille. Decorrido um momento, quando o seu odor psíquico invadiu os corredores, Saetan percebeu que tinha regressado – e o controlo que exercia sobre o temperamento desgastou-se mais um pouco.

Não importava que fosse a Rainha. Não importava que o seu poder eclipsasse o dele. Quando terminasse a explicação, a sua Senhora não teria qualquer dúvida sobre os sentimentos do Administrador da sua corte relativamente ao facto de entrar em Terreille, que era o território do inimigo, sem sequer um acompanhante.

No preciso momento em que saiu da sala que albergava o Altar das Trevas, viu Jaenelle a caminhar ao seu encontro, com uma mão sob mantas que envolviam...

Sentiu o cheiro a sangue, reparou no olhar perigoso e fero nos olhos de Jaenelle e sentiu o ardor do seu temperamento a arrefecer até à raiva gélida, enquanto ascendia à orla assassina.

Jaenelle deteve-se defronte de Saetan. Nada disse enquanto Saetan abria cuidadosamente as mantas e olhava para a jovem mulher eyriena, examinando as roupas rasgadas e os golpes na pele que ainda escorriam sangue apesar da teia medicinal que Jaenelle tecia à volta dela, como conseguia sentir.

— Porquê? — perguntou.

Jaenelle virou a cabeça. — Pergunta-lhes.

Na entrada, surgiram cinco corpos. Mediante a Arte, Saetan sondou-os. Sentiu um misto de pavor e aprovação pelo que Jaenelle fizera. Do pes-

coço aos dedos dos pés, os ossos dos machos eyrienos tinham sido esmagados em pequenos seixos, dando aos corpos a forma de uma estranha saca. Os músculos e os órgãos internos tinham sido dilacerados, como se garras tivessem deslizado sob a pele, deixando-a imaculada, enquanto despedaçavam tudo o resto com golpes vagarosos e indolentes. E, imaginava Saetan, fora assim que Jaenelle agira. E nos poucos segundos que demorou a fazê-lo, a dor deve ter sido intensa...

Olhou para a mulher eyriena.

... mas não foi pagamento suficiente pela dívida contraída.

— Foi isto que viste na teia entrelaçada ontem à noite? — perguntou com uma serenidade exagerada.

— Vi o vazio onde algo luminoso e jovial deveria estar. Vi a felicidade a murchar como uma planta que não encontrou o solo adequado para criar raízes. E vi o terraço onde estava de madrugada, mas vazio – uma advertência de que a minha presença, ou ausência, faria a diferença relativamente ao que se avizinhava.

— Compreendo. — Olhou novamente para os corpos. — Percebo agora o tipo de conhecimentos que pretendias da minha pessoa.

Jaenelle acenou afirmativamente. — Descobre o motivo que levou a este evento, Senhor Supremo... e salda a dívida.

— Será um prazer, Senhora.

Afastou-se e ficou a observá-la a dirigir-se apressada para a sala do Altar das Trevas e do Portão que a levaria e à mulher para Kaeleer.

Aguardou alguns minutos, examinando os corpos tombados em posições artificiais. Ergueu a mão direita. O anel com a Jóia Negra iluminou-se devido ao reservatório de poder que continha. Os corpos ergueram-se do chão e pairaram na sua direcção. Virando-se, caminhou de regresso ao Altar das Trevas, acendeu as quatro velas pretas nos candelabros pela sequência correcta e atravessou o Portão envolto em neblina, com os corpos a pairarem atrás de si.

Ao sair do Portão, sentiu a diferença entre este Reino e os dois Reinos que pertenciam aos vivos. O Inferno era a terra dos Sangue demónios-mortos que ainda encerravam demasiado poder, mesmo após a morte do corpo, para regressarem às Trevas. Um Reino gélido, numa eterna penumbra. Iniciara aqui o seu domínio quando ainda caminhava entre os vivos. Governava o Reino das Trevas desde essa altura.

Virando-se para olhar os corpos que pairavam atrás de si, sorriu de modo glacial e cruel. Aceitava as execuções como sendo por vezes necessárias e levava-as a cabo com uma mestria rigorosa sempre que o dever assim o exigia. Jamais ganhara gosto algum em fazê-lo, mas presentiu que concluir o que Jaenelle iniciara iria ser verdadeiramente prazenteiro.

Caminhando pelos corredores da Fortaleza, dirigiu-se à teia de desembarque mais próxima, apanhou o Vento Negro e levou os cinco corpos para o Paço que construía neste Reino. Aí, teria tudo à disposição para se certificar de que a dívida à mulher eyriena era saldada na íntegra.

Já o sol se tinha posto quando Saetan regressou à Fortaleza em Kaeleer e entrou nos aposentos de Jaenelle. Estava no sofá da sala de estar, a ler um daqueles romances que representavam a maior aproximação a que estava disposta no respeitante à intimidade com um homem. Sendo Lucivar o seu Primeiro Acompanhante, não precisava de um homem unicamente para preencher a posição de Consorte e, quando Daemon, por fim...

Não se permitiria tomar aquele caminho. Defenderia a escolha de Jaenelle de não ter um Consorte – e esperava que, com o homem certo, um dia o interesse por sexo passasse para além das páginas de um livro.

Jaenelle fechou o livro e olhou-o com olhos azul-safira que ainda continham uma réstia de raiva feríssima. A sua filha ainda não regressara. Não inteiramente. Estava ainda defronte da Feiticeira – e da sua Rainha – pelo que precisava de agir com cautela.

— Como está a mulher? — perguntou tranquilamente.

— Marian vai ficar bem — respondeu Jaenelle, com igual tranquilidade.

Marian. Saetan reforçou o controlo sobre a sua fúria. Os canalhas não sabiam o seu nome, não lhes importava quem era. A conclusão da morte não teria demorado mais do que alguns minutos para cada um. Foi o *motivo* que os levou a praticar tal acto que o espicçou de modo a prolongar o sofrimento com uma tal crueldade que não era uma faceta que deixasse que se revelasse com frequência. Porém, mereceram tudo o que fizera após tê-los auxiliado na transição para demónios-mortos – para logo prosseguir e estraçalhar-lhes as mentes antes de esvaziar o que restava dos poderes psíquicos, concluindo a matança e levando-os a tornarem-se um murmúrio nas Trevas.

— Perdeu muito sangue — prosseguiu Jaenelle, — mas todas as feridas eram superficiais. Tinha muitos golpes nas asas, contudo foram facilmente tratados. Dois dias de cama e comida irão fazê-la recuperar as forças. Não sofrerá danos físicos permanentes.

Claro, Jaenelle distinguiria entre corpo e coração. O seu próprio corpo sarara da violação brutal que quase a destruía aos doze anos, pese embora carregasse as cicatrizes emocionais... para sempre.

— Comeste? — perguntou Saetan, reparando no decantador de yarah na mesa defronte do sofá.

Ao sorrir-lhe de modo matreiro, Saetan soube que a filha regressara.

— Estava à tua espera. — Mudou de posição e serviu um copo de yarbarah, aquecendo-o sobre uma labareda de fogo encantado e oferecendo-o de seguida a Saetan.

Aceitando o copo, sentou-se no sofá e inclinou a cabeça para ler o título do livro interposto entre os dois. — Quando acabares, empresta-me esse livro?

— Porquê?

Oh, sim, a sua filha regressara. — Os pais devem estar informados quanto aos interesses dos filhos.

— Sendo assim, porque não perguntas a Lucivar o que está a ler?

— Porque Lucivar raramente pega num livro, quanto mais ler algum. Se demonstrasse interesse por algum livro, qualquer comentário da minha parte iria com certeza envergonhá-lo de modo a largar o livro e a não voltar a tocar noutro durante uma década.

— Podias mencionar que algumas das histórias incluem sexo — disse Jaenelle.

Um tópico que seu filho considerava ainda menos interessante do que a sua filha.

Ouviu-se o toque baixo de uma sineta. Passado um momento, a pequena mesa de um dos lados da sala de estar estava posta com um cesto de pão fresco, uma tacinha de manteiga e duas tigelas de sopa fumegante.

Agradecido pela interrupção, Saetan ofereceu a mão a Jaenelle e conduziu-a até à mesa. Como Guardião, não necessitava mais do que yarbarah e, de vez em quando, uma quantidade simbólica de sangue fresco, contudo podia comer e desfrutar novamente da comida graças aos tónicos que Jaenelle elaborava especialmente para o seu Papá. De resto, comia mais se alguém a acompanhasse do que se estivesse sozinha.

Dedicou-se à refeição com um apetite saudável que deixou Saetan aliviado – reforçando a decisão de não lhe transmitir o motivo do ataque a Marian por aqueles cinco machos eyrienos, a menos que lhe perguntasse directamente.

Haviam terminado a sopa e estavam a meio da costeleta do lombo que se seguiu quando Jaenelle voltou a falar.

— Estava a pensar — disse, com uma certa hesitação na voz que levou Saetan a olhá-la atentamente. — Se Marian não quiser regressar a Askavi em Terreille, precisará de um sítio para morar. Por isso, julguei que poderia ficar com Luthvian por uns tempos. Faria pequenas tarefas com a Arte doméstica enquanto recupera as forças.

— E porquê Luthvian? — perguntou Saetan, mantendo a voz neutra, ainda que com dificuldades.

— É a única fêmea eyriena em Ebon Rih. Poderia ajudar Marian a

adaptar-se. E é Curandeira, pelo que poderia vigiar a recuperação de Marian.

Saetan centrou a atenção na refeição, contendo todos os comentários prestes a irromper se não fosse cauteloso. A relação com Luthvian, que era mãe de Lucivar, era demasiado confusa e adversa e seria isso que transmitiria, fosse qual fosse a resposta. Não obstante, compreendia a razão pela qual Jaenelle julgava que seria mais fácil para Marian ficar junto a outra mulher e quiçá estivesse certa. Por isso, não deu qualquer opinião.

— Se não resultar, hei-de descobrir outro sítio — disse Jaenelle.

— Assim sendo, está decidido. — Não se sentia confortável com a ideia, mas nada fez para a alterar. Por agora. — Nesse caso, criança-feiticeira, fala-me sobre este livro que estás a ler.

Jaenelle esquivou-se, Saetan insistiu e acabaram a noite com uma hora agradável de discussão acalorada quanto ao valor de vários géneros de narrativas, o que os ajudou a afastarem-se do sangue e da fúria com que tinham começado o dia.

QUARTO

Sob o lusco-fusco que anunciava o aproximar da noite, estava Marian nas traseiras da casa de Luthvian, desfrutando de um momento de tranquilidade, sem nada para fazer. Doíam-lhe as costas, o que a deixava preocupada pois a Senhora Angelline insistira bastante para ter cuidado durante duas semanas e para não esforçar os músculos que ainda precisavam de algum tempo até estarem completamente recuperados. Contudo, sempre que mencionava que sentia dores nas costas ou pernas, Luthvian ignorava a preocupação e insinuava – quando não o dizia sem rodeios – que Marian estava a tentar escapar-se a ganhar o seu sustento. O criticismo magoava. Desde que chegara a casa de Luthvian, nada mais fizera a não ser lavar, esfregar, polir e remendar. E tudo o que fazia servia, muito embora não tivesse a qualidade suficiente para sequer sonhar em procurar um trabalho noutra casa. Luthvian permitia que ficasse como um favor a Jaenelle.

Não importava, disse para si, sentindo o desespero a crescer antes de voltar a sufocá-lo. Estava viva e estava a viver em Kaeleer, o Reino das Sombras que a maior parte das pessoas julgava ser um mito até há uns anos. Não teria de regressar a Terreille, não teria de confiar a vida aos caprichos do temperamento masculino.

Pelo menos, não completamente.

Luthvian deixara bem claro que o que quer que a desagradasse seria também do desagrado do filho. O Príncipe dos Senhores da Guerra que governava Ebon Rih.

Marian entendeu o aviso. O que tinha sofrido em Terreille não passava de uma reprimenda em comparação com o que lhe poderia fazer um Príncipe dos Senhores da Guerra enraivecido e que usava Jóias Ébano-Acinzentadas.

Abriu as asas estendendo-as o mais possível até sentir os músculos

das costas retesados. Rangendo os dentes, contou até cinco, fechou as asas lentamente e aguardou alguns segundos antes de retomar o exercício.

Encontraria outro trabalho – remunerado – e labutaria arduamente para poupar e, um dia, ter um sítio só seu. E voltaria a planar, deixando-se levar pelas correntes de ar quente, sobre terras ainda mais belas do que alguma vez vira na sua pátria. Haveria de...

— Fizeste a bainha ao vestido? — A voz de Luthvian trespassou a escuridão.

Marian crispou-se, imaginando o tempo que a Curandeira Viúva Negra a estaria a observar. Lembrando-se de que não tinha mais nenhum sítio para onde ir – por enquanto – virou-se. — Tal como expliquei, Senhora Luthvian, não posso fazer a bainha ao vestido até terdes tempo para uma prova de modo a certificar-me de que é o comprimento correcto.

— Disse-te o que podias subir.

As suas irmãs mais novas diziam o mesmo com a mesma voz desdenhosa – e queixavam-se azedamente à mãe quando a bainha ficava demasiado comprida ou demasiado curta por insistirem que Marian devia conseguir fazer a bainha sem *fazê-las* perder tempo.

— Ainda assim, ficaria mais confiante quanto ao comprimento se vestísseis o vestido e eu o marcasse com alfinetes.

O silêncio que se seguiu deixou Marian apreensiva. Uma Viúva Negra era uma feiticeira demasiado perigosa para contrariar e Luthvian poderia ir muito além da dor física.

— Não são viáveis. Sabes disso, não sabes? — disse Luthvian.

— Não percebo. — Sentiu um novelo de medo a crescer no estômago.

— As asas. Têm lesões bastante graves. Nunca mais voarás.

O medo acentuou-se, dando lugar à dor. — Não. A Senhora Angelline disse...

— Jaenelle é uma Curandeira respeitável, mas são escassos os conhecimentos e a experiência que possui relativamente a eyrienos. Eu possuo ambos. E estou a dizer-te que agora essas são apenas para decoração. Nunca mais voarás. Se tentares, acabarás por causar danos tão graves às costas que não conseguirás trabalhar para ganhar o teu sustento, e, *nessa altura*, o que será de ti? — A voz de Luthvian tornou-se mais suave. — Farias melhor se as retirasses. Se não as tiveres não te sentirás tentada a fazer algo que te poderá deixar entevada.

Não, pensou Marian com os olhos cheios de lágrimas. *Não!*

— Posso fazê-lo. — A voz de Luthvian era calma e persuasiva. — Daqui a um mês nem sequer te recordarás da sensação de as ter.

— Não!

A voz de Luthvian ficou gélida. — Como queiras. Mas se fizeres algo que te torne inútil, não penses que ficas *aqui*.

Não ouviu Luthvian a afastar-se mas ouviu a porta da cozinha a fechar-se. Ficou na rua durante muito tempo, dobrada para tentar acalmar a dor que a remordia por dentro.

Julgava que o facto de estar em Kaeleer significava a promessa de uma nova vida, uma vida melhor. Contudo, nada mudara para melhor. Quanto muito, a vida que a esperava era pior do que aquela que abandonara.

QUINTO

Lucivar deslizou para o pátio defronte da sua casa alcantilada, satisfeito por estar em casa. Passara a última semana a visitar as povoações de Ebon Rih, em encontros com as Rainhas que governavam as povoações rihlander dos Sangue, Doun e Agio, e em conversações com os membros do conselho que geriam as povoações dos plebeus mais populosas. Os rihlander que não faziam parte dos Sangue temiam-no – justificadamente. Embora os Sangue fossem uma minoria no seio de qualquer raça, o poder que encerravam tornava-os soberanos e guardiões dos Reinos. Na maioria dos casos, os Sangue ignoravam os plebeus e os plebeus mantinham-se afastados dos Sangue. Chamar a atenção aos membros do concelho das povoações para o facto de que agora teriam de responder perante um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Ébano-Acinzentada não os iria deixar dormir descansadamente por uns tempos.

Fogo do Inferno. Nem *Lucivar* iria conseguir dormir descansado. Passara a maior parte da vida a ignorar ou a desafiar pretensões de autoridade sobre a sua pessoa, viessem de quem viessem. Presentemente, *era* ele próprio a autoridade que teria de estabelecer limites e impor-se perante aqueles que ousassem passá-los no seu território.

Não estava certo de apreciar estar desse lado da linha, mas teria de se adaptar à formalidade com que era tratado nas cortes das Rainhas em Doun e Agio. Ao menos em Riada, a povoação mais próxima de Ebon Askavi e também a sua terra “natal”, o respeito informal demonstrado pelos aldeões desde que chegara a Kaeleer não mudara. De qualquer forma, não muito. Existia agora um interesse dos proprietários por Lucivar. As suas acções afectavam-nos a todos.

Por tudo isto, ficou a pensar no motivo pelo qual Merry parecia tão inquieta quando passara pela Taberna para ver o que estava a ser servido naquela noite e levar para casa.

— *Jantar para dois, Príncipe Yaslana?* — *perguntara Merry.*

— *Ou para um homem faminto* — *respondera, com um sorriso rasgado.*

O que a levou a não sorrir também ao preparar o cesto de comida? Ao pousar delicadamente no pátio de lajes, enviou um pensamento num fio psíquico masculino. *Berloque?*

Yas.

O lobo parecia amuado, quase irritadiço.

O que se passa?

Uma pausa. Depois: *Não gosto daquela fêmea. Não quero ser amigo dela.*

Lucivar sentiu a fúria a sobrevir enquanto examinava a porta principal da casa. Formou-se um escudo Ébano-Acinzentado a um dedo de distância da pele, uma resposta instintiva ao dirigir-se a uma situação onde seria mais seguro proteger-se contra um possível ataque. O facto de estar a reagir daquela forma antes de entrar na própria casa aguçou-lhe ainda mais o temperamento, ao ponto de ficar a um pequeno empurrão da orla assassina.

Abriu a porta e entrou. O odor psíquico feminino atingiu-o no momento que passou a soleira. Conhecia aquele odor. Abominava a jovem feiticeira a quem pertencia.

Roxie.

Fora uma das alunas de Luthvian quando chegara a Kaeleer – uma rihlander de Doun cuja família pertencia a um nível da aristocracia que lhe permitia julgar que podia fazer o que lhe aprouvesse. Usava os amantes como outras mulheres usavam lenços. Maculava-os para, de seguida, os rejeitar. Desde o primeiro dia que o conhecera, enfiou na cabeça que tinha de o encurralar e forçar a ir para a cama com ela. A cabra nunca percebera que, caso tivesse realmente conseguido encurralá-lo, levá-la para a cama estaria longe dos seus pensamentos.

E agora estava aqui. Na sua casa.

Deslocou-se em silêncio até chegar à porta do quarto. O amplo corredor fedia com o odor da mulher.

Ao abrir a porta e entrar no quarto, Roxie ergueu os braços desnudados sobre a cabeça e sorriu, podendo ver-se o corpo claramente definido sob o lençol que a cobria.

Normalmente, o temperamento de Lucivar era impetuoso e explosivo. Ao acercar-se de cama, sentiu-se friamente calmo.

— Sai da minha cama — disse com tranquilidade.

Mexeu-se ligeiramente e esse movimento desvendou um pouco mais dos seios. — E se te juntasses a mim? É o que desejas. Sabes que é.

A repulsa que o invadiu quase o fez perder o autocontrolo.

Quando Lucivar entrou na cama, o rosto de Roxie revelava um olhar triunfante. Decorrido um momento, esse olhar transformou-se em pavor.

A invocação da espada de guerra eyriena não fora uma decisão consciente. Todavia, a lâmina daquela espada, afiada ao ponto de sangrar o ar, pairava subitamente junto ao pescoço de Roxie. Se descontraísse a mão, a lâmina deslizaria através da pele e do músculo, até assentar delicadamente no osso. Nada teria de fazer, não teria de aplicar qualquer força. Apenas relaxar a mão.

— Se voltar a encontrar-te na minha cama, corto-te a garganta — disse, numa voz ainda calma e branda.

Roxie engoliu em seco. O movimento resultante encostou a pele à lâmina.

Lucivar observou o sangue correr da ferida superficial, sentindo-se seduzido pelo calor emanado, pelo cheiro exalado. Recuou antes que fosse dominado pela tentação de deixar que a espada de guerra cantasse. Ao recuar, o gelo partiu-se dentro de si e o ânimo inflamou-se.

Fazendo desaparecer a espada de guerra, juntou as roupas da mulher com uma mão, puxou-a da cama com a outra e arrastou-a pela casa, ignorando os guinchos e os protestos. Atirou-a para fora, juntamente com as roupas, e bateu com a porta, sem se importar se iria magoar-se ao cair.

Lucivar ficou parado, com os dentes cerrados e os punhos fechados, debatendo-se com o impulso de abrir a porta e purgar as memórias de todas as feiticeiras da mesma índole que conhecera em Terreille. Queria esmurrar aquelas memórias na carne de Roxie, exorcizando-as de si.

Os minutos passaram, mas os sentimentos mantiveram-se. Encontrava-se ainda na orla assassina. A violência ainda lhe cantava no sangue. Tinha de purgar a violência – ou tinha de fazer com que fosse purgada. Só havia uma pessoa à altura.

Roxie já se tinha ido embora quando Lucivar saiu da casa alcantilada. Poupou-lhe a maçada de ter de a matar e levar o corpo retalhado da cabra para a família. *Tê-la-ia* matado se ainda ali estivesse. Não teria conseguido deter-se. Um Príncipe dos Senhores da Guerra era um predador nato, um assassino natural e o “treino” a que fora sujeito às mãos das feiticeiras de Terreille aguçara esse instinto assassino ao invés de o dotar de um revestimento. Neste momento, representava um perigo para todos.

À exceção de uma pessoa.

Abriu os sentidos psíquicos e procurou até tocar no poder obscuro que eclipsava o seu próprio poder.

Lançando-se para o céu, voou até à cabana nos arrabaldes de Riada. Pousou junto ao alpendre e, com um salto, passou os dois degraus e viu-se defronte da porta da pequena e cuidada cabana que Saetan mandara cons-

truir para Jaenelle, tornando-se no local onde poderia passar algum tempo sozinha, sempre que assim entendesse. Na verdade, nunca ficava completamente sozinha. Com ela estava sempre um macho dos parentes a fazer-lhe companhia, se bem que um lobo ou um cão ficava satisfeito a passar pelas brasas durante horas enquanto Jaenelle se perdia num livro ou caminharia com ela quilómetros e quilómetros sem precisar de puxar conversa.

Hesitou por um momento, abriu a porta e entrou na sala principal da cabana. Jaenelle encontrava-se junto à lareira, como se o esperasse. Provavelmente, já o esperava. Teria sentido aquele rasgo de fúria, teria sentido que se dirigia a ela.

Lucivar ficou junto à porta, desejando dirigir-se a Jaenelle, *precisando* ir ter com ela. Não o podia fazer. Ainda não. Pelo menos até conseguir suavizar algumas das arestas afiadas do seu temperamento.

— Lucivar — disse Jaenelle, serenamente.

Fitou-a, centrando-se nos olhos azul-safira.

Jaenelle aproximou-se e pousou-lhe a mão na face. — Lucivar.

Fechou os olhos e inspirou o odor físico de Jaenelle, bem como o odor psíquico obscuro que eram, em simultâneo, conforto e sedução. Não a desejava sexualmente – nunca assim fora – mas os abraços e beijos fraternais mantinham-no equilibrado como nada antes o fizera.

Mantém o controlo, suplicou em silêncio. *Sufoca-me com a obediência, se necessário for*.

Jaenelle deixou-se ficar, com a mão na face de Lucivar, até que as arestas afiadas do temperamento se esbateram – dando-se conta de algo que lhe aguçou a fúria de forma diferente.

— Onde está o teu acompanhante? — perguntou.

— Tem estado uma tarde quente — respondeu Jaenelle. — Jaal está estendido no regato lá atrás.

Lucivar remordeu. — Nem se dignou a levantar-se para ver quem tinha entrado na cabana.

Jaenelle ergueu o sobrolho como expressão de surpresa. — Querias que um tigre molhado te saltasse em cima?

O facto de estar junto a Jaenelle contribuía para restaurar o equilíbrio a ponto de ponderar nesta questão por uns instantes. — Não.

— Bem me parecia. Por isso disse-lhe para ficar quieto. — Afastou-se e virou-se para a arcada que dava para a cozinha. — Tenho um pequeno barril de cerveja.

— E eu tenho metade de uma tarte de carne, queijo e um pão fresco.

Jaenelle sorriu rasgadamente. — Nesse caso, podes ficar para jantar.

Lucivar aguardou até ao final da refeição, quando já estavam sentados

no alpendre, observando o crepúsculo a manchar a terra com formas suaves.

— Preciso de ajuda, Gata — disse baixinho, usando a alcunha para indicar que precisava da ajuda da irmã e não da Rainha.

— Continuas a ser assaltado por senhoras solícitas? — perguntou Jaenelle.

— Não. Bem, sim, mas... — Respirou fundo, ciente de que estava prestes a caminhar pela beira em desmoronamento de um desfiladeiro escarpado. — Quando regressi hoje a casa, dei com a Roxie na minha cama.

— Roxie — disse Jaenelle com a voz da meia-noite que gelava a corte.

Roxie não gostava de Jaenelle e Jaenelle não gostava de Roxie. A diferença era que Roxie não tinha poder suficiente para fazer o que quer que fosse com esse sentimento. Já o facto de Jaenelle antipatizar com alguém era bastante mais perigoso.

Lucivar passou as mãos pelo rosto, suspirando. — Preciso de uma governanta. Preciso de um dragão que...

Jaenelle inclinou a cabeça e olhou para Lucivar.

— Não. — Sentiu-se sobressaltado, com a sensação de que insectos ínfimos rastejavam pela sua pele. — Não estou a falar de um dragão verdadeiro. — Não é que não gostasse dos dragões que habitavam as Ilhas Fyrebörn. Gostava. Gostara de deslizar nas ondas com eles sempre que visitara as ilhas com Jaenelle. Contudo, não precisava de um dragão do tamanho de um póni — não contando com a cauda — a aguardar à porta para lançar chamas a quem quer que passasse a soleira.

— Seria a solução para as visitas inesperadas — salientou Jaenelle.

— Não.

Ficou com aquele olhar de uma certa perplexidade que o fazia lembrar uma gatinha desconcertada a observar um grande insecto saltitante. — Será que alguns dos parentes têm feiticeiras com o dom da Arte caseira? Qual seria o uso que lhe dariam?

— Não interessa. — A sua voz soara firme, verdade? Fogo do Inferno, *esperava* que tivesse sido firme. — Preciso de um ser humano com competências domésticas que satisfaçam a Helene e a Merry, para que fiquem convencidas de que a casa alcantilada está a ser cuidada, e cuja presença não permita que outras fêmeas pensem em... — Reprimiu as palavras. Era melhor não voltar a mencionar Roxie.

Jaenelle hesitou. — Há uma feiticeira doméstica que chegou recentemente a Kaeleer.

— Através das feiras de serviços? — perguntou Lucivar, conjecturando quanto à hesitação de Jaenelle. As feiras de serviços semestrais que se realizavam na Pequena Terreille tinham sido criadas para dar conta

da torrente de terreilleanos que fugiam da crueldade das cortes e dos Territórios sob influência de Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll.

— Não — respondeu Jaenelle. — Eu trouxe-a.

O que raio estavas a fazer em Terreille? Sabia bem que não devia perguntar-lhe. Dentro de um ou dois dias iria visitar o Paço e, nessa altura, perguntaria ao pai.

— Pode sentir-se... satisfeita... onde está — disse Jaenelle, — mas posso perguntar-lhe se estaria disposta a ser tua governanta.

— Está bem.

Jaenelle acenou com a cabeça. — Posso... — Ficou rabugenta e revirou os olhos. — Não, não posso. Amanhã tenho de fazer coisas de Rainha e à noite tenho uma... coisa... cerimoniosa.

Lucivar sorriu. — Uma coisa que exige que te portes bem e te vistas a rigor? — Jaenelle odiava aperaltar-se.

— Sim — resmungou, — é formal. Mas dá tempo para voltar aqui depois da tua hora habitual de jantar.

— Assim não te restará muito tempo para te preparares.

O olhar que lhe lançou poderia gelar sangue.

— Posso indagar se existem feiticeiras domésticas entre os dragões — sugeriu Jaenelle.

Sentindo-se mais descontraído do que em qualquer momento daquela semana, Lucivar levantou-se, espreguiçou-se e inclinou-se para dar um beijo na cabeça de Jaenelle. — Não ameaces o mano mais velho — repreendeu placidamente. — Especialmente depois de ter aguentado a resmunguice do Pai por causa da jangada.

Crispando-se, olhou para Lucivar. — Foi mau? Quando me viu não parava de ranger os dentes e recusou-se a tocar no assunto.

Lucivar endireitou-se, encostando-se a um dos postes de apoio do alpendre. — Não, não foi mau. Na verdade, até estava bastante calmo quanto à nossa ideia de fazer uma jangada daquilo a que chamou “galhos e pauzinhos”,...

— E era isso mesmo — afirmou Jaenelle.

— ...mantendo tudo unido apenas pela Arte.

— e foi o que fizemos.

— E *disse* que compreendia a nossa necessidade de estarmos em cima da jangada quando a testámos no rio.

— E onde é que iríamos descobrir se resultava?

— Consegui até permanecer calmo relativamente ao facto de não abandonarmos a jangada após termos chegado aos rápidos. E não berrou por termos ido pela cascata abaixo. — Lucivar coçou o pescoço. — Embora

ainda não consiga perceber como é que consegui falar tão claramente com os dentes cerrados daquela maneira.

Jaenelle inclinou-se para a frente. — Não lhe disseste que a jangada começou a despedaçar-se antes de cairmos pela cascata, pois não?

— Pareço-te estúpido? — perguntou Lucivar. — É claro que não lhe disse. Além do mais, o que levou a que quase explodissem umas quantas veias foi quando descobriu que voltámos ao ponto de partida e fizemos tudo de novo.

— Oh, céus — exclamou Jaenelle. — Admira-me as paredes do Paço não terem estremecido com a gritaria.

— Não teve oportunidade de gritar. — Lucivar mostrou o sorriso indolente e arrogante que era sinal de sarilhos. — Antes de começar, pus um ponto final.

— Como?

— Disse-lhe que estava com ciúmes.

O queixo de Jaenelle caiu. — *Lucivar!* Disseste ao Papá...

— Que a única razão pela qual estava furioso comigo era porque me tinhas convidado a ir contigo experimentar esta ideia e não o convidaste a ele.

A sua gargalhada argentina e aveludada ressoou pelo campo. — Oh — arquejou. — Oh, foste mauzinho. O que disse o Papá?

Lucivar riu-se com ela. — Limitou-se a olhar-me com aqueles olhos que até fazem buracos nos ossos e, de seguida, expulsou-me do gabinete. Desde então, não voltou a falar do assunto.

— Coitadinho do Papá. — Jaenelle suspirou. — Amanhã vou vestir-me a rigor para o compensar.

— Faz isso, faz, pois se eu usar um vestido não fará qualquer diferença.

Olhou para Lucivar e riu-se a bom rir – obtendo um bramido em resposta, oriundo das traseiras da cabana.

Boa. Não demoraria muito para estar a tentar explicar a um Príncipe dos Senhores da Guerra felino e perplexo a razão dos estranhos ruídos produzidos pela Rainha.

— Até amanhã. — Saltou do alpendre, abriu as asas e lançou-se para o céu.

— L-Lucivar!

Não, senhora. É justo. Tivera de enfrentar Saetan sozinho por causa da jangada, agora Jaenelle podia explicar o seu comportamento ao “gatinho”.

Não permitiu que o odor persistente de Roxie lhe arruinasse a boa disposição ao regressar a casa. Além disso, até ao outro dia à noite, todos os seus problemas femininos poderiam estar resolvidos.

SEXTO

Ao pousar o cesto de latão junto ao monte de lenha, Marian sentiu o protesto dos músculos das costas, ameaçando ancilosar. Examinando o monte de lenha, ergueu uma mão e usou a Arte para levar os pedaços de lenha até ao cesto.

Luthvian haveria de criticar e escarnecer, dizendo – mais uma vez – que era sinal de preguiça usar-se a Arte para pequenos actos, mas Marian não se importava. Usar a Arte para não dar um mau jeito nos músculos, não era preguiça, era ter sentido prático – especialmente tendo em conta que hoje as costas já tinham ficado hirtas enquanto esfregava o chão da cozinha.

A amabilidade de Luthvian ao entrar na cozinha deparando-se com Marian no chão, incapaz de se levantar, causou-lhe estranheza. Nesse momento, fora uma Curandeira plena, hábil e eficiente. Porém, as palavras calmas que lhe dirigira ao aliviar-lhe a dor, tinham sido as mesmas – as asas inábeis eram a causa das dores nas costas. A sua remoção era a única forma de atingir a recuperação completa.

Uma vez que não permitia que Luthvian lhe removesse as asas, nada podia dizer quanto às tarefas que lhe provocavam dores. Sabia que os ferimentos tinham sarado, mas quando as dores surgiam, fechava os olhos e traçava mentalmente cada golpe infligido pelos Senhores da Guerra.

Rangendo os dentes, Marian estendeu a mão para pegar na asa do cesto de latão.

O cesto desapareceu antes de lhe tocar. Reapareceu logo a seguir, à altura da cintura, mas fora de alcance. De seguida, caiu no chão com um baque pesado.

— Talvez não tenha sido bastante explícita quando te disse para não abusares durante uns tempos. — A voz não conseguia ocultar por completo a onda de raiva sob as palavras ditas de modo dócil.

Marian virou-se. Jaenelle estava a alguns metros.

— Senhora Angelline. — Marian engoliu em seco, incapaz de desviar o olhar daqueles olhos azul-safira. Teve a sensação de que o seu corpo estava a ser escrutinado por dedos, quase a tocar-lhe a pele.

— Não provocaste lesões permanentes — disse Jaenelle, — mas...

— Marian! — A voz de Luthvian rasgou o ar através das janelas abertas da cozinha. — Vais mandriar o resto da noite à volta da lenha? Ainda não terminaste a lida da casa.

Algo mortífero reluziu nos olhos de Jaenelle, desaparecendo tão depressa que Marian ficou na dúvida se, efectivamente, teria visto o que quer que fosse.

— Faz as malas — disse Jaenelle em voz baixa. — Vamos embora.

— Mas...

— *Agora.*

Não ia discutir com *aquela* voz. Movendo-se tão rapidamente quanto as pernas retesadas lhe permitiam, chegou à esquina da casa no momento em que Luthvian saía pela porta da cozinha.

— Fogo do Inferno, rapariga — disse Luthvian com brusquidão. — Onde está a lenha? Não consegues fazer nada... — Ficou petrificada por um segundo. — Boa-noite, Jaenelle.

— Boa-noite, Luthvian. — Jaenelle avançou até ficar junto a Marian. — A Marian está de partida. Os seus préstimos são necessários noutra local.

Luthvian parecia ter levado uma bofetada, mas recuperou de imediato. — Temos de discutir o assunto.

— Muito bem — respondeu Jaenelle. — Assim o faremos enquanto Marian faz as malas.

O ar crepitou com a fúria reprimida. Marian recuou e girou em torno de ambas as mulheres, demasiado nervosa para passar entre elas. Ao entrar na cozinha, ouviu Luthvian dizer: — Serve, mas quem lhe pagar ordenado pelo trabalho sairá desapontado.

Não aguardou para ouvir a resposta de Jaenelle. Limitou-se a subir até ao pequeno quarto no segundo andar que Luthvian lhe destinara. Pouco havia a emalar. Quando Jaenelle a trouxera à casa de campo de Luthvian, apenas trazia as calças, túnica e roupa interior que lhe tinham sido oferecidas na Fortaleza, uma vez que as suas roupas tinham ficado inutilizadas pelo ataque. Luthvian dera-lhe uma saia e duas túnicas que a Curandeira já não queria e comprara-lhe, de mau grado, dois conjuntos de roupa interior. As suas únicas posses eram os objectos que, mediante a Arte, carregava sempre com ela: os abastecimentos para os períodos da lua, a escova e os adornos de cabelo que as irmãs não lhe tinham pedido “emprestado” para

nunca mais os devolverem, o livro que pedira no último Winsol e que recebera como prenda da mãe e o pequeno tear e o saco em tecido com os novelos.

Fez desaparecer as roupas visto não ter outra forma de as transportar e, acabara de sair do quarto, quando a cabana estremeceu com um trovão. O coração de Marian disparou ao pousar uma mão na parede para se equilibrar. Não havia sinal de tempestade quando esteve na rua, poucos minutos atrás. Onde se teria...

Um tipo diferente de trovão.

Sentiu um arrepio. O coração bateu com mais força.

O tipo de trovão que se dava quando uma feiticeira revelava alguma da sua fúria como aviso àqueles que a rodeavam.

Mordendo o lábio, Marian concedeu-se alguns segundos para reunir coragem antes de descer para a cozinha. Luthvian estava sentada à mesa da cozinha, os olhos dourados repletos de despeito e pavor. Jaenelle encontrava-se na soleira da porta, não estando na cozinha mas também não esperando lá fora.

Marian hesitou. Deveria dizer algo a Luthvian, mas não sabia o quê. Não podia agradecer a Luthvian pela hospitalidade uma vez que tinha ganho o seu sustento durante a estadia naquela casa – além de que não se sentira bem-vinda. E receava que, independentemente do que dissesse, a reacção de Luthvian fosse brutal e destróçadora. Por isso, desviou o olhar e caminhou para a porta da cozinha que dava para a rua.

Jaenelle recuou e afastou-se para um dos lados, dando-lhe espaço de passagem. A porta fechou-se atrás das duas mulheres com uma suavidade pior do que um estrondo enfurecido.

— Consegues caminhar um pouco? — perguntou Jaenelle quando chegaram ao portão no baixo muro em pedra que circundava a propriedade de Luthvian.

Marian anuiu.

Caminharam em silêncio durante alguns minutos. Foi então que Jaenelle disse: — Lamento que tenha sido tão difícil para ti. Julguei... — Abanou a cabeça. — Não interessa o que julguei. Foi um erro de discernimento e foste tu a pagar.

Luthvian tinha feito várias insinuações, dando motivos a Marian para aguentar o trabalho que sabia estar a ser-lhe prejudicial mas que era melhor do que ser mandada embora. No entanto, agora que tinha sido *retirada* da casa...

— Não quero voltar a Terreille — as palavras saíram precipitadamente.

— Ninguém disse que tinhas de voltar — respondeu Jaenelle.

— Mas se já não sirvo a Senhora Luthvian...

Jaenelle praguejou. Marian não compreendia o idioma, mas compreendeu a forma feroz como as palavras foram proferidas.

— Não serves Luthvian — disse Jaenelle com severidade. — Serves na *minha* corte.

Marian parou de andar, demasiado atordoada para se mover. — Eu... A *vossa* corte?

Jaenelle virou-se para Marian. Após estudar a feiticeira doméstica, disse: — Oitavo Círculo. Não te lembras de assinar o contrato depois de te ter explicado que tinhas de servir numa corte durante dezoito meses caso pretendesses permanecer em Kaeleer?

Recordava-se que Jaenelle lhe tinha dado um pergaminho e de lhe ter explicado *algo* sobre ter de assinar o documento para poder ficar em Kaeleer, mas ainda estava muito débil e atordoada para interiorizar o que quer que fosse, excepto que a sua assinatura permitia que ficasse. E quando Luthvian insinuou que ficar ou ser enviada de volta para Terreille dependia da *sua* decisão...

— O que tenho de fazer? — perguntou Marian.

Jaenelle encolheu os ombros. — O serviço no Oitavo Círculo? Uma refeição, quando se justificar, sempre que estiver alojada na minha cabana em Ebon Rih, deverá satisfazer os requisitos.

Uma refeição. Iria Jaenelle fornecer a comida para Marian cozinhar ou esperava que ela a providenciasse? *Como* iria ela providenciá-la? — Onde vamos?

Jaenelle sorria agora. — Os teus préstimos *são* necessários noutro sítio. Conheço alguém que precisa de uma governanta.

Marian sossegou um pouco. Se lhe fosse pago um ordenado e se incluísse comida e alojamento, poderia satisfazer a obrigação perante a corte da Senhora.

Jaenelle olhou para o céu e crispou-se. — Vamos. É melhor viajarmos pelos Ventos para lá chegarmos. Se chegar atrasada ao Paço, o Papá vai-me lançar um daqueles olhares resignados. Odeio profundamente aquele olhar resignado – em especial quando é merecido.

Antes que Marian conseguisse interiorizar a ideia de que a Rainha de Ebon Askavi tinha um pai que se atrevia a criticá-la, nem que fosse com um olhar, Jaenelle pegou-lhe na mão, lançando-as para o Vento Violácea.

Passados alguns minutos, saíram dos Ventos e pousaram num pátio de lajes defronte de uma casa alcantilada. Marian crispou-se ao ver a abundância caótica de ervas e pedras espalhadas de um dos lados da casa, mas não teve tempo de chegar à conclusão se em tempos teria sido um jardim ou se

teria sido sempre um emaranhado superabundante, pois Jaenelle abriu a porta sem bater e puxou-a para dentro.

— Lucivar! — chamou Jaenelle.

Ouviu-se um assobio agudo vindo de outra divisão da casa.

Lucivar? Marian sentiu o medo regressar precipitadamente enquanto Jaenelle a puxava para a arcada de um dos lados da grande sala vazia.

— Pensava que ias... — disse uma voz masculina.

Um último puxão e Marian viu-se na cozinha perante um macho eyrieno. Um Príncipe dos Senhores da Guerra. Que usava Jóias Ébano-Acinzentadas.

O quarto começou a girar. Os joelhos cederam. *Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas. Ele não. Por favor, ele não.*

— Marian — disse Jaenelle, — apresento-te Lucivar Yaslana, o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Lucivar, esta é Marian – a tua nova governanta.

Não. Não não *não*. Ouvira falar de Lucivar Yaslana. Em Askavi, quem é que *não* ouvira falar de Lucivar Yaslana, mesmo que tivessem passado séculos desde que vivera em Askavi? *Era* este o filho de Luthvian? O soberano de Ebon Rih? Não podia ficar neste local, de modo nenhum. *Não podia*. Quando Luthvian se queixasse ao filho por ela a ter deixado... Poderia fazer o que quisesse a Marian e ninguém se atreveria a dizer uma palavra que fosse. Os Príncipes dos Senhores da Guerra eram a própria lei. Até em Terreille, aqueles que não eram mantidos sob controlo apertado eram tratados com cautela e todos sabiam que as regras que se aplicavam a todos os outros machos não se aplicavam a eles. *Não era possível* que assim fosse.

— Senhora Marian — disse Lucivar.

Teria já feito algo errado? Estaria já zangado com ela? Não podia ficar neste local.

Jaenelle bufou. — Vão-me perdoar, mas tenho mesmo de ir. — Passou a mão pelo ombro de Marian. — Volto daqui a um ou dois dias para ver como estás.

Desapareceu e Marian ficou perante um homem que, mesmo sem fazer nada, era cem vezes mais perigoso do que os cinco Senhores da Guerra que tentaram assassiná-la.

— Senta-te, por favor — disse Lucivar, inclinando a cabeça para indicar a mais próxima de quatro cadeiras dispostas de cada lado de uma enorme mesa em pinho.

Sem saber o que mais fazer, Marian puxou a cadeira e sentou-se.

— És servida de um café? — perguntou Lucivar.

Marian acenou afirmativamente com a cabeça, embora os seus olhos estivessem presos à mesa. Retraiu-se quando Lucivar pousou uma caneca

branca à sua frente, mas afastou-se, deixando uma distância entre ambos que permitia que Marian voltasse a respirar.

— A minha irmã explicou tudo no caminho para cá?

Surpreendida, Marian subiu o olhar. — Irmã? — Luthvian não mencionara uma filha.

— Jaenelle — disse Lucivar. — É minha irmã.

Tal facto deveria ser tranquilizante. Não era. Mas havia algo que tinha de saber. — Vive aqui mais alguém?

— O Berloque vive comigo. É...

Ouviu o som de unhas na pedra escassos segundos antes de ver um lobo a passar a arcada. Yaslana tinha um animal selvagem como *animal de estimação*?

O lobo avançou devagar, abanando a ponta da cauda ao farejar-lhe a mão. Marian não se moveu, nem sequer se atreveu a crisar-se quando o lobo se aproximou ainda mais para lhe farejar os pés e as pernas, a cauda a abanar com mais entusiasmo. Porém, deu um salto quando o lobo lhe enfiou o focinho entre as pernas. Nesse instante, Yaslana avançou, agarrou o lobo pelo cachaço e afastou-o.

— Vai lá para fora, Berloque — disse Lucivar, com uma voz que, embora calma, exigia obediência imediata.

Dando um latido-ganido, o lobo saiu da cozinha.

Lucivar afastou-se, o que o levou até à arcada e não de volta para a cozinha. — Descansa um pouco enquanto bebes o café. Depois, levo-te ao teu quarto. — Saiu, sem esperar pela resposta.

Ainda bem. Não sabia se *teria* conseguido responder. As mãos tremiam ao pegar na caneca e beber um gole de...

Estremeceu. Dissera que era café. Não estava certa do que seria, mas *seguramente* que não era café. Pelo menos, esperava que não fosse. Pousando a caneca, apoiou a cabeça nas mãos. Estava sozinha com um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Ébano-Acinzentada e com um lobo. Doces Trevas, o que deveria fazer?

Lucivar serpenteou através das rochas, precisando de se distanciar da feiticeira trémula na sua cozinha. Berloque dançava a seu lado, um monte de pêlos de excitação.

Podemos ficar com ela, Yas? perguntou Berloque. *Poderá ser a fêmea da nossa alcateia.*

Visto que acreditava que Marian não desejasse fazer parte da “alcateia” deles, respondeu com uma pergunta: — Para que foi essa cauda a abanar?

Ladvarian diz que os cães abanam as caudas para que os humanos percebam que querem ser seus amigos.

Ladvarian era um Senhor da Guerra sceltita que Jaenelle trouxera para o Paço ainda cachorro. Uma vez que os cães tinham mais experiência na vivência com humanos ou próximos deles, os parentes selvagens que faziam parte da corte de Jaenelle consideravam Ladvarian um perito em comportamento humano e procuravam-no para que lhes explicasse as acções desconcertantes dos humanos.

Por isso, abanei a cauda prosseguiu Berloque, contente. *Quero ser amigo. Gosto do seu cheiro.*

Os pés de Lucivar cravaram-se no chão. *Esta* era uma afirmação que não podia ignorar... por muito que quisesse. Passou as mãos pelo rosto e suspirou. — Berloque... Não a farejes entre as pernas.

Mas... Yas...

— Bem sei que, entre lobos, é aceitável, mas não podes fazer isso com fêmeas humanas. Ficam rabugentas.

Mas...

— *Não*, Berloque.

Berloque inclinou a cabeça e olhou para Lucivar com olhos entristecidos. *Resmungaria contigo se a farejasses entre as pernas?*

A imagem formou-se na sua cabeça antes de conseguir detê-la. Marian, sentada na cadeira, na cozinha. Lucivar de joelhos, à frente dela, com os braços à volta da cintura da mulher e o rosto enfiado na junção das suas coxas, inspirando o seu cheiro, ao mesmo tempo que o odor passava de caloroso e calmo para ardente e irritado.

Afastou-se de Berloque, não sabendo se deveria amaldiçoar-se a si próprio, amaldiçoar Marian, amaldiçoar Jaenelle ou amaldiçoar o lobo por ter levantado a questão.

Pois não era essa a questão? Bastara olhar para Marian e tudo nele se avivara de interesse, revolvendo na direcção do desejo. Caso a tivesse conhecido noutras circunstâncias, teria feito valer os seus direitos. Assim era o Protocolo. Era lícito.

Os Príncipes dos Senhores da Guerra não eram como os outros homens. Eram arrebatadamente violentos e violentamente apaixonados e muito mais territoriais do que os outros machos. Quando uma mulher despertava o interesse sexual de um Príncipe dos Senhores da Guerra, tinha uma forma simples de tratar os possíveis rivais: matava-os.

Sendo que essa resposta letal fazia parte da natureza dos Príncipes dos Senhores da Guerra, os Sangue há muito que estabeleceram Protocolos concedendo uma oportunidade de sobrevivência aos outros machos. Quando um Príncipe dos Senhores da Guerra mostrava interesse numa fêmea, os outros machos afastavam-se, dando-lhe tempo para a conhecer – e para que a mulher também o pudesse conhecer e ponderar se desejava aquele

temperamento assombroso e aquele apetite sexual instintivo centrado exclusivamente nela. Seria, sem dúvida, exclusivo. Porém, a escolha era sempre da mulher. Depois de passar algum tempo com ele, permitindo uma decisão, poderia aceitá-lo como amante... ou comunicar-lhe que partisse. E se lhe dissesse para partir, não discutiria, não tentaria persuadi-la – tinha de se afastar. Também fazia parte do Protocolo.

Contudo, *Lucivar* nem sequer poderia seguir o Protocolo pois *Marian* era a sua maldita *governanta*. Tinha todo o direito de esperar que *Lucivar* a protegesse de qualquer tipo de atenção sexual indesejada da parte de um macho – incluindo *Lucivar*.

Mas... Fogo do Inferno, ela estava a atraí-lo de muitas formas. O medo que demonstrava estimulava-lhe a fúria uma vez que os instintos exigiam que defendesse e protegesse – e que destruísse a causa do medo. Não o podia fazer, porque a causa era *ele próprio*. E sob aquele medo sentia uma força calorosa e tranquila que o intrigava e o excitava, que o levava a desejar envolvê-la e inspirar o odor psíquico bem como os aromas físicos. Oh, excitara-se com algumas mulheres ao longo dos últimos três anos e alturas houve em que o desejo dentro de si fora intenso, mas nunca o suficiente para ceder, nunca o suficiente para se esquecer da raiva e amargura que temperaram a maior parte das suas experiências sexuais. Por isso, fora fácil afastar-se desses arrebatamentos, acorrentar o desejo. Até *Marian* entrar na cozinha. Agora *queria*, mas não sabia se conseguiria, manter o desejo acorrentado.

Lucivar olhou para a casa alcantilada. Quiçá, depois de estar instalada no quarto da governanta, os seus medos se dissipassem ligeiramente. Quiçá se dissipassem o suficiente permitindo que ficasse, embora *Lucivar* não soubesse se essa opção se iria revelar um tormento ou uma dádiva.

Suspirou, virou-se e olhou para Berloque. — Vou providenciar para que fique instalada para passar a noite. Fica aqui. Neste momento, não creio que consiga enfrentar mais do que um macho.

Berloque ganiu mas não o seguiu quando *Lucivar* voltou para casa.

Marian estava ainda na cozinha, com os olhos brilhantes de medo.

— Vou mostrar-te onde é o teu quarto. — A voz de *Lucivar* estava tão calma quanto possível, mas havia um vestígio de um rosnado em resposta ao medo.

Em silêncio, *Marian* seguiu-o até um quarto num lado oposto da casa em relação ao quarto de *Lucivar*. Estremeceu quando *Lucivar* abriu a porta e se apercebeu que teria de passar por ele.

Enquanto a observava a examinar o quarto, disse: — A governanta da minha família trouxe a mobília e montou o quarto. Aquela porta dá para

uma casa de banho privada. Espero que encontres tudo o que precisares.
— *Pelo menos por esta noite.*

Continuava em silêncio. Tinha um aspecto magoado e exausto e a única coisa que poderia fazer para a ajudar era deixá-la sozinha.

— Boa-noite, Senhora. — Fechou a porta, fitando-a durante alguns momentos. *Maldita sejas, Gata. Desta vez deste-me um belo pontapé na barriga.*

Todavia, ao regressar à rua para dizer a Berloque que podia entrar, teve um mau pressentimento de que as dores não se iriam resumir à barriga.

Marian fitou a porta. Não tinha fechadura. Não havia forma de evitar que alguém entrasse durante a noite para...

Podia colocar um escudo Violácea a envolver o quarto, o que, provavelmente o iria insultar – ou divertir. Certamente não o iria impedir se...

Estremeceu e cerrou as mãos com tanta força que começaram a doer. Não podia pensar nisso. O medo era já uma criatura viva que rastejava dentro de si. Se queria sobreviver à sua estadia neste local, teria de rechaçá-la e não alimentá-la.

Invocou a camisa de noite – mais uma peça de roupa que Luthvian queria deitar fora e que lhe tinha dado. Também não pensaria mais nisso. Não pensaria sequer. Não podia pensar.

Depois de mudar de roupa, deitou-se e invocou o livro, certa de que não iria conseguir dormir.

Mais tarde, despertou o suficiente de um sono profundo para perceber que alguém estava a tirar-lhe o livro das mãos com delicadeza e a desligar a luz na mesinha de cabeceira, mas não despertou o suficiente para questionar quem seria essa pessoa.

SÉTIMO

Marian acordou sobressaltada, com o coração aos saltos. Manteve os olhos fechados, simulando estar ainda a dormir, de modo a dar ao cérebro confuso alguns segundos para recuperar e identificar o que a tinha arrancado do sono profundo.

Ali estava. Um fôlego quente na sua mão. Estava alguém no quarto, junto à cama. Alguém que já se teria apercebido, pela alteração da respiração, que já não estava acordada e se continuasse a fingir apenas permaneceria cega face ao perigo.

Abriu os olhos... e encarou o lobo que a observava atentamente.

Estás acordada. O Yas disse-me para não te acordar e não acordei, mas agora acordaste. O lobo esticou o pescoço até ficarem nariz com nariz. *Podes fazer-me festas.*

Marian levantou a mão, obediente. Nesse momento, o seu cérebro identificou o que havia de errado nesta “conversa”.

Um guincho esbaforido, um pontapé descoordenado para se libertar da roupa da cama e um movimento precipitado pô-la de pé no lado do quarto oposto ao lobo, que tinha um ar igualmente surpreendido.

A porta do quarto estava aberta. Marian estava mais perto. Se conseguisse chegar à porta...

Deslocou-se de lado, arrastando os pés, sem tirar os olhos do lobo – até que este colocou uma pata na cama como se pretendesse saltar por cima para chegar a Marian.

Lançou-se pela porta, correu pelo corredor, virando no final tão rapidamente que quase batia na parede oposta e apressou-se pelo amplo corredor principal da casa alcantilada. Vendo a arcada da única divisão que reconheceu, agarrou-se à parede em pedra e girou para a cozinha, sobressaltando Yaslana que quase deixou cair a caneca que tinha nas mãos.

— Em nome do Inferno, o que... — começou.

— O lobo fala!

— Eu sei — respondeu Yaslana. — É parente. Já que estás acordada, queres café?

Marian olhou-o estupefacta. Porventura não estaria completamente acordado para compreender o que lhe tinha dito. — O lobo *fala*. Com *frases completas*.

— Eu sei. — Observou-a por um instante, para depois acrescentar: — É parente. Sangue.

— Sangue? — De repente, sentiu-se ligeiramente fraca e zozna.

— Os Sangue das raças que não são humanas são chamados parentes. — Yaslana coçou a face. — Na verdade, Berloque é um Senhor da Guerra. Usa Jóias Violáceas.

Marian estendeu a mão à procura da cadeira mais próxima para não tombar. Sangue? Senhor da Guerra? Jóias Violáceas?

Um ganido.

Virou-se. Parado na arcada, o lobo olhou-a com o olhar mais desolado que alguma vez vira.

Ganiu de novo e esgueirou-se – e pareceu a Marian que um rapazinho tentara oferecer-lhe algo que julgava ser um presente maravilhoso... e que ela lhe dera uma bofetada.

Confusa e com um sentimento de culpa, concentrou-se no som familiar de carne a estralejar – e franziu o sobrolho. — O que estais a fazer?

Virando-se novamente para o fogão, Yaslana pegou num garfo e virou os dois bifés que estralejavam numa frigideira. — O pequeno-almoço. És servida? Chega e sobra. — Espetou algo na outra frigideira.

Marian deixou-se cair na cadeira. — Mas... Era eu que devia estar a fazer o pequeno-almoço.

Lucivar encolheu os ombros. — Estavas a dormir.

Perdeu o ânimo perante a crítica implícita, para logo se indignar face à injustiça da mesma. — Peço perdão, Príncipe Yaslana. Não me informastes a que horas esperáveis...

— Acordei cedo e decidi fazer o pequeno-almoço — disse, irritado. — Não tem importância.

Não tem importância. As palavras golpearam-na, deixando claro a opinião de Yaslana quanto às capacidades que habitualmente lhe davam tanto prazer.

Pegou numa cafeteira, serviu um líquido escuro numa caneca, trouxe a caneca para a mesa e pousou-a pesadamente defronte da feiticeira.

Marian olhou para a caneca – e estremeceu.

Lucivar ficou hirto como se a mulher o tivesse esbofetado e, de seguida, virou-se para o balcão e agarrou em dois pratos, regressou ao fogão e

começou a servir a comida. Todos os seus movimentos irradiavam fúria: ao pousar os pratos na mesa, ao retirar os talheres de uma gaveta e deixá-los cair na mesa.

Quando puxou uma cadeira, Marian reuniu coragem para pedir: — Há leite e açúcar, por favor?

Lucivar fez uma pausa. — Ontem à noite não quiseste.

Era verdade, mas na noite anterior ignorava o mal que sabia esta mistela.

Um açucareiro e uma pequena garrafa em vidro surgiram sobre a mesa. Pairaram momentaneamente antes de pousarem delicadamente ao alcance de Marian.

Serviu-se de duas colheres de chá de açúcar – para logo acrescentar uma terceira bem cheia quando Lucivar se afastou da mesa por um momento – e o leite que conseguiu servir na caneca sem entornar. Mexeu com cuidado e provou cautelosamente. Estava mais fraco e mais adocicado – ainda assim, sabia terrivelmente.

Lucivar sentou-se, escolheu uns talheres do monte sobre a mesa e disse: — Come.

Olhou espantada para o que poderia ter sido um belo bife se não tivesse sido lançado para a frigideira sem consideração pelas respectivas potencialidades. Reprimindo um suspiro que, seguramente, o iria irritar ainda mais, escolheu os talheres e começou a comer. As batatas fritas estavam muito boas, os ovos mexidos estavam doces, mas não estavam maus e o bife, apesar do tratamento, ainda estava tenro. Contudo, cada bocado que mastigava e engolia era um esforço de vontade. Tinha plena consciência da irritação do homem sentado à sua frente, tinha plena consciência de que ainda não tinha executado a primeira tarefa na nova posição e já estava descontente com ela.

Após algumas garfadas, o estômago doído ameaçava rebelar-se se Marian forçasse mais comida, por isso começou a mexer na comida, desejando que a refeição terminasse – e receosa de ponderar no que poderia acontecer quando chegasse esse momento.

De repente, Yaslana pousou a faca e o garfo e empurrou a cadeira para trás, com metade da refeição no prato simbolizando outra crítica silenciosa.

— Tenho de me ausentar durante algumas horas — disse. — Conto estar de volta ao meio-dia.

Enquanto Lucivar se dirigira para a arcada, Marian virou-se ligeiramente na cadeira, sem conseguir olhá-lo directamente. — O que... O que desejais que faça?

— O que quer que façam as feiticeiras domésticas.

Derrotada, disse: — Nada de importante.

Julgara ter falado em voz tão baixa que Yaslana não conseguiria ouvir, porém, deteve-se na arcada e fitou-a durante algum tempo. Depois, saiu.

Marian ficou sentada à mesa durante muito tempo, tentando convencer-se de que havia trabalho a fazer. Pelo menos, pratos para lavar e restos de comida a guardar e a refeição do meio-dia para planejar logo que desse uma vista de olhos ao que havia. A tarefa de exploração dos seus domínios deveria tê-la alegrado. Em vez disso, ficou sentada.

Era uma feiticeira doméstica cujas Jóias não eram suficientemente escuras para lhe concederem uma posição social digna de referência e as suas competências não tinham valor. Por isso, de que valia tentar, estar sempre a tentar? A única ocasião em que alguém lhe dera valor fora quando aqueles cinco Senhores da Guerra a tentaram matar. O que revelava isso relativamente a uma mulher que, pertencendo a uma das três raças de longevidade prolongada, já vivera três séculos e viveria muitos mais – e nunca viria a fazer algo importante ou a ser alguém de relevo?

Talvez a Senhora Angelline não me tenha feito um favor ao salvar-me. Quiçá tivesse sido melhor se...

Marian abanou a cabeça. Não. Era apenas mais uma etapa complicada do caminho, mais uma parte da viagem que teria de realizar antes de tornar em realidade o sonho de ter uma casa própria.

Um ganido fê-la virar-se para a arcada. O lobo regressara, ainda com um ar desconsolado.

Parente. Sangue. Senhor da Guerra. Jovem.

Compreendeu, por fim, o que a tinha levado a pensar num rapazinho. Era ainda jovem.

— Bom-dia, Senhor Berloque. — Vendo que o lobo não respondia, voltou a tentar. — Peço desculpa por ter reagido mal. Eu... nunca tinha falado com um lobo.

Não falamos com muitos humanos. Só com amigos.

Marian levantou a mão. — Ainda queres que te façam festas?

Festas? Avançou, colocando a cabeça sob a mão de Marian.
Festas.

E Marian afagou-o – e o assombro de tocar num animal selvagem que era mais do que um animal selvagem começou a invadi-la.

Olhou de relance para as refeições inacabadas. — Queres bife, Berloque?

Carne esturricada?

— Não, não está esturricada... — Oh. Lobo. — ...mas está cozinhada.

Suspirou. *Em todo o caso, vou comê-la.*

Deu a carne a Berloque, ignorando o facto de que poderia ter feito uma deliciosa tarte de carne com os bifés, e começou a levantar a mesa.

— Depois de me lavar e vestir, podes fazer-me uma visita guiada? — perguntou ao lobo.

Posso mostrar-te respondeu. *Não precisas de marcar o território. Eu marco o nosso território. Nem o Yas consegue marcar tão bem o território como eu.*

Ponderou um pouco nessa ideia, inclinando a cabeça para que os longos cabelos pretos caíssem para a frente de modo a esconder o sorriso rasgado. Mesmo que o resto não fosse o que esperava, aprender sobre os parentes iria revelar-se deveras interessante.

Lucivar entrou de rompante no gabinete de Saetan no Paço, fechando a porta com um estrondo. Saetan nem pestanejou, limitando-se a pôr de lado os documentos que estava a ler e recostando-se na cadeira.

Era de esperar que o Senhor Supremo não se demonstrasse surpreendido com aquele género de entrada. Afinal, durante os últimos cinco anos convivera com Jaenelle, a assembleia e os rapazolas, juntamente com a combinação de adolescência, de poder e daquelas mentes particularmente ágeis quanto ao uso da Arte, teria feitos em frangalhos os nervos de um homem mais frágil.

Todavia, aquela falta de reacção aborreceu Lucivar. Estava desesperado por um campo de batalha onde pudesse descarregar as emoções fervilhantes que sentia e o pai não estava a ser prestável. Por isso, preparou o campo de batalha.

— Não vai resultar — resmungou, enquanto andava para trás e para a frente defronte da secretária de Saetan. — Não vai mesmo resultar.

— E o que é que não vai resultar? — perguntou Saetan.

— Marian.

Saetan suspirou, mas ouviu-se o desespero camuflado. — A mulher mal teve tempo para desfazer as malas. O que fez...

— Não aguento! — gritou Lucivar. — É a minha casa. Não quero isto na minha casa. — Parou de andar e passou uma mão pelo cabelo. — Traz ao de cima tudo o que em mim é indomesticável.

— Porquê?

— Porque tem medo! Tem medo do Berloque e... — Cauterizava enunciá-lo. — ...tem medo de mim.

— Tem razões de sobra para te temer.

Oh, agora sim. *Aqui* estava o campo de batalha e um adversário que não se iria retrair perante a sua fúria. A voz volveu-se tranquila e letal. — O que significa isso?

— Sabes a razão que trouxe Marian a Kaeleer? — questionou Saetan.

— Foi Jaenelle que a trouxe. — Outro campo de batalha. — E o que raio estava Jaenelle a fazer em Askavi Terreille? — rugiu.

— A socorrer uma feiticeira doméstica.

Foi nesse momento que se apercebeu. Não era irritação que as palavras serenamente proferidas por Saetan ocultavam; era ira. Por isso, acorrentou a fúria, sem saber se estava a falar com Saetan, o pai, ou com Saetan, o Senhor Supremo do Inferno. Não compreendia o que levava Andulvar Yaslana, o Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra de Jóia Ébano-Acinzentada que fora o melhor amigo de Saetan por mais de cinquenta mil anos, a fazer questão em o avisar para que fosse cauteloso ao lidar com o Senhor Supremo, pese embora a necessidade de o Príncipe Demónio proceder à distinção representasse razão suficiente para que assim agisse.

Saetan levantou-se e contornou a secretária, apoiando-se na parte frontal. Esta posição informal, ao invés de permanecer detrás da secretária, era normalmente indicativa de uma discussão entre iguais.

— O pai de Marian é um Senhor da Guerra que serve como guarda do Quinto Círculo na corte de uma Rainha — explicou Saetan, ainda com a voz calma — e ainda repleta de uma fúria reprimida. — Pelo que pude apurar, não tem inteligência, estrutura ou tomates para ascender, porém, ilude-se a si próprio julgando que é a falta de ligações sociais adequadas e não a sua falta de capacidades que o afastam do Primeiro ou Segundo Círculos. Gosta de conviver com os machos aristocratas da corte e gosta de jogar — e alguns deles toleram a sua presença por acharem graça às suas expectativas e por gostarem de ganhar o salário miserável que recebe quando consentem que jogue com eles. Todavia, não permitiam que jogasse a crédito pois rapidamente se aperceberam que não tinha forma de lhes pagar.

“Não obstante, uma noite, há algumas semanas, permitiram que jogasse para além dos marcos que trouxera para a mesa. Enchiam-lhe regularmente o copo e deixaram que jogasse pois tinha algo que desejavam. Recentemente, gabara-se sobre as filhas mais novas e como esperava que se tornassem feiticeiras notáveis assim que concluíssem a formação como Curandeira e Sacerdotisa. Mas a filha mais velha envergonhava-o. Uma feiticeira cujas aptidões nunca facultariam à família qualquer estatuto social, uma feiticeira que não fazia... ”

— Nada de importante — murmurou Lucivar, recordando o modo desanimado de Marian ao pronunciar aquelas palavras.

Saetan aquiesceu. — Era exactamente o que aqueles machos aristocratas pretendiam. Uma feiticeira que não fizesse nada de importante, uma feiticeira cujo desaparecimento não atraísse a atenção de ninguém na corte. — As mãos de Saetan apertaram a borda da secretária em madeira escura.

— Por isso, deixaram o sacana jogar até já ter acumulado uma tal dívida que jamais lhes poderia pagar. E quando recuperou a sobriedade e se apercebeu de que a sua permanência na corte chegaria ao fim se não pagasse o que devia, ofereceram-lhe uma troca – que aceitou.

“Nem sequer teve a coragem de a levar ao ponto de encontro para que soubesse a razão do sacrifício. Limitou-se a mandá-la ao local. Cinco Senhores da Guerra com facas e espadas de guerra eyrienas. Uma feiticeira doméstica apavorada, presa a uma corda, permitindo que voasse, o que tornava tudo mais interessante, mas impedindo-a de fugir. Golpes superficiais para prolongar a dor e o medo. E quando perdeu as forças, já não conseguindo voar, puxaram-na para o chão, com a intenção de a violar enquanto se esvaía em sangue por baixo deles.

Nauseado, Lucivar fechou os olhos. — Violaram-na.

— Não. Jaenelle chegou antes de darem início a essa parte da diversão.

Lucivar estremeceu. Jaenelle fora brutalmente violada aos doze anos. O corpo sarara, contudo vivia, bem como aqueles que a amavam, com as cicatrizes emocionais. Não havia nada que tornasse Jaenelle letal e implacável mais rapidamente do que a violação.

Abriu os olhos, precisando ver a confirmação de Saetan. — Matou os Senhores da Guerra. — Abanou a cabeça. — Mas se pretendia iniciar a cura para salvar Marian, deve ter sido uma matança rápida. — O que significava que não tinham sofrido em conformidade para saldarem a dívida de dor e horror que infligiram.

— Uma matança rápida — concordou Saetan. — Embora, tendo em conta a condição em que os seus corpos se encontravam, chegou como entrada inicial.

Lucivar nada disse, aguardando pelo desfecho.

— Jaenelle ofereceu-me os corpos para lhes extrair o remanescente da dívida — disse Saetan, com uma serenidade exagerada. — E pagaram na íntegra.

Saber o que Saetan podia fazer a um membro dos Sangue após a morte física deveria tê-lo assustado, mas sentiu uma satisfação lúgubre por saber que cada ferida que Marian sofrera, cada momento de terror que vivenciara, tinham sido cobrados. Enquanto lhes dilacerava as mentes, pedaço a pedaço, Saetan teria descoberto tudo o que havia a saber sobre o motivo e a forma que levaram Marian a ser atacada por aqueles homens.

— E quanto ao pai de Marian? — perguntou Lucivar.

— Não tenho autoridade sobre Askavi Terreille. Nada posso fazer quanto ao seu pai.

Por enquanto.

As palavras pairaram por dizer entre ambos e Lucivar apercebeu-se, com uma certeza absoluta, de que não importava quantos séculos mais o pai de Marian iria viver. Chegará o dia da morte do corpo em que fará a transição para se tornar um dos demónios-mortos. Chegará ao Reino das Trevas – e o Senhor Supremo estará a aguardá-lo.

— Assim sendo, tens que fazer uma opção, Lucivar — disse Saetan. — Percebo muito bem o que significa o medo de Marian a arranhar-te os instintos que despertam o melhor lado, e o mais mortal, da tua natureza. Se não consegues suportar, deves dispensá-la. Eu ou Jaenelle conseguiremos arranjar-lhe outro trabalho. Ou podes cerrar os dentes por uns tempos e resistir, concedendo-lhe tempo para se instalar e recobrar o equilíbrio. Dar tempo a ambos para descobrir se é a ti que receia.

Lucivar virou-se. Não podia dispensá-la. Não somente pelo que Saetan lhe contara mas também porque seria a confirmação de que Marian não fazia nada de importante, que as suas aptidões não tinham valor. Por Marian acreditar e *aceitar*, sentia-se ainda mais irritado do que qualquer outra coisa. Contudo, deixá-la ficar não iria mitigar o outro lado da frustração de Lucivar – em especial porque agora sabia que existiam cinco – canalhas! – razões adicionais para que fugisse dele.

Lucivar começou novamente a andar de um lado para o outro.

Saetan observou-o por uns instantes e inclinou a cabeça. — Mais alguma coisa?

Tentou pensar numa forma delicada de se expressar, mas acabou por dizer bruscamente: — Deixa-me ávido.

— Deixa... — Saetan fez uma pausa. Cruzou os braços sobre o peito.

Lucivar olhou de relance para o pai, à espera da crítica ou da raiva na expressão de Saetan. Ao invés, viu... interesse.

— Bem sei que é impossível — disse Lucivar.

— Porquê?

Lucivar deteve-se e olhou para o pai, incrédulo. — Para começar, trabalha para mim. Se julgar que faz parte do que espero dela... — Passou os dedos pelo cabelo. — Não suportaria se entrasse na minha cama por pensar que era obrigada.

— E se trabalhasse para outrem?

Onde Lucivar não a pudesse proteger, especialmente agora que sabia que Marian *precisava* de protecção? Enquanto respirasse, tal não iria acontecer. Contudo, a pergunta fez-lhe subir os ânimos. — Seguiria o Protocolo e faria valer os meus direitos — resmoneou.

— Não vejo razões para não o fazeres — disse Saetan.

— *Trabalha* para mim.

Saetan emitiu um som agravado. — Só lá estão os três. Se trabalhas-

se noutro sítio e se demonstrasses interesse por ela, seria escrutinada por todos nessa casa pois o teu interesse passaria ao domínio público. Desta forma, poderás conhecê-la melhor – e ela também terá oportunidade de te conhecer – em privado. O resultado final será idêntico. Se quiser ser tua amante, a escolha será dela.

— Poderá ainda pensar...

— Se eu tiver a mais leve suspeita de que possas fazer algo que a leve a sentir-se encurralada, corro-te a pontapé de um lado ao outro de Kaeleer e de volta aqui.

A ameaça, sem dúvida sincera, não o deveria ter animado, mas foi isso que aconteceu.

— Queres alvitres quanto à forma de tratar Marian? — perguntou Saetan. — Trata-a da mesma forma que tratas a assembleia.

Lucivar cerrou os punhos. A assembleia aguentava tudo o que dele viesse, mas... — É demasiado frágil para ser tratada dessa forma.

Saetan fitou-o durante longos minutos para depois lhe dizer, serenamente: — Vi-a quando Jaenelle a trouxe para a Fortaleza. A mulher que sobreviveu àquele ataque possui forças que nunca pôs à prova, forças que, provavelmente, não se apercebe que possui. Dá-lhe a possibilidade de as descobrir. Dá-lhe uma razão para as pôs à prova.

Marian olhava fixamente para os armários abertos da cozinha. Os armários vazios da cozinha. O homem tinha duas frigideiras, um bule, uma malga lascada, quatro pratos desiguais, duas canecas de café, três copos, duas facas de cozinha e um sortido peculiar de talheres de prata. Não existia louça nem tabuleiros para ir ao forno, nem sequer copos medidores. Não havia cafeteira ou moinho de café. Nem sequer possuía *colheres de pau*. Como poderia preparar-lhe refeições decentes sem utensílios?

E a despesa. O tamanho e a forma como tinha sido concebida arrebatavam-na, contudo as prateleiras despidas davam-lhe vontade de chorar. Havia um pequeno barril de cerveja e uma garrafeira que continha três garrafas etiquetadas como “yarbarah”, que deduziu ser uma vinha algures em Kaeleer pois o outro “yarbarah” que conhecia era o vinho de sangue que os guerreiros bebiam em cerimónias especiais e Yaslana não iria ter três garrafas *dessa* bebida. Porém, a farinha, o açúcar e os grãos de café permaneciam nas respectivas embalagens, sem sequer uma pequena protecção para afastar os bichos, e esses eram os únicos víveres existentes.

A arca fresca foi uma descoberta agradável, especialmente quando se apercebeu que o terço superior era um compartimento de congelação separado, pese embora achasse simplesmente... escandaloso a forma como os pedaços de carne estavam embrulhados num simples papel pardo. Os

únicos objectos na arca fresca eram uma malga encetada de manteiga, a garrafa de vidro das natas e um ovo.

Marian deixou-se cair numa cadeira. Na noite anterior não se tinha falado em ordenado e estava demasiado assustada para ter perguntado, mas agora estava contente por não o ter feito.

A mesa e as cadeiras em pinho da cozinha era novas, assim como o fogão, a câmara fresca e a mobília no quarto do Príncipe Yaslana. A mobília do quarto de Marian não era nova, embora fosse de boa qualidade.

As restantes divisões estavam vazias.

O que a fez pensar que o Príncipe Yaslana estaria apenas a subsistir até ser altura da dízima. Afinal, Luthvian dissera que se tornara recentemente Príncipe de Ebon Rih pelo que não deveria ainda ter recebido qualquer receita respeitante ao título. Era provável que não pudesse ainda comprar mais nada. Talvez fosse essa a razão pela qual não lhe falou do ordenado.

A casa alcantilada foi invadida pelo poder obscuro, advertindo-a quanto ao regresso de Yaslana. De um salto, fechou os armários e gavetas para que não magicasse no que teria ela andado a fazer. Parou e olhou à volta. Era preferível que a encontrasse ocupada com qualquer tarefa útil, mas... o quê?

Yaslana entrou na cozinha, diminuiu a passada e avançou para Marian mais devagar, quase à cautela.

O coração de Marian quase lhe saltou pela boca. Era meio-dia, não era? Contava com uma refeição e não tinha nada para lhe servir.

Subitamente, surgiram três recipientes no balcão – dois grandes tabuleiros em vidro cobertos e uma panela de barro.

— A D. Beale mandou isto, juntamente com os seus cumprimentos. Disse que era provável que não fosses hoje ao mercado visto que necessitas de algum tempo para te instalares e... — Fez uma careta. — E uma vez que duvida que eu tenha mais do que sal e pimenta como tempero, sugeriu que fizesses uma lista antes de ires às compras.

A D. Beale, quem quer que seja, é optimista, pensou Marian enquanto observava os recipientes. Nem sequer encontrara sal e pimenta quando revistou os armários e a despensa.

— Assim sendo, as refeições de hoje devem estar resolvidas — disse Yaslana.

Embora grata pelas refeições, o que Marian gostava mesmo de saber era quanto tempo poderia ficar com os recipientes.

— E aqui está isto. — Deu mais um passo na direcção da feiticeira e estendeu-lhe um maço fino de papéis.

Pegou nos papéis, abrindo-os em leque antes de olhar realmente para

o que eram. O coração quase lhe saltou pela boca e teve de reprimir um grito.

Marcos de prata. *Muitos* marcos de prata. Mais do que alguma vez vira na vida.

— Isto... — Teve de pigarrear para conseguir falar. — É o fundo para o governo da casa? — Oh, as refeições que poderia preparar com estas verbas.

Franzindo o sobrolho, passou o peso para a outra perna. — Tenho contas abertas em todas as lojas de Riada. Ao fazeres as compras, basta dizer ao lojista que ponha na minha conta. — Inclinou a cabeça indicando os marcos. — Isso é para ti. Um adiantamento do ordenado. Visto que estás em Kaeleer há pouco tempo, imagino que precisas de fazer umas compras para ti.

Sentiu que ficava sem pinga de sangue na cabeça enquanto olhava estupefacta para os marcos de prata. — Estais a adiantar-me um mês de ordenado?

O sobrolho ficou ainda mais carregado. — Meio mês.

Foi então que deixou sair o grito e estendeu a mão. — Não posso aceitar!

Lucivar deu um passo atrás. — Porque não?

— É demasiado. — Muito agitada para pensar nas suas acções, Marian deu um passo na direcção de Lucivar, ainda com a mão estendida, segurando os marcos.

Lucivar recuou outro passo.

— Quem disse que é demasiado? — Parecia irritado. — Além disso, tenho recursos para tal.

Marian abanou a cabeça. *Se tem recursos, qual a razão para a inexistência de mobília?* — É demasiado.

— Olha — disse, com um rosnado a surgir na voz, — o meu pai sugeriu que era um ordenado aceitável para uma governanta e ele deve saber. Fogo do Inferno, mulher, o Paço tem criados suficientes para povoarem uma pequena aldeia.

Por fim, Marian olhou para Lucivar — e percebeu que estava à defesa... e nervoso. Subitamente, ocorreu-lhe que Yaslana nunca fizera nada deste género, nunca tivera de decidir sobre ordenados ou definir as tarefas do pessoal doméstico. Por isso, dobrou os marcos de prata e enfiou-os no bolso da saia, dizendo: — Obrigada, Príncipe Yaslana.

Pareceu tão aliviado quanto um homem ao deixar um campo de batalha. — Ainda bem. Está resolvido. — Recuou mais um passo para a arcada. — Vou lá para fora cortar lenha.

Marian olhou de relance para os recipientes no balcão. — Não desejais comer?

— Claro. Estou ali fora. Grita quando estiver pronto.

O homem mexia-se bem, pensou Marian olhando fixamente para a arcada vazia.

A forma como ficou irritado e nervoso em relação ao ordenado até foi encantadora. E era atencioso da parte dele perceber que precisava de fazer compras para ela.

Tirou os marcos de prata do bolso, abriu-os novamente em leque – e sorriu.

Não deixava de ser excessivo para meio mês de ordenado, mas se guardasse metade para si, a outra metade seria uma boa entrada para começar a comprar os utensílios básicos para a cozinha.

OITAVO

Marian bebia café, olhando à volta para a sua cozinha limpa – e suspirou. Ainda a manhã não ia a meio e já fizera um guisado, limpara a cozinha, mudara a roupa das camas, lavara toda a roupa que já estava estendida na sala de secagem, limpara o pó e varrera o chão. Nada mais restava a fazer – e o Príncipe Yaslana estaria ausente nos próximos dois dias.

Ainda não tinha percebido bem como funcionava o serviço na corte da Senhora Angelline. Parecia tudo muito... informal. Sabia que o Príncipe Yaslana voltava ao Paço dos SaDiablo um ou dois dias por semana, durante algumas horas, mas não estava certa se ia resolver assuntos da corte ou simplesmente visitar a família. Explicara-lhe que, como todos os machos do Primeiro Círculo tinham outras responsabilidades, o seu pai, como Administrador da Corte, concebera um sistema de turnos para que todos os machos cumprissem as obrigações perante a Rainha e a corte, e que consistia em que cada um estaria de serviço dois ou três dias, duas vezes por mês.

Por isso, saíra antes de o dia raiar e Marian tinha agora os próximos dois dias a espraíarem-se à sua frente. Podia ler, pese embora a leitura fosse a recompensa após um dia de trabalho. Terminara a tecelagem que fizera no seu pequeno tear portátil e que era um naperão decorativo para a mesa da cozinha. Não lhe apetecia fazer algo só para passar o tempo. Assim, o que...

Olhou pela janela e observou a desordem de pedras e ervas daninhas. Há muito tempo, fora um jardim. Encontrara ervas aromáticas que cresciam sem controlo entre as ervas daninhas e desconfiou que existira ali um canteiro de ervas aromáticas e uma horta deste lado da casa alcantilada.

Por que motivo não teria Yaslana feito diligências para, pelo menos, limpar o terreno? Para um homem sempre atento ao ambiente que o rodeava, parecia fazer vista grossa quanto ao facto de um prado natural, que tinha

uma certa beleza própria, não ser o mesmo do que a confusão emaranhada que Marian agora observava.

Além disso, seria tão agradável ter uma hortinha para tratar.

Marian encheu novamente a caneca de café e ficou a admirar a cafeteira que comprara com o seu ordenado. Yaslana não comentara o surgimento repentino da cafeteira na cozinha, embora aprovasse, sem sombra de dúvidas, o sabor do café que daí resultava.

Caminhou pelo corredor que apelidara “de serventia”, visto que dava para a despensa e para a lavanderia e sala de secagem – e para a pequena área entre a despensa e a lavanderia que tinha uma porta para o exterior cujo objectivo ainda a intrigava. Abriu a porta e examinou o terreno à sua frente.

A estação de crescimento já ia adiantada e não estava certa quanto aos tipos de plantas que poderiam estar disponíveis. Todavia, as mulheres de Riada deviam saber – ou poderia perguntar à Senhora Angeline da próxima vez que a Rainha viesse fazer-lhe uma breve visita. Alguns legumes, algumas ervas aromáticas. Talvez umas quantas flores. Yaslana não se importaria se limpasse um pouco do terreno. Pelo menos, tinha quase a certeza de que não se importaria.

Yaslana era e não era o que Marian esperava, com base no que ouvira sobre Príncipes dos Senhores da Guerra e sobre este, em particular. Não tinha dúvidas de que era um guerreiro treinado e um predador nato que poderia tornar-se mortífero num piscar de olhos. Percebia pela forma como se movia, pela forma como olhava para tudo o que o rodeava. Não obstante, Marian nunca vira efectivamente uma exibição dessa irascibilidade. Bem, não vira muito. A única ocasião em que fora ríspido com Marian desde que chegara fora uma tarde em que chegou cedo, olhou-a demoradamente e decidiu que Marian precisava de comer. Quando lhe disse que não tinha fome, Yaslana informou-a que quem trabalha tão arduamente não pode privar o corpo de sustento. De seguida, arrastou-a até à cozinha e vasculhou a câmara fresca até compor um prato de comida que considerou satisfatório. A sua ideia de satisfatório era sobejamente díspar da de Marian, contudo, o esforço simbólico com que a mulher comeu satisfizera-o ao ponto de comer os restos.

Uma vez que parecia não se importar com o que Marian fizesse, desde que o resultado *a* satisfizesse, achava que Yaslana não se iria importar se limpasse uma área do terreno para depois se deleitar com uma pequena horta.

Depois de fazer a caneca de café desaparecer, fazendo-a reaparecer no balcão da cozinha ao lado do lava-louça, Marian arregaçou as mangas, saiu e pôs mãos ao trabalho.

Ao regressar à casa alcantilada, Marian compreendeu o objectivo da pequena divisão. Se tivesse ganchos nas paredes ou um cabide, a roupa da rua molhada ou enlameada poderia aí ser pendurada para secar. Aqui, podiam-se descalçar as botas para que não deixassem rasto de terra ou de lama pela casa. E estava junto aos grandes tanques da lavandaria caso fosse necessária uma lavagem rápida.

Se houvesse aqui um banco, seria muito mais fácil descalçar as botas, pensou Marian, gemendo ligeiramente ao dobrar-se para desatar os atacadores das botas. Ao menos, Berloque estava ausente, na sua ronda diária pelos terrenos que circundavam a casa alcantilada e, dessa forma, não ouviu o seu gemido, o que levaria a que os uivos recomeçassem.

Os lobos sabiam enervar uma pessoa. Por volta do meio-dia, começara a dizer-lhe que estava na altura de descansar e de comer. Nessa altura, fora fácil responder-lhe que assim o faria dentro de alguns minutos ou depois de mover mais algumas rochas. Contudo, após repetir esta desculpa várias vezes...

Aquele uivo a espalhar-se pela terra *não* era algo que se pudesse ignorar. Não se calava, não o conseguia apanhar e desconfiava que toda a população de Riada conseguia ouvi-lo. Visto que não havia forma de o calar, a não ser fazer o que pretendia, aqueceu um pouco do guisado e passou uma hora a ler à mesa da cozinha. Quando Marian regressou à rua, Berloque estava tão satisfeito por ter conseguido tomar conta de uma fêmea, que usou Arte para a ajudar a mover as rochas até se aborrecer daquele jogo e afastar-se por um tempo para fazer coisas próprias de lobos.

Por isso, tinha sido melhor ter anunciado que era altura de parar por hoje antes de *Berloque* decidir que era altura de parar. Uma experiência uivante chegava e sobrava.

Fechou a porta e tocou na pedra da parede que fora enfeitiçada para activar as fechaduras Ébano-Acinzentadas que o Príncipe Yaslana colocara em todas as portas. Arranjara forma de o feitiço reconhecer Marian e Berloque para que pudessem entrar e sair, mas fora intransigente quanto às portas serem trancadas sempre que não estivesse em casa, em especial a porta da frente. Fora igualmente inflexível quanto a Marian não deixar entrar ninguém na casa alcantilada, a não ser a família dele, sempre que se ausentasse.

A ordem causou-lhe perplexidade, mas esta era a casa do Príncipe Yaslana, bem como os seus assuntos. Atravessando o corredor de serventia até à cozinha, afastou o pensamento das fechaduras, concentrando-se num banho quente e demorado para aliviar a dor intensa nos músculos. Momentos havia em que estas dores, bem como os tremores que normal-

mente lhes estavam associados, a deixavam preocupada, mas nada comentara com Jaenelle sempre que a Senhora a questionava sobre a sua saúde. Luthvian advertira-a que a remoção das asas era a única forma de alcançar a recuperação total das costas. Todavia, não queria perder as asas, não queria perder a esperança de que um dia, pudesse voltar a voar – embora sentisse demasiado medo de ficar inválida, caso tentasse.

Afastou esses pensamentos, concentrando-se no prazer de se enfiar numa banheira de água quente, de comer um belo prato de guisado ao jantar, de ler o livro e de se deitar cedo para que pudesse regressar ao jardim ao primeiro raio de sol.

Ao passar sob a arcada da cozinha, estava a esforçar-se tanto em não pensar nas asas que deixou escapar um gritinho esbaforido ao ouvir batidas na porta da frente.

Com a mão no peito, Marian olhou fixamente para a porta. Tinha dois ferrolhos maciços que trancavam a porta fisicamente, bem como a tranca Ébano-Acinzentada, pelo que, mesmo que uma “visita” conseguisse destruir a porta, ele ou ela não conseguiria entrar na casa.

As batidas pararam. Começaram os murros na madeira.

Berloque? chamou Marian num fio psíquico Violácea.

Marian!

Está alguém na porta da frente. Parece bastante... persistente.

Chamo Prothvar?

Marian hesitou antes de responder: *Ainda não.*

Estou a caminho do nosso covil.

Isso era bom. Iria sentir-se melhor por Berloque estar à distância de um grito.

Yaslana transmitira-lhe que o primo Prothvar, que Marian ainda não conhecera, iria ficar na Fortaleza durante a sua ausência e que responderia se, por qualquer motivo, precisasse de ajuda. Sabendo que um grito de ajuda bastaria para que um lobo Senhor da Guerra e um guerreiro eyrieno viessem em seu auxílio, sentiu-se com coragem para ir até à porta e retirar os ferrolhos. Além disso, era possível que fosse o primo de Yaslana, que vinha ver como Marian estava. Seria falta de educação não abrir a porta.

A mulher à entrada *não* era o primo de Yaslana. Era jovem, rihlander, uma estranha e estava vestida...

Marian não conseguiu pensar numa forma elegante de descrever a forma como estava vestida.

— Quem és tu? — perguntou a mulher.

— Sou a governanta do Príncipe Yaslana — respondeu Marian, com delicadeza.

A mulher olhou para a túnica e para as calças transpiradas e sujas de

terra e disse: — Oh — de um modo que indicava claramente que Marian fora classificada como insignificante. — Venho encontrar-me com Lucivar. Está à minha espera.

Não me parece, pensou Marian, deslocando-se ligeiramente para bloquear a entrada. — O Príncipe Yaslana não está em casa.

— Sendo assim, eu espero que chegue.

A mulher deu um passo em frente. Marian não se afastou.

— Não será possível — disse Marian, esforçando-se por manter um tom educado. — Talvez só regresso bastante tarde.

— Não se importará que me ponha à vontade — insistiu a mulher.

Onde? Existiam unicamente três divisões mobiladas e Marian não achava que esta mulher pretendesse aguardar sentada na cozinha.

Talvez fosse mais fácil dizer que não tinha autorização para deixar entrar quem quer que fosse na casa alcantilada. Afinal, uma criada tinha de obedecer ao patrão. Contudo, não foi a ordem de Yaslana que a mantinha a obstruir a porta; era a aversão que sentia por aquela mulher que a impedia de se afastar. Havia algo de calculista nesta estranha e no fundo dos olhos podia ver a maldade à espreita.

— Caso desejeis deixar uma mensagem — disse Marian, — transmiti-la-ei ao Príncipe Yaslana assim que regresso.

Por um momento, a maldade invadiu o rosto da mulher antes de menear as ancas, arrebatar o peito e sorrir de uma forma que Marian julgou que pretendia ser maliciosa.

— A mensagem que trago para Lucivar não é algo que pudesse deixar contigo.

— Nesse caso, boa-noite, Senhora — disse Marian. Ao fechar a porta, a mulher gritou: — Não me esquecerei disto!

Nem eu, pensou Marian, voltando a colocar os ferrolhos. Apostaria um mês de ordenado em como acabara de conhecer a razão pela qual Yaslana colocava trincos Ébano-Acinzentados nas portas.

NONO

Lucivar caminhou a passos largos pelo terreno limpo de pedras, passando do aborrecimento até à irritação absoluta ao observar Marian a tentar erguer uma rocha que pesava mais do que ela. Um olhar aniquilador para Berloque chegou para evitar que o jovem lobo denunciasse a sua presença. A sua feiticeirazinha doméstica estava tão embrenhada – ou tão exausta – que não se apercebeu da aproximação de Lucivar por detrás dela, o que tornou a irritação ainda mais volúvel e o controlo mais instável.

Contudo, iria manter a calma.

Ouviu-se um débil lamento vindo de Marian que tentava agarrar a rocha de modo mais firme.

Seria sensato.

Preparou-se para voltar a tentar.

Chegou junto de Marian num ápice, envolvendo-a com os braços e segurando-lhe os pulsos para prevenir que se erguesse repentinamente, pese embora não se pudesse mover livremente, já que os braços de Lucivar bloqueavam-lhe as asas contra o corpo, o peito estava encostado às suas costas e as pernas apertavam as dela.

Embora Lucivar esperasse que Marian reagisse por estar a ser dominada por um macho, o pânico imediato da feiticeira ainda conseguiu apelar aos seus instintos de defesa e protecção. A batalha consigo próprio foi brusca e difícil, debatendo-se para não ascender à orla assassina visto que, derradeiramente, seria o que apaziguaria o temor de Marian.

Por isso, permaneceria calmo.

— Marian — disse, tranquilamente.

Estava a arquejar e a tremer. Todavia, passados alguns longos e dolorosos segundos, disse: — Príncipe Yaslana?

— Sim, sou eu. Deixa já a pedra.

Aguardou enquanto Marian passava pela sua própria batalha interior.

Por um lado, sabia que segurar a rocha não representava uma defesa contra um ataque e, ainda assim, levou algum tempo até conseguir convencer o corpo. Quando, por fim, as mãos se soltaram, Lucivar afastou-os da rocha. Deslizando as mãos até os ombros de Marian, Lucivar endireitou-se e, em simultâneo, pô-la também direita.

Por se sentir atraído por ela, Lucivar tinha consciência do corpo de Marian de formas que tinha de fingir não se dar conta, mas não iria ignorar esta situação. Ai isso é que não.

Contudo, permaneceria calmo.

Acompanhou-a até à pedra que, com a erosão, se tinha transformado num banco natural. Enquanto a ajudava a instalar-se na pedra, reparou na Jóia Rosa que usava. A Jóia de Direito por Progenitura. Pensou na razão que a tinha levado a usar a Rosa ao invés da Violácea, e não ficou feliz.

Contudo, seria sensato.

— *Em nome do Inferno, o que raio estás a fazer?* — bramiu.

Marian retraiu-se face àquela figura que se elevava sobre ela, mas o facto de a ver tão cansada deixou-o de tal maneira zangado que não se importou se a estava a assustar.

— Eu... eu... — balbuciou Marian.

— Tu o quê? Querias saber quantas rochas conseguias mover antes de dares cabo das costas? Bem sei que ainda te incomodam de vez em quando, por isso não te dês ao trabalho de negar.

Estremeceu. — Fiz uso da Arte para suportar a maior parte do peso.

— Oh, bem vejo — disse, apontando a Jóia Rosa. — E precisaste de retirar tanta energia para erguer objectos que de outra forma não conseguirias que esgotaste a Jóia Violácea. Não é por isso que estás a usar a Rosa?

Vendo que apenas lhe respondia com um olhar fixo e mudo, praguejou e começou a andar de um lado para o outro, para descarregar o lado mais acutilante da fúria. O problema é que esse movimento também lhe permitiu reparar em tudo o que Marian fizera.

Resmungou com ela. — Para conseguires fazer isto tudo, deves ter começado logo que virei costas e não paraste nos dois últimos dias.

— Fiz o meu trabalho — protestou Marian.

Oh. Bom, *isso* deixava-o muito mais satisfeito. As lágrimas nos olhos e o ar derrotado de Marian dilaceravam-no. Não queria que se sentisse derrotada. Não a queria ver apavorada. Mas, maldito seria se a deixasse magoar-se para que...

— Do que se trata isto, Marian? — Lucivar acenou com a mão, indicando o terreno limpo. — Explica-me.

Baixou os olhos e uma lágrima escorreu-lhe pelo rosto. — Uma horta

— murmurou. — Algumas ervas aromáticas. Umas quantas flores. Julguei que não vos importásseis.

A sua fúria diminuía da ira genuína para um simples aborrecimento, pese embora o comentário que, por pouco, não o descontrolara. Ajudou-a a pôr-se de pé pois estava certo de que os músculos das costas e das pernas estariam já tão tensos que não se teria conseguido levantar sozinha, e arrastou-a para a casa alcantilada.

Lucivar sentiu-se atingido duramente pelas emoções de Marian – receio de que a fosse punir por fazer algo sem a sua permissão, medo quanto ao castigo que um homem com o seu temperamento e poder lhe poderia aplicar. O facto de esperar ser castigada transmitia-lhe mais sobre os machos que fizeram parte da sua vida do que Lucivar gostaria de saber.

— Se querias uma horta, podias ter passado os últimos dois dias a pensar na localização e no que querias aí plantar — disse, esforçando-se por manter a voz nivelada. — Quando regressasse, poderia limpar o terreno. Ocorreu-te sequer perguntar-me?

— Não — respondeu Marian, baixinho.

Não. Belo pontapé nos tomates. Até a assembleia faria melhor. Os machos dos Sangue servem. Era algo tão arreigado nos machos que nem a crueldade de Terreille conseguia extinguir completamente. Em Kaeleer, onde os Sangue ainda viviam segundo os Costumes Antigos, os machos consideravam que servir era um direito e um privilégio – e ficavam irascíveis quando uma feiticeira que conheciam pessoalmente lhes negava uma oportunidade de ser prestáveis.

Se Marian ainda não aprendera, era algo que devia entender. Depressa.

Puxou-a para casa, pela porta da lavandaria e serpenteou pelos corredores até chegar ao tanque que Andulvar construía há muito para que o guerreiro se pudesse recostar em água quente e relaxar os músculos fatigados.

Não se debatera abertamente para tentar escapar, porém, desde o primeiro passo que resistia em silêncio, como um cachorro teimoso preso a uma trela. O que era óptimo pois Lucivar sabia o compasso desta dança e sabia usá-lo.

Trata-a como trata a assembleia, dissera Saetan. Bem, sabia exactamente o que faria a Jaenelle ou a qualquer das suas amigas se o tivessem transtornado com algo deste género.

Ao chegar à beira do tanque, impeliu Marian para a frente. O passo automático que deu para trás deu tempo a Lucivar de trocar de mãos para que com uma agarrasse o braço e com a outra agarrasse a túnica. Um empurrão, um balanço para cima e...

— Não! — gritou Marian. — As minhas bo...
...*chape*.

Com a Arte, controlou a queda para que não escorregasse e danificasse as asas. Estava agora com água quente até à cintura, com um olhar que mais parecia mal-humorado do que receoso.

Mal-humorado parecia-lhe bem. Era óptimo. Imaginou até que ponto a conseguiria deixar de mau humor.

— Botas — disse Lucivar. Fê-las desaparecer dos pés de Marian antes de cair na água. Invocou-as neste momento, baloiçando-as sobre a cabeça da mulher antes de as fazer desaparecer, uma vez mais. — Que te irei devolver se fizeres o que te digo.

Olhou para cima, de olhos arregalados. — Se fizer o que me dizeis?

Com o dedo apontado para Marian, disse severamente: — Vais sentar esse rabo e deixar que a água quente dissolva alguma da dor nos músculos. E ficas aí até eu voltar para te vir buscar. — Virou-se, dirigindo-se à entrada.

— Para me vir buscar? — disse Marian, precipitadamente. — *Para me vir buscar?* O que julgais que sou? Um *cachorro* desmiolado?

Lucivar virou-se. — Não, és fêmea. E julgo não ser sensato discutir a tua inteligência neste momento.

Saiu, parou assim que ficou fora do raio de visão e pôs-se à escuta.

Resmungos. Seguidos do *chape* de tecido molhado na pedra.

Lucivar sorriu de orelha a orelha. Ora então, havia alguma irascibilidade sob aquele temperamento sereno. Teria de trabalhar esse aspecto. Não devia ser difícil. Notabilizava-se por enervar feiticeiras.

Quando chegou à porta lateral, Berloque aguardava-o.

Tentei, Yas, mas não quis saber.

— É claro que não.

Berloque inclinou a cabeça. *Por ser parente.*

— Não, senhor. Por teres uma pila em vez de seios. Provavelmente, fez-te festinhas na cabeça e prometeu que não ia demorar.

Pois foi. Berloque olhou Lucivar com interesse. *Também te fez festinhas na cabeça?*

— Não, não fez. — Se tivesse tido forças para erguer outra rocha, teria tentado rachar-lhe a cabeça, mas fazer festas a um macho era algo que não lhe devia estar a passar pela cabeça neste momento.

A luz do dia estava a findar, pelo que não conseguia ver toda a extensão do trabalho de Marian nos últimos dois dias, embora o que visse bastasse para o fazer abanar a cabeça.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas. A mulher era demente.

Era a única justificação para Marian tentar limpar perto de meio hectare de terreno para poder plantar uns quantos legumes, ervas aromáticas e flores. É claro, como feiticeira doméstica, tinha uma veia de arrumação que ia directamente ao tutano, pelo que nunca estaria satisfeita ao ver ervas daninhas para lá dos seus canteiros. O que significava que viria aqui para fora trabalhar arduamente sempre que Lucivar virasse costas.

Numa semana conseguira pô-lo a trepar paredes – e já o fazia regularmente só por estar no seu raio de visão.

Compreendia o seu desejo de ter um jardim. Para além das razões práticas de plantar uma parte dos seus próprios alimentos, seria algo que lhe pertencia. O seu trabalho, os seus feitos, o direito... a algo.

Voltou a olhar para o terreno, remoendo naquele pensamento. Todos precisam de algo a que chamem seu. Vivia e tomava conta da casa alcançada, mas encarava-a como sendo de Lucivar. Já o jardim... Algo que lhe pertencesse, para além dele. Algo que veria mudar com as estações. O que significava que pretendia ficar, mesmo que ainda não se tivesse apercebido.

Não conseguiria limpar todo este terreno para depois ter o prazer de ver os legumes a amadurecerem e as flores a florirem este ano. Se tentasse ajudá-la agora, poderia tomar essa atitude como uma forma de lhe lembrar que a terra não lhe pertencia.

Afastando-se da casa, Lucivar parou ao chegar a um local de onde conseguia ver Riada, lá em baixo – e sorriu. Tinha forma de lhe preparar o terreno. Agora, precisava apenas de uma razão para a fazer sair de Ebon Rih durante dois dias – e de uma ajudazinha.

— Tenho os dedos engelhados — queixou-se Marian, agarrando-se à toalha na qual se enrolara.

— Mas consegues praticamente pôr-te direita — retorquiu Lucivar ao conduzi-la ao quarto. — Muito bem. De barriga para baixo.

— O quê?

Um golpe de medo.

Cerrando os dentes, Lucivar deu-lhe um ligeiro empurrão na direcção da cama. — Estares de molho foi a primeira parte do tratamento. A segunda parte é uma massagem.

— Não, não é preciso. Eu posso...

Nada disse, não lhe tocou. Limitou-se a olhá-la. As feiticeiras da assembleia nunca discutiam com ele quando se viam como recipientes daquele olhar. Marian também não discutiu. Estendeu-se sobre a cama.

Depois de lhe puxar o lençol até à cintura, Lucivar colocou-se de pernas abertas sobre Marian, que levantou repentinamente a cabeça quando

Lucivar fez a toalha desaparecer. O berro de protesto tornou-se num berro de um tipo diferente ao invocar um frasco de linimento, despejando um pouco do conteúdo nas costas da feiticeira, sem, primeiro, usar um feitiço de aquecimento. Deixou o frasco a pairar no ar, o que lhe libertou as mãos para a empurrar para baixo e para massajar os músculos tensos.

— Que fedor — exclamou Marian.

— É normal que cheire mal — respondeu Lucivar. — É para nos lembrarmos de que não devemos fazer coisas estúpidas que nos façam precisar de o aplicar.

Não lhe respondeu. Ainda bem.

Quando Lucivar aliviara grande parte da rigidez dos ombros, Marian disse: — Tivestes uma visita.

— Quem era? — Deitou mais linimento nas mãos e aplicou-lhe um feitiço de aquecimento uma vez que já não estava a resistir à massagem.

— A Senhora não disse.

Lucivar ficou tenso. Passado um momento, passou o linimento morno sobre as costas de Marian, dando especial atenção à área que circundava as asas. — Talvez fosse a Roxie. Deixaste-a entrar?

— Não. Não gostei dela. — Marian tinha os olhos fechados. A voz tinha o arrastamento de alguém quase a adormecer. — É para isso que tendes as portas trancadas.

— É exactamente esse o motivo.

— Foi o que pensei. — Inspirou fundo e expirou com um suspiro. — Fiz um estufado.

Parou de lhe massajar os músculos e inclinou-se de modo a ver-lhe o rosto. — Ainda estamos a falar de Roxie?

— Não. Jantar. Estufado. Podeis comer.

— Está bem.

Tendo dado os recados, Marian adormeceu.

Depois de a observar por uns instantes, Lucivar decidiu que só acordaria se a arrastasse para a casa de banho e a pusesse debaixo de água fria. Por isso, concluiu as costas, puxou o lençol para baixo e espalhou-lhe linimento nas pernas. Depois de acabar, fez o frasco de linimento desaparecer e puxou os cobertores, colocando-lhes um feitiço de aquecimento para evitar que arrefecesse durante a noite.

Comeu uma malga de estufado aquecido à pressa, disse a Berloque que montasse guarda e voou para a Fortaleza, onde deixara Jaenelle há duas horas.

Jaenelle fechou o livro e observou-o. — O que te traz de volta aqui, Mano?

Por Jaenelle saber que estava ali como irmão e não como Príncipe

dos Senhores da Guerra que servia na sua corte, tornava tudo mais fácil.
— Preciso de um favor e não quero demorar-me agora em explicações.

DÉCIMO

Nessa manhã, Tarl, o jardineiro principal do Paço dos SaDiablo, foi o primeiro homem a chegar.

O que não era de admirar, pensou Lucivar ao acenar com a mão para o cumprimentar. Provavelmente, Tarl viera na pequena Carruagem privada do Paço, mantendo-se escondido até o condutor apanhar os Ventos, levando a Carruagem até ao destino seguinte – com Jaenelle e uma Marian enervada como passageiras.

Jaenelle escolhera na perfeição o momento para enviar o recado que solicitava a ajuda de Marian. Chegara na noite anterior, já bastante tarde, mas dera a Marian tempo de lavar a roupa e fazer comida que Lucivar pudesse aquecer para não morrer à fome na sua ausência, mas não restando tempo para mais nada a não ser arranjar-se e pôr algumas roupas no pequeno baú que Jaenelle, atenciosamente, enviara da Fortaleza, juntamente com o recado.

Com Jaenelle e Marian ausentes por dois dias nas compras, aqui estava Tarl, e os outros homens não demorariam.

— B'dia, Príncipe Lucivar — cumprimentou Tarl.

— Bom-dia, Tarl.

— Vai estar um belo dia. — Os olhos de Tarl iluminaram-se com uma espécie de luxúria ao olhar para o meio acre de terreno rochoso e repleto de ervas. — Ora, ora... vamos fazer disto um jardim, certo?

— Sim — respondeu Lucivar, com cautela.

— E... — Tarl interrompeu a frase ao ouvir as vozes dos outros homens que chegavam das escadas que subiam da área de desembarque. — Cobrastes a dízima? — perguntou baixinho.

Lucivar anuiu. — A Riada. Preciso disto feito em dois dias.

Da dízima devida à Fortaleza, fazia parte um acordo em que cada adulto em Ebon Rih teria de dispensar cinco dias de trabalho em cada ano,

juntamente com a dízima fiscal. Como Príncipe dos Senhores da Guerra que governava em nome da Rainha, recebia dois desses dias. Passara grande parte do dia anterior a certificar-se de que a palavra corria pela povoação para que soubessem que estava a cobrar esses dois dias dos homens.

Os homens começaram a juntar-se num círculo, falando em voz baixa entre eles.

— Bem — disse Briggs que tinha a seu cargo a Taberna, com a mulher, Merry. — O que há para fazer, Príncipe?

— Um jardim — respondeu Tarl antes de Lucivar. — Mas que género de jardim?

Parecia uma pergunta inocente até Lucivar se aperceber que todos os homens à sua volta tinham parado de falar para ouvir a resposta. Não olhou para nenhum deles. Não se atreveu olhar para Tarl, que estrangularia de boa vontade neste momento. Não havia um homem nesta montanha que não fosse para casa nesta noite relatar a resposta do Príncipe Yaslana às mulheres que faziam parte da vida de cada um – o que, no caso de Tarl visto que trabalhava no Paço, eram Helene e a D. Beale.

Lucivar respirou fundo e expirou devagar. — A Senhora Marian deseja uma horta, um canteiro de ervas aromáticas e algumas flores.

Alguns homens mostraram um grande sorriso. Outros deram pequenos toques com o cotovelo ou trocaram olhares conhecedores. Hoje à noite, toda a população de Riada saberia que o interesse de Lucivar Yaslana pela Senhora Marian ia muito além das aptidões domésticas. Mas não fazia mal – desde que Marian não entrasse em pânico quando descobrisse.

Tarl deambulou pelo terreno mais próximo da casa, carregando o sobrolho perante algo, acenando com a cabeça face a outra coisa diferente. Passou pelo meio dos homens, atravessou o pátio em lajes à frente da casa alcantilada e prosseguiu até ao outro lado. Regressou decorridos alguns minutos, com um ar pensativo.

— Ora bem — disse. — Já senti o lugar. Julgo que a vossa Senhora desejará plantar ela própria deste lado da casa, mas nós podemos encarregar-nos do outro lado.

— Do outro lado? — perguntou Lucivar, sentindo que escorregara naquilo que julgava ser terreno firme.

— A Senhora Marian é uma feiticeira doméstica, não é? — disse Tarl, com se a pergunta ganhasse um tom de intimação. — Passará o resto do Verão arrelhiada se este lado ficar como deve ser e o outro ficar por arranjar. Temos dois dias e... — olhou à volta à medida que os homens se deslocavam para fazer espaço para os recém-chegados — muitas mãos para trabalhar.

Lucivar fechou os olhos, conformado por ter atirado a primeira pedra,

pelo que não se podia queixar – demasiado – pela avalanche resultante.
— Ótimo.

— Ora bem — disse Tarl, esfregando as mãos. — A primeira coisa a fazer é tirar aquelas pedras.

Porque estou aqui?, perguntava-se Marian ao olhar para o edifício de dois andares repleto de mobília.

— Podes voltar a lembrar-me porque estou aqui? — perguntou o homem a seu lado.

Jaenelle olhou por cima do ombro. — Porque és macho.

— E estou a ser punido porque...

— És o pai de Lucivar.

Suspirou. — Logo vi que era essa a resposta. — Fez uma pausa e acrescentou: — Lucivar queria escolher os seus móveis. Assim o afirmou. Várias vezes.

Jaenelle virou-se, ficando de frente. — Isso foi o que ele disse. Mudou de ideias e escolheu-me para fazer as compras em seu lugar. E eu escolhi os dois para me ajudarem. — Sorriu para os ajudantes de um modo nada animador.

Marian olhou para o homem de modo a observar qual seria a reacção. O pai de Lucivar. S. D. SaDiablo. Fora como Jaenelle o apresentara na Carruagem que os tinha trazido a Nharkhava. Luci... O Príncipe Yaslana mencionara que o seu pai era o Administrador da Corte das Trevas em Ebon Askavi. Como Administrador da Rainha mais poderosa de Kaeleer era um homem bastante influente. Apesar disso, aqui estava, a ajudar a filha a comprar móveis para o seu filho.

É claro que a filha era a Rainha de Ebon Askavi e que o filho era o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Ainda assim...

Por conseguinte, voltava à questão da sua presença aqui, com eles, sendo que era uma feiticeira doméstica de Jóia Violácea. Certamente não lhes interessaria a opinião da governanta do Príncipe Yaslana.

— Se vamos escolher mobília para todas as divisões às quais Lucivar pretende dar uso, pelo menos a curto prazo, sugiro que nos separemos — disse o Príncipe SaDiablo. — Conseguiremos ver mais do que está exposto.

— Boa ideia — exclamou Jaenelle. — Eu começo por ali. — Ao virar-se, um dos homens que tinha estado a pairar por perto, saltou ao seu encontro. Jaenelle sorriu.

— Eu vou ver os móveis da sala de jantar — disse o Príncipe SaDiablo. Tocou levemente no ombro de Marian. — E se acompanhasses Jaenelle?

— Oh — disse Marian. — Não preferis...

— Deixa-me reformular. — Os olhos dourados encheram-se de divertimento. — A idade e a categoria trazem os seus privilégios. Marian, minha querida, tiraste a palhinha mais curta pelo que terás de lidar com Jaenelle.

— Não é muito animador — resmoneou Marian.

— Não disse que era.

Ao passar por Marian, o outro homem que aguardava disse: — Por aqui, Senhor Supremo.

Marian ficou a olhar para os dois homens que seguiam pelos corredores de mobília. Senhor Supremo? Que título estranho. Porventura seria o título oficial como Administrador? Embora... Já o ouvira anteriormente. Mas não conseguia lembrar-se onde e porquê.

Abanou a cabeça e correu para alcançar Jaenelle.

Em menos de um quarto de hora percebeu que Jaenelle Angeline tinha mais energia do que uma sala cheia de cachorros e menos bom senso do que qualquer um desses cachorros no que tocava a escolher móveis adequados a uma casa alcantilada, quanto mais ao lar de um Príncipe dos Senhores da Guerra. Como poderia dizer à Rainha – ou mesmo à irmã de Lucivar – que o candeeiro que Jaenelle estava a admirar de base rugosa e com franjas e floreados no quebra-luz lhe provocava arrepios só de olhar para o objecto? Ou que a mesinha, que com certeza ficaria lindamente na sala de estar de uma casa da aristocracia, ficaria com um ar ridículo em divisões com a carga da pedra e que eram extensões da montanha na qual tinham sido construídas?

Tentou ser delicada, recordando-se de que não passava de governanta, mas ao ver Jaenelle a estudar um louceiro com desenhos elaborados...

— Não — disse com firmeza.

Com as sobrancelhas arqueadas de surpresa, Jaenelle virou-se para olhar Marian. — Porque não?

Porque não quero passar meio dia a limpar essa coisa. O que não era adequado para dizer, especialmente visto que o homem que as estava a atender escutava atentamente. — É que não é... apropriado — disse Marian, debilmente.

Jaenelle semicerrou os olhos azul-safira. — Até agora, nada do que vimos é “apropriado”.

Verdade.

— Porém, não *te* ouvi fazer qualquer sugestão — prosseguiu Jaenelle.

— Oh, não passo de uma... — Os olhos azul-safira detiveram-se e fizeram-na pensar. Neste momento, não era “somente” uma governanta. Era eyriena. Nada sabia sobre casas aristocratas mas sabia sobre habitações eyrienas. Dos três, talvez fosse ela quem *melhor* soubesse o que era adequado à casa de Luci... do Príncipe Yaslana.

Voltando-se, começou a examinar os outros louceiros. Linhas direitas. Móveis sólidos. A casa alcantilada de Lucivar tinha mais janelas do que a maioria, o que proporcionava mais luz às divisões, contudo, a madeira tinha sempre de complementar a pedra.

Vendo dois possíveis louceiros, Marian aproximou-se para os estudar de perto.

Saetan observou as duas mulheres a vaguearem por entre os móveis, divertido por ver que Jaenelle seguia Marian submissamente e não o contrário.

Criança-feiticeira? chamou num fio psíquico Negro.

Papá?

Não estavas realmente interessada naquele candeeiro, pois não?

Jaenelle resfolegou. *Claro que não. É hediondo. Não pensei ter de procurar tantas coisas que não servissem até Marian se envolver.*

Saetan tapou a boca com o pulso, tossindo para disfarçar o riso abafado. O homem que o estava a atender não compreenderia o motivo do seu riso. *Encontrei uma mesa de sala de jantar.*

Uma a sério?

Sim, uma a sério. Observou Marian a abrir as portas de um armário. Mesmo à distância, conseguia ver a sua excitação, conseguia quase sentir o desejo enquanto os seus dedos tocavam a madeira – e viu os seus ombros a descaírem ao afastar-se do armário. *O que é isso, criança-feiticeira?*

Um armário de costura respondeu Jaenelle, ainda a examiná-lo. *Tem prateleiras para os tecidos, pequenos ganchos para as linhas, ganchos maiores para meadas de lã, todo o género de gavetas para guardar materiais.*

E não tem possibilidades de pagar o que pedem pelo armário, mesmo com o ordenado que Lucivar lhe está a pagar.

Jaenelle acenou, observando Marian que fechava suavemente as portas do armário.

Vamos acrescentá-lo às nossas aquisições, criança-feiticeira?

Virou-se e sorriu-lhe do outro lado da ampla sala. *Sim, vamos.*

O Príncipe SaDiablo tinha muito bom gosto, decidiu Marian ao olhar para a mesa e cadeira que escolhera para a sala de jantar. Senhor Supremo, recordou-se. Os homens que os assistiam nas compras continuavam a dirigir-se-lhe como Senhor Supremo, pelo que também deveria tratá-lo daquela forma.

— É maravilhosa — disse Marian, passando a mão pela madeira escura e reluzente. Dava para sentar oito eyrienos e a sala de jantar não ficaria

atravancada mesmo que fosse também colocado um louceiro e uma mesa de servir estreita. Olhando para lá da mesa escolhida, reparou numa pequena mesa em pinho. — Oh, sim, é perfeita.

— É perfeita porquê? — perguntou Jaenelle, seguindo-a. — Nem sequer está acabada.

— E é por isso que é perfeita — respondeu Marian, dando um empurrão à mesa para testar a robustez. — Os machos eyrienos precisam de uma mesa de trabalho para limpar e afiar as armas, para reparações, coisas do género. Na casa alcantilada existe uma divisão que parece ter sido concebida como sala de armas – um lugar de armazenamento para um arco adicional, aljavas de setas. Numa das paredes, existem já ganchos que poderiam servir para pendurar bastões laminados, por isso... — encolheu os ombros.

— Por isso, queres uma mesa sólida mas que vai ter um tratamento duro — disse Jaenelle.

— Exactamente. — Marian sorriu.

Jaenelle devolveu o sorriso. — Originalmente, seria decerto uma sala de armas, com uma mesa semelhante. O Primo Prothvar e o Tio Andulvar ficarão satisfeitos com a escolha que fizeste. E Lucivar também. — Passou um dedo sobre o tampo da mesa. — Reparei que alguns dos outros artesãos estão a exhibir taças e jarros. Vou dar uma vista de olhos.

— Tudo bem — disse Marian. A sala estava a girar lentamente, fazendo com que se sentisse tonta.

Lucivar era um nome habitual em Askavi, mas Prothvar era raramente usado nos dias de hoje e Andulvar...

Ninguém voltara a usar o nome Andulvar desde os tempos do Príncipe Demónio – o Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Ébano-Acinzentada que outrora reinara no Vale Negro... tal como Lucivar reinava agora em Ebon Rih. Lucivar mencionara o primo Prothvar. Também mencionara o tio, mas não dissera o seu nome. E comentara que era preciso uma certa habituação à sua família, embora não tivesse justificado. Se o que estava a pensar, pese embora impossível, fosse verdade...

— Marian?

Foi invadida por uma voz masculina, grave e tranquilizadora. A sala balançou. Olhou para o pai de Lucivar.

Lucivar Yaslana. Prothvar... Yaslana. Andulvar... Yaslana.

— Querida, o que se passa?

S.D. SaDiablo. *Senhor Supremo*.

— Não te estás a sentir bem?

Sentou-se, olhando-o enquanto se debruçava sobre ela, com os olhos dourados repletos de preocupação e a mão encostada delicadamente no rosto de Marian.

— Sois ele — sussurrou. — Sois mesmo ele. O Senhor Supremo. Do Inferno.

Não se mexeu, mas Marian sentiu o homem caloroso a afastar-se dela.

— Sim — disse calmamente, retirando a mão. — Sou o Senhor Supremo do Inferno.

Pouco sabia sobre o Senhor Supremo, à excepção de que era mais poderoso – por usar a Jóia Negra – e, supostamente, mais perigoso do que o Príncipe Demónio, mas o que sabia efectivamente sobre o Senhor Supremo das histórias que os eyrienos contavam era que...

— Fostes amigo de Andulvar Yaslana. Eram quase irmãos.

— Ainda somos.

Ainda são. Oh, Mãe Noite. — Então, o tio de Luci... do Príncipe Yaslana é...?

— Andulvar Yaslana. O Príncipe Demónio. Prothvar Yaslana é neto de Andulvar.

— Como?

— Sou Guardião. Andulvar, Prothvar... e o meu filho mais velho, Mephis... são demónios-mortos.

— Mas... Lucivar fala como se os visse a toda a hora.

— E vê.

Marian olhou-o estupefacta. Estava a olhar para uma lenda. Oh, não era uma lenda do *seu* povo, ainda assim, era uma lenda. E uma lenda que conheceu – ainda conhecia – o maior Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra que alguma vez existira.

Deslumbrada, observou-o como se não tivesse passado a manhã a seu lado. Estava a usar a Vermelha, que devia ser a Jóia de Direito por Progenitura. Um homem gentil que a fizera sentir bem-vinda. Um homem amplamente letrado, com base nos livros que discutira com Jaenelle durante a viagem. Tinha um sentido de humor cáustico que Marian nem sempre compreendia. Era evidente que amava os filhos.

E era o Príncipe das Trevas, o Senhor Supremo do Inferno – e amigo de Andulvar Yaslana.

— Isto é mais emocionante do que perceber que alguns lobos conseguem falar — disse.

Saetan olhou-a fixamente por uns instantes e, de seguida, riu-se. Quando estendeu a mão, Marian não hesitou em aceitá-la.

— Vamos — disse. — Se te sentes capaz, é melhor irmos socorrer aqueles coitados que têm estado a tentar negociar com Jaenelle.

Iam regressar ao hotel para passar a tarde. Marian apeteceu-lhe abra-

çar o Senhor Supremo por dizer que a manhã o tinha deixado exausto e que precisava de descansar. Dias seguidos de limpezas a fundo eram menos extenuantes do que uma ida às compras com Jaenelle Angelline e Marian aceitava com prazer uma oportunidade de se sentar. Almoçariam no hotel e depois...

— Esta noite vou levar estas duas senhoras a jantar — disse o Senhor Supremo enquanto aguardavam pacientemente por um cabriolé puxado a cavalos que os levaria ao hotel.

Marian ficou desanimada. Tinham conseguido fazê-la esquecer-se de que era uma criada, que o estatuto social que os separava era tão grande como a diferença das suas Jóias Violáceas em relação às Negras. Contudo, essas diferenças seriam dolorosamente notórias ainda antes de saírem do hotel e não queria que o Senhor Supremo se sentisse envergonhado por ser visto com ela.

— Não tendes de me incluir — disse Marian. — Com certeza que vós e a Senhora Angelline...

— Não nos queres fazer companhia? — As palavras foram proferidas com delicadeza, mas sentiu algo subjacente que não conseguiu entender. — Porquê?

Teve a estranha sensação de que não era a aceitação dela por parte deles que estava a ser questionada e sim a aceitação deles por Marian. Por isso, disse a verdade e esperou que fosse um daqueles machos que compreendia a vaidade feminina. — Não tenho nada adequado para vestir. — O que era verdade. Estava vestida com a túnica e a saia que Jaenelle lhe oferecera e eram as melhores peças de roupa que possuía – muito mais bonitas do que as peças que Luthvian lhe tinha dado – embora não fossem apropriadas para jantar fora.

O Senhor Supremo ficou paralisado e Jaenelle, que estava a observar a rua à procura de um cabriolé, girou lentamente para a encarar. A ira fria nos olhos do Senhor Supremo deixava-a nervosa mas foi a fúria gélida no olhar da Rainha que a alarmou.

Quando se apercebeu, um cabriolé tinha encostado, foi empurrada para dentro e o Senhor Supremo dava instruções para seguirem para as lojas de roupas.

Sem saber ao certo o que tinha feito para abalar ambos daquela forma, encolheu-se no banco, com as asas à volta do corpo, visto ser a única forma de se sentar numa carruagem que não fora concebida para passageiros com asas. Não se atreveu a referir que o Senhor Supremo queria descansar ou que julgava não ter dinheiro para um vestido de uma das lojas onde habitualmente os dois faziam as compras. Manteve-se imóvel para evitar que aquela ira gélida fosse centrada em si.

Além disso, ainda que esta ida adicional às compras tivesse sido iniciativa do Senhor Supremo, *era* homem e, com base nas observações que fizera dos homens que acompanhavam as senhoras à loja da sua mãe, perderia o interesse rapidamente e estariam de regresso ao hotel num ápice, com ou sem um vestido adequado.

Marian estendeu-se na cama, esforçando-se para não gemer. Quem diria que *um* homem pudesse saber tanto ou ter tamanho interesse pelo vestuário feminino? E sendo que esse homem era o Senhor Supremo do Inferno...

Entraram numa loja que servia os Sangue das famílias aristocratas. Em poucos minutos, os comerciantes das lojas vizinhas vieram a correr e Marian foi largada no meio de um tempestade que fez com que as compras de mobílias parecessem calmas em comparação. O Senhor Supremo reparou num vestido verde que complementava a sua pele morena clara. Enquanto estava na cabine de provas a ser cuidadosamente medida para que fossem feitas aberturas para as asas no vestido, o sapateiro mostrava-lhe a sua selecção de sapatos, outros comerciantes traziam selecções de saias, calças, xailes – o que quer que complementasse a tez eyriena de pele morena, cabelo preto e olhos dourados foi apresentado ao Senhor Supremo para inspecção. Seleccionou as peças e Jaenelle coagiu-a a experimentar tudo e, passadas duas horas, quando até a energia de Jaenelle parecia esmorecer e os comerciantes tinham um ar aturdido e exausto, tinha um guarda-fatos das melhores roupas que alguma vez possuía.

A porta abriu-se e Jaenelle entrou no quarto que partilhavam. — O Papá quer dormir um pouco mas eu vou até à sala de jantar para comer alguma coisa. E tu?

E ela? Nem conseguia levantar a cabeça da almofada. — Não tenho fome.

Jaenelle sorriu. — Está bem. Descansa.

— Porque ficaram tão arreliados por causa das roupas?

Jaenelle aproximou-se da cama e acorrou-se para que Marian não tivesse de olhar para cima. — Enquanto estiveste com Luthvian, ela levou-te a alguma loja em Doun?

Havia algo subjacente a esta pergunta, mas estava demasiado cansada para ser cautelosa. — Comprou-me roupa interior. Deu-me algumas peças de roupa que já não lhe serviam. — E insinuara que, mesmo essas peças de roupa, eram demasiado boas para uma humilde dona de casa.

Jaenelle acenou com a cabeça, com uma mistura de tristeza e raiva nos olhos. — Pedi a Luthvian que te levasse às compras para que compras-
ses roupas novas e, visto que a conheço muito bem e sei que se queixaria

por gastar os seus rendimentos noutra pessoa que não ela própria, dei-lhe marcos em ouro que chegavam para comprar essas roupas. Por ter optado por não o fazer... — Suspirou. — Tudo tem um preço. Fez uma escolha e o resto da família também fará a sua escolha.

— Não quero causar problemas.

— Não causas. — Jaenelle deu uma pancadinha fraternal no braço de Marian. — Descansa um pouco. Hoje à noite o jantar será muito agradável e amanhã iremos a Dharo.

Jaenelle já estava à porta antes que Marian conseguisse erguer-se apoiando-se nos cotovelos. — Dharo?

Jaenelle sorriu abertamente. — Ainda temos de comprar tapetes e não há ninguém em Kaeleer que faça tapetes mais requintados do que as tecedeiras de Dharo.

Marian ficou a olhar para a porta muito tempo depois de Jaenelle sair. Dharo. Tapetes. Outro dia de compras.

Encostou o rosto à almofada... e gemeu.

DÉCIMO PRIMEIRO

Rosnando baixinho, Lucivar andava para trás e para a frente no pátio de lajes defronte da casa alcantilada.

Em nome do Inferno, onde raio estaria ela? Dissera a Jaenelle que precisava de dois dias. Dois dias. Tudo bem. Percebia – haveria de perceber – a razão pela qual Marian não regressara na noite anterior. Quem sabe tivessem acabado as... o que quer que fosse – não se recordava o que sugerira a Jaenelle que fizessem como forma de manter Marian longe de Ebon Rih – demasiado tarde para regressar na noite anterior. E não as esperava ao nascer do sol, visto que não se podia dirigir a palavra a Jaenelle até beber o seu primeiro café. No entanto, era quase meio-dia e a irmã *ainda* não lhe devolvera a sua feiticeira doméstica.

Sentia a sua falta. Não reparara muito na sua ausência enquanto os homens andavam à sua volta a trabalhar, mas, no final do dia, quando entrava sozinho em casa...

A sua mera presença reconfortava a casa. Quando entrava em casa, sentia o conforto dessa presença. Havia dias que julgava que Marian se estava a habituar a ele e eram duas pessoas, interessadas uma pela outra, que se encaminhavam para viverem juntos ao invés de viverem no mesmo sítio. Noutros dias, afastava-se dele sem razão aparente, tornava evidente, pela forma como se comportava, que Lucivar era o Príncipe e Marian a governanta.

Fora cauteloso. Mantiveram um controlo asfixiante na reacção do corpo a Marian para não a tocar de um modo que a fizesse pensar que lhe exigia sexo. Contudo, ansiava por um convite para a cama dela, desejava levá-la para a sua cama, desejava... simplesmente. O desconhecimento sobre o que a levava a rejeitá-lo, contribuía para uma perigosa aresta de frustração num temperamento já aguçado.

Marian precisava de tempo. Lucivar dar-lhe-ia esse tempo. Continuará

espantadiça até perceber verdadeiramente que Lucivar não lhe faria mal. Por isso, seria paciente.

Seria. Paciente.

Olhou de relance para a escadaria que levava à área de desembarque e resmoneou.

Onde estava?

Passados alguns minutos, sentiu a presença de Marian na área de desembarque, bem como a de Jaenelle e a de...

Olhou para o céu. O que estava Saetan aqui a fazer a esta hora do dia?

A expectativa de a ter de regresso a casa, emaranhou-se de súbito com um ataque de nervos. E se odiasse o que aqui fora feito nos últimos dois dias? E se ficasse desiludida?

Foi então que a viu subir os últimos degraus. Parecia cansada. Estava maravilhosa. Queria arrebata-la nos seus braços e abraçá-la, mantê-la junto a si. Visto não poder fazê-lo, ficou à espera, em pé e imóvel.

Marian sorriu ao chegar às lajes e Jaenelle surgiu imediatamente a seguir. Com os nervos à flor da pele, lançou um olhar virulento – misturado com fúria – à irmã. — Estás atrasada.

— Eu e a Marian tínhamos andado a falar sobre livros e uma vez que passámos a noite na casa da cidade em Amdarh, aguardámos que as livrarias abrissem esta manhã — respondeu Jaenelle, com frieza.

Marian aproximou-se de Lucivar rapidamente, detendo-se onde não a poderia alcançar. — A culpa é minha. Havia tantos livros para escolher e não sabia que me esperáveis a uma hora... específica... — A voz perdeu-se ao reparar no novo muro em pedra e no portão em madeira que abria para lá do pátio. Em silêncio, dirigiu-se ao portão, abriu-o e seguiu o caminho de lajes que Tarl dispusera à volta dos canteiros orlados a pedra ou madeira. Olhou em volta, calada.

— Não sei que bicho te mordeu esta manhã — disse Jaenelle, colocando-se ao lado de Lucivar, — mas seja o que for... — Deteve-se. Olhou-o. — Oh. Oh, Lucivar.

Observou-a a seguir o mesmo caminho, viu-a a tocar no ombro de Marian. E sentiu um murro no estômago quando Marian se virou e lhe viu lágrimas nos olhos.

— Saíste-te bem, Príncipe — disse Saetan, em voz baixa.

Lucivar virou costas às duas mulheres que se abraçavam. — Pois. Saí-me tão bem que a fiz chorar.

— Sob aquela natureza calma, é uma mulher de emoções fortes. O presente que lhe oferecete é de grande significado. Esperavas que te respondesse com um simples e educado “obrigada”?

— Não esperava que chorasse — resmungou Lucivar. Visto que não

queria ter de lidar com mulheres chorosas, examinou o homem. O orgulho e a aprovação nos olhos de Saetan contribuíam muito para acalmar-lhe os nervos.

Quando Saetan se dirigiu ao lado oposto do pátio para ver o quintal murado e os canteiros que Tarl e os outros homens tinham construído, Lucivar reparou que mancava ligeiramente, o que arruinava a passada habitualmente graciosa do seu pai. O que significava que a perna doente de Saetan estava a incomodá-lo. Algo que acontecia quando a esforçava em demasia.

— O que te trouxe aqui? — perguntou Lucivar.

— Para concluir os meus deveres de acompanhante — respondeu Saetan.

Lucivar franziu o sobrolho. — Porque estavas a realizar deveres de acompanhante?

Virando-se de frente para o filho, Saetan disse causticamente: — Porque sou teu pai. — Gesticulou na direcção da porta aberta da casa alcantilada. — E se déssemos mais alguns minutos às senhoras enquanto nós tratamos do resto?

Do resto? Lucivar magicou ao seguir o pai para dentro de casa. — O resto de quê?

— Da mobília.

— Qual mobília?

Saetan limitou-se a olhar para Lucivar, com uma expressão que se dividia igualmente em compaixão e irritação divertida. — O que foi que pediste, propriamente, à tua irmã para fazer?

Lucivar resistiu ao ímpeto de se mostrar embaraçado. — Que levasse Marian de Ebon Rih por dois dias.

— E como conseguiria Jaenelle este feito?

Não sabia para onde estava a ser levado, mas estava certo de que não iria gostar. Encolheu os ombros, tentando encontrar a arrogância que era natural num macho eyrieno. O facto de não a conseguir encontrar sob o olhar atento do pai deixou-o preocupado. Muito preocupado. Todavia, lembrou-se finalmente do que dissera a Jaenelle quando lhe perguntara que desculpa iria usar para exigir dois dias de Marian. — Disse-lhe para comprar um tapete ou um móvel, algo que fosse do interesse de uma feiticeira doméstica.

— Um tapete — disse Saetan, pausadamente. — Um móvel. Compreendo. — Suspirou e ergueu a mão.

A sala encheu-se subitamente de móveis, não restando quase espaço de passagem.

Lucivar arregalou os olhos. — O que é isto?

— A mobília que a tua irmã comprou em teu nome. A teu pedido.

— Mas...

— Vou colocar a mesa e as cadeiras na sala de jantar — disse Saetan, passando pelo estreito corredor que deixara aberto.

— Mesa? Cadeiras? — Lucivar correu atrás do pai. Assim que entrou na sala, já uma mesa e oito cadeiras estavam dispostas junto a uma parede.

Saetan arqueou as sobrancelhas. — Talvez seja melhor deixar também aqui os tapetes.

— Tapetes?

E eis que surgiu um monte de tapetes enrolados, que ocupavam metade da divisão.

A ferroada de desilusão surpreendeu-o. Pese embora não tivesse uma verdadeira vontade de passar pela tarefa deprimente de ver móveis, pretendia comprar a sua própria mobília para que a casa alcantilada lhe transmitisse o sentimento de um lar que reflectisse a sua personalidade, para não ter de habitar num lugar criado por outrem. Na verdade, não sabia como conseguiria fazê-lo, mas, ainda assim...

— Querias ser tu a escolher, não querias? — perguntou Saetan, com uma compreensão imensa.

Lucivar encolheu os ombros. Jaenelle passara os últimos dois dias a fazê-lo por ele – e arrastara também Saetan – pelo que jamais iria proferir uma palavra que lhe pudesse esmorecer o deleite.

— Se te serve de conforto — disse Saetan, — foi Marian que seleccionou grande parte e o que não foi ela a escolher não foi adquirido sem a sua aprovação. Com uma excepção.

A ferroada de desilusão transformou-se zunido de interesse quando regressou à sala principal e examinou os móveis com mais atenção.

Marian escolhera tudo isto. O que significava que se sentiriam à-vontade a viver entre estes móveis. Marian estava contente, o que bastava para o deixar satisfeito.

Nesse momento, lembrou-se da última frase de Saetan. — Qual é a excepção?

— Ah — exclamou Saetan. — Vais ter de fincar o pé quanto a isso.

Retiraram-se para uma divisão vazia. Quando Saetan invocou o móvel que restava, Lucivar examinou-o, tentando perceber o que levava a diferenciar-se dos outros.

— O que é isto? — perguntou, por fim.

Saetan ergueu um dedo. Portas e gavetas abriram-se. — É um armário de costura. Para guardar materiais. Marian aprecia tecer nos tempos livres e está acostumada a fazer a sua própria roupa. Queria este móvel, mas não o podia comprar...

— Pode comprar o que raio lhe aprouver — rosnou Lucivar.

Saetan anuiu. — Tu sabes. Eu sei e Jaenelle também sabe. Marian ainda não entendeu e julgo que o seu estatuto como humilde governanta está a ser corroborado com frequência.

O rosnado acentuou-se e virou-se contra o pai. — Não é uma humilde *nada*. É uma mulher afectuosa e atenciosa que possui os seus próprios talentos e aptidões e lá porque recebe ordenado por usá-los...

Foi interrompido pela raiva gélida no olhar de Saetan. Algo o deixara irritado nos últimos dois dias. Tinha vindo a ferver em lume brando sob a superfície, firmemente controlado, mas estava prestes a explodir. Em breve.

Os seus pensamentos dispararam, pensando na forma como Marian, alguns dias, se afastava dele, usando a posição de governanta como um muro entre ambos. Saetan devia ter tocado no mesmo muro, todavia o Senhor Supremo, que possuía uma compreensão muito mais profunda relativamente às mulheres, percebera o que fortalecia esse muro. Desde que habitava em Ebon Rih, quem continuava a dizer a Marian que não passava de uma humilde...

O seu olhar fixou-se no de Saetan e, percebendo a resposta, praguejou baixinho, ferozmente, ao mesmo tempo que a fúria disparava.

— Eu trato disto — disse Saetan, com demasiada serenidade. — Não deves entrar em conflito com a tua mãe por causa deste assunto.

— E porque não? — ripostou Lucivar. — Ama-me por ser seu filho e odeia-me por ser guerreiro eyrieno, daí que a nossa relação não seja propriamente cordial. — E esse amor, recordou-se amargamente, fora bastante distorcido ao ponto de o oferecer, pelo que tinha crescido na crença de que era um bastardo mestiço, numa luta eterna e incessante para conquistar um lugar na sociedade eyriena.

— Eu trato do assunto, Lucivar.

A ordem de um pai. De resto, Lucivar sabia com uma certeza arrepiante qual seria a sua reacção se Luthvian usasse o seu tipo específico de Arte para prejudicar Marian de alguma forma e o conhecimento de que já teria tentado envenenar com palavras o que Lucivar estava a tentar erigir... Era melhor ficar afastado da mãe por uns tempos.

Quando saíram pela porta lateral da casa que dava para o jardim, Jaenelle dirigiu-se-lhes com um olhar contundente.

Escudei-a informou Jaenelle. *Ser varrida pelos vossos temperamentos só iria estragar-lhe o momento de deleite, por isso, se ainda não estiver resolvido, escolham outra hora e outro sítio para o fazerem.*

Está resolvido respondeu Saetan.

Lucivar acenou com a cabeça, em silêncio.

Voltando a centrar a atenção em Marian, Jaenelle sorriu. — Eu e o Papá temos de ir. Daqui a um ou dois dias envio-te os rebentos de que falámos. Agora tens muito para plantar.

— Oh — exclamou Marian. — Perdoem-me. Nem me lembrei. Sois servidos de algo para comer antes de partirdes?

— Não, obrigado — respondeu Saetan, sorrindo afectuosamente para Marian.

Sem saber até que ponto Jaenelle estava aborrecida com ele por ter deixado o temperamento escapar ao seu controlo, Lucivar suspirou de alívio quando Jaenelle se despediu com um beijo, antes de aceitar o braço de Saetan e regressar à área de desembarque onde a Carruagem os aguardava.

E Lucivar ficou sozinho com Marian, que sorriu timidamente. Também receberia um beijo dela de bom grado, mas só o facto de sugerir, mesmo em ar de brincadeira, iria abalá-la, pelo que se contentou com o sorriso.

— Obrigada — disse. — É maravilhoso. Melhor do que poderia imaginar.

— O jardim é do teu agrado?

— Claro que sim.

Lucivar acenou com a cabeça. — Vai ficar ainda mais bonito quando puseres tudo em ordem.

Tinha pretendido dizê-lo como um elogio, pelo que não soube o que pensar quando viu os olhos da feiticeira a arregalarem-se e pareceu ficar aflita.

— Oh — disse. — Os móveis.

— Não há problema.

— Bem sei que as tarefas da casa têm prioridades, por isso não...

Interrompeu-se face à mão erguida de Lucivar.

Iriam aprender a chegar a soluções de compromisso. Era uma boa altura para começar.

— Estão aqui muitas plantas — disse, indicando com a cabeça as dúzias de vasos em barro que obstruíam vários dos caminhos junto aos canteiros. — Visto que são seres vivos, tens de tratar delas em primeiro lugar. Por isso, vamos chegar a um meio-termo.

Observou-o prudentemente. — A um meio-termo.

— Pois. — O seu estado de espírito aligeirou-se. Estava prestes a irritá-la, mas ela teria de lidar com isso. — Se quiseres ficar no jardim do nascer ao pôr-do-sol, até que esteja tudo na terra, por mim não há problema – desde que prometas que não vais erguer um único móvel, quer seja por meio da Arte quer seja por outro método qualquer.

— Mas é preciso organizar os móveis e...

— E eu encarrego-me de os mover, de os erguer, o que quer que seja

necessário para os pôr onde os quiseses. Tenta fazê-lo sozinha e passarás o dia na cama a descansar, independentemente do que penses que tens para fazer.

Viu as mãos de Marian a cerrarem-se.

— Chamais isso de meio-termo? — A sua voz quase chegou a tornar-se num grito.

Fingiu reconsiderar e, de seguida, suspirou. — Muito bem. Podes carregar os candeeiros.

— Os candeeiros.

Com esforço, conseguiu não se rir. Se esta situação envolvesse Jaenelle, este seria o momento em que estaria a bufar e a silvar. Obviamente, teria de se esforçar um pouco mais para que Marian alcançasse essa fase.

— A vossa irmã não aceitaria meios-termos.

Desta vez o sorriso rasgado foi inevitável. — Aceitaria, sim.

A resposta deixou-a desorientada ao ponto de libertar um brilho débil de irritação. — Mas... é a Rainha.

— É também uma mulher inteligente que reconhece uma batalha perdida.

Observou-a a reflectir. Se Jaenelle não conseguia teimar com Lucivar quanto a algo deste género e ganhar, também ela própria não iria conseguir vencer.

— E se fosse aquecer qualquer coisa para comermos? — sugeriu Lucivar.

— Eu posso...

— Aceitar meios-termos.

Fez-lhe má cara.

— Eu aqueço qualquer coisa para comermos enquanto conferes os utensílios no barracão para te certificares de que tens tudo o que precisas.

Os seus olhos iluminaram-se ao girar para olhar o barracão construído pelos homens entre dois canteiros da extremidade do jardim. Hesitou momentaneamente e, de seguida, virou-se para Lucivar. — Podemos chegar a soluções de compromisso.

A felicidade que emanava de Marian enquanto se dirigia pelo caminho até ao barracão fez o coração de Lucivar vacilar. Era isto que desejava. Desejava Marian. Não iria pensar em mais nada nos dias seguintes, concedendo-se o deleite de trabalhar com ela na construção de um lar para ambos, ainda que Marian não se apercebesse para já desse facto.

E deixaria que o pai tratasse do obstáculo no caminho.